CODIFICAÇÃO DA LEI DA UMBANDA

Emanuel Zespo

EDITORA ESPIRITUALISTA

Este livro está constituído de duas partes da obra "Codificação da Lei Umbanda", de Emanual Zespo, publicadas em 1.ª edição em volumes independentes.

Para comodidade dos leitores, apresentamos agora a 2.ª edição em volume único, porém mantendo a estrutura da obra com a divisão da matéria em duas partes.

A primeira (parte científica), através dos seus capítulos — Diretrizes, O que é uma religião, O que é o Espiritismo, O que é o Batuque e a Macumba. O que é a Umbanda, Desenvolvimento da mediunidade em Umbanda, Ogun — anali-

1953/1950?
1ª edic.

CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA

Colegio Pena Branca
Alexandre Cumino

Em "Praticar de Umbanda", Oliveira Magno, 1951 cita Emanuel Zespo (1950?)

Colegio Pena Branca
Alexandre Cumino

EMANUEL ZESPO

CODIFICAÇAO DA LEI DE UMBANDA

2.ª EDIÇÃO

EDITÔRA ESPIRITUALISTA LTDA.
Rua Frei Caneca, 19
Rio de Janeiro
1960

Colegio Pena Branca
Alexandre Cumino

ÍNDICE

I — PARTE CIENTÍFICA

Prefácio 7
Diretrizes 15
O que é uma religião 19
O que é o Espiritismo 27
O que é o Batuque ou Macumba 33
O que é a Umbanda 47
O desenvolvimento da mediunidade em Umbanda 53
Ogun 63
Posfácio 67

II — PARTE PRÁTICA

Princípios aceitos sôbre a liberdade de culto 73
Hino de Umbanda 75
Hino de Arabutan 76
O que é a Umbanda 77
O Terreiro de Umbanda 91
Os nossos terreiros 101
Codificação 109
A Iniciação 113
Sessões de Umbanda 119
A mediunidade 123
O Plano invisível 129
Os orixás 135
Os pretos velhos. A luz existe para dissipar a treva. Conselhos do Pai João 141
Os caboclos 149
Os caciques 155

Colegio Pena Branca
Alexandre Cumino

PREFACIO

Escrevemos para o umbandista e para o não umbandista.

Ao primeiro fornecemos os argumentos científicos com os quais êle poderá justificar ao mundo a razão de ser da Umbanda. Ao segundo damos explicações claras do que é a Umbanda, sua origem, sua teogonia e sua posição exata em relação às demais religiões humanas organizadas.

As religiões, como as civilizações, nascem, evoluem e morrem, à medida que os séculos passam.

Nenhuma é a verdadeira, porque tôdas são verdadeiras, uma vez que são o caminho para Deus.

O que vale é o caráter do homem, o fundo de sua alma e não a forma externa pela qual êle cultua o Criador.

Quaisquer merecimentos espirituais, para a vida do Além, decorrem de ações materiais, logo ao próprio ateu é facultado imenso crédito por suas boas ações.

Mais vale um homem sem religião, que respeite e ame a seu próximo como irmão, do que um religioso fanático que engole hóstias em um domingo e vomita calúnias o resto da semana.

A roupa não faz o homem.

A religião — roupagem do espírito — não faz a alma.

O sofrimento, a dor, as experiências amargas, o sentimento de amor ao próximo, o desejo sincero de buscar a verdade, sim, são as coisas que elevam, que enobrecem e divinizam o ser humano.

A Umbanda — tal como surge agora no Brasil — é uma religião nascente, nova, moderna, produto da civilização ambiental; mas, também velha, antiga, remota quanto aos seus preceitos, à sua teogonia...

Tanto quanto o Budismo aproveitou quase tudo do Bramanismo, o Cristianismo conservou o melhor do Mosaísmo, assim a Umbanda aproveita, conserva e guarda o que de bom e aproveitável pode haver em tôdas as religiões do passado.

A Umbanda não é apenas uma corrente religiosa: ela é o sincretismo de tôdas correntes religiosas, ela guarda os fundamentos de tôdas teogonias e resume as bases de tôdas as filosofias.

Sua prática, contudo, como a de tôdas religiões em sua fase inicial, está afeta aos humildes de cultura, aos humildes de posição social. Aos poucos é que os letrados da terra, os doutos se vão interessando pelo assunto, e nem sempre encontram meios como instruir-se melhor.

Quem observa as coisas pela aparência, julga ser a Umbanda um ramo do Espiritismo; e, mesmo muitos de seus adeptos contentam-se com tal e não procuram ir além das manifestações dos Caboclos e Pretos Velhos.

Isto não basta para que se conheça Umbanda.

Qualquer fiel, católico por exemplo, pode seguir muito bem sua religião, indo à missa, recebendo os sacramentos, assistindo às novenas, acompanhando as procissões, cumprindo os mandamentos; contudo, para dirigir os destinos de uma paróquia ou presidir o culto em uma igreja, torna-se mister um curso sério nos seminários, um estudo profundo de teologia, uma série de iniciações e disciplinas.

Semelhantemente acontece em qualquer religião e outro tanto deve ser na Umbanda.

Aquêle que queira ser Cacique em um terreiro, ou Chefe de tenda, deve estudar, estudar muito a Umbanda e não se pode arrogar a tal pôsto pelo simples fato de ser médium, pois o médium, no geral, nunca se sabe conduzir na vida terrena: precisa ser esclarecido, orientado, educado, instruído.

Eis porque, a seguir, damos à publicidade, sob o título "Diretrizes", as sugestões que apresentamos à Federação de Umbanda.

Está quase tudo por ser feito.

Lutemos, pois, e comecemos pela Codificação.

Comecemos pela Codificação na parte Científica e na parte Ritualística; mas não esqueçamos que a base da parte Moral é a Confraternização de todos os Umbandistas.

Unidos venceremos! Sem união, seremos párias!

Não somos médium, não somos cacique, nem almejamos uma função na hierarquia da Federação. Temos ordem apenas de escrever e orientar aquêles que desejam a liderança do movimento.

Em nosso retiro temos recebido instruções de Pai Joaquim de Aruanda, Pai Antônio de Aruanda, Pai João de Oxalá e outros tantos guias que seguimos há muitos, muitos anos, e cumprimos as ordens de transmiti-las por escrito aos nossos irmãos. É só.

Cabe aos responsáveis pelo movimento externo, Caciques, Chefes de Tendas, Presidentes de Centros, Federação, Uniões, Propagadores, Autores, Médiuns, etc. meditarem profundamente sôbre o que fica explanado neste simples e humilde esbôço de Codificação, consultando seus próprios guias quanto ao que dizemos.

Somos conscientes de nossas responsabilidades e não iremos além daquilo que nos determinaram cumprir.

*

* *

O melhor de nossa vida, nossa saúde, nossas afeições, nosso bem estar material, nosso sossêgo espiritual, nossas noites de repouso, nossos dias de folga, nossos bens, nossos amôres, tudo temos sacrificado pela causa de Umbanda.

Temos carregado esta cruz que nos coube nesta existência como a formiguinha que cai sob o pêso da pedra que carrega. Nem sempre podemos manter o fardo às costas: falta-nos fôrça. Tombamos com êle, arrastamo-lo pela estrada de espinhos, até que, voltando-nos o amparo dos guias, possamos soerguê-lo do solo, repô-lo aos ombros e continuar nossa marcha, ora cantando, ora chorando.

Já nos tem faltado a esperança, porque só encontramos os desenganos, as desilusões; já nos tem faltado a caridade, porque só encontramos a ingratidão; mas não nos faltou jamais a fé, porque cremos que o PAI TUDO VÊ.

Mesmo quando a dor física nos faz arrastar o corpo pela estrada, trabalhamos, trabalhamos, embora gemendo, embora sabendo que a paga inevitável do trabalhador de Umbanda é outra dor, outra ingratidão.

Por nós, por nossa felicidade pessoal, nunca quisemos jogar à beira do caminho o fardo que nos foi impôsto: preferimos sucumbir esmagados pelo seu próprio pêso: cremos no Pai, confiamos em Jesus. Entretanto, pelo bem de muitos que nos cercam e de cuja felicidade o nosso fardo tem sido um obstáculo, já quisemos libertar-nos de vez desta CRUZ assaz pesada. Se tentamos a renúncia da missão, é sempre por poucas horas, poucos instantes, porque logo batem a nossa porta implorando a caridade e, porque também sofremos, retomamos a luta com a coragem e a fé de todos os tempos.

Não queríamos codificar, não queríamos escrever nem trabalhar: o mundo tem suas seduções, seus encantos, seu amôres... Poderíamos ter tomado outro rumo, um karma que é nosso, sòmente nosso, se viríamos resgatá-lo em qualquer outra reencarnação?...

Esta é a nossa confissão leal, de peito aberto, e fazemo-la para que não julgue o neófito que do lado de cá tudo são flôres. Não. Aqui há luta, gemidos, dores, tristezas, solidão, angústia... É o umbral, é o resgate a todo o mal que temos feito a nosso semelhante.

Não se entre, pois, para a Umbanda buscando apenas o minorar de uma dor, o confôrto, o refúgio. A Umbanda é Lei de Sacrifício, é renúncia, é crucifixão. Lembre-se todavia o discípulo que não pode haver Redenção sem Paixão.

Saravá o Caboclo das Sete Encruzilhadas!

Viva Jesus!

EMANUEL ZESPO

I

PARTE CIENTÍFICA

DIRETRIZES

Observando-se:

que a Umbanda, no Brasilt, não é e nem foi a criação de um só homem,

que não teve um missionário especial no plano visivel e nem um Messias especial,

que surgiu simultâneamente em diversos pontos do País, como evolucionismo histórico-religioso de outras seitas submetidas ao sincretismo nacional,

que sua origem ritualística é uniforme,

que emanou diretamente do plano Invisível, através das diversas manifestações, inicialmente espontâneas, de entidades que se apresentavam sob a aparência de Prêtos Velhos e Caboclos, e

que não possui livro ou código basilar, alicerçando-se tão sòmente nas instruções ministradas pelas ditas entidades, e

que embora obedeçam tais entidades a uma Determinação Superior, única, real, universal, as interpretações têm sido diversas, segundo os meios onde se processam as manifestações e os homens que as interpretam,

era e é natural que se não tivesse ainda conseguido uniformizar a ritualística, codificar os ensinamentos, reunir os adeptos num só rebanho, organizando-se um movi-

mento religioso coeso e uno, a exemplo do que se verificou com o Mosaísmo, o Budismo, o Catolicismo, o Maometismo, o Protestantismo, etc.

Contudo, cumpre observar e em tempo ainda, que, não havendo centralização de diretrizes, codificação de ensinamentos, uniformização externa da ritualística e sacerdócio organizado, a exemplo de tôdas as religiões de todos os tempos, o destino da Umbanda será dispersivo e fraco.

Verifiquem os umbandistas todos os erros da desorganização kardecista e não incorram na sua repetição.

Para que se tenha um futuro sólido e firme, tornando-se a Umbanda uma religião respeitada pelo poder público, torna-se mister o seguinte:

1.°) que se filiem à União de Umbanda tôdas as casas do País que se consideram praticantes da Lei de Umbanda, aceitando e seguindo as instruções que emanarem do poder central;

2.°) que se organize na Capital da República, e imediatamente, uma escola para "sacerdotes" de Umbanda (diretores de terreiro, caciques, etc.), na qual sejam ministrados ensinamentos quanto à teogonia umbandista, organização de centros ou sociedades (templos), cuidando-se da formação cultural-espiritual dos que se querem colocar no lugar de mestres ou diretores de centro, etc.

3.°) convocação de um concílio ou congresso, a fim de que se assentem as bases da doutrina umbandista e sua moral — deliberando-se a criação de um Conselho Superior de um certo número de membros mais cultos e mais entendidos na prática de rituais umbandistas — do que possa emanar uma direção nacional e geral realmente unificadora.

É bem verdade que a Umbanda está muito divulgada no Brasil; mas é também verdade que muitos vivem à custa da Umbanda: há caciques, médiuns, fazedores de banhos e defumações, etc., cuja renda é produto da crendice do próximo.

Ora, se queremos uma religião-moral, devemos organizá-la como religião que é.

Eu, depois de muito ver, muito meditar e muito estudar, sugiro que a União de Umbanda tenha uma renda proveniente de contribuições de todos os umbandistas do Brasil, a fim de poder assalariar sacerdotes educados, instruídos e credenciados pela União, a exemplo das organizações protestantes, tão decentes, tão dignas e tão honestas como quaisquer outras de cunho religioso.

O "sacerdote de Umbanda" deverá fazer seu estágio na União ou na escola para tal por ela indicada. Uma vez examinado quanto à sua capacidade, sua conduta, etc., poderá ser investido de suas funções de Chefe de Terreiro, Cacique ou Diretor de Sessões (escolha-se um nome) junto ao Centro a que se destine, ao qual se deverá dedicar de corpo e alma, percebendo um salário da União equivalente ao nível social de um pastor protestante ou padre católico.

Qualquer contribuição ou "presente" de irmão curado (isto é coisa de todos os dias nos terreiros movimentados) deverá ser encaminhado à União. Nada poderá receber para si o sacerdote de Umbanda além do seu ordenado.

Sei que é difícil pôr a coisa nos eixos e empreender uma organização de tal vulto. Mas... o que não é difícil neste mundo de fracos?

Ou se faz assim, organizando-se a Umbanda como qualquer outra religião, ou viveremos nós os umbandistas comendo uns aos outros, altruístas e interesseiros.

Em uma cidade, dois terreiros fazem e atendem tudo de graça, vivendo das contribuições de seus sócios para aluguel, luz, etc. — enquanto que outros cobram passes, vendem consultas e conselhos de guias, exploram o comércio de chás, defumações, banhos, etc.

Dirão que é caso de polícia. A polícia, entretanto jamais exterminará o "vendedor de caridade", como jamais exterminou o cartomante, o astrólogo mercante; e,

sempre que o poder público assume atitude repressora de tais abusos, paga o justo também, isto é fatal.

Repito: poder central, sacerdócio capaz e remunerado, codificação doutrinária e organização nacional são os fatôres que poderão imprimir à Umbanda um progresso firme, real, moralizador, libertando-a dos oportunistas e falsos profetas.

Medite-se desapaixonadamente sôbre o que ficou dito.

I

O QUE É UMA RELIGIAO

"Enquanto houver um só homem sôbre a terra, existirá a religião: a religião que religa o Microcosmo ao Macrocosmo."

(**Waldemar Bento** — "A Magia no Brasil", Prefácio)

Uma das coisas mais difíceis, em qualquer ramo da ciência, é a "classificação". Classificar uma planta ou um animal exótico é assunto que, às vêzes, demanda tempo, exame criterioso e muito estudo. A classificação de um tipo racial ou de um idioma é ainda um empreendimento mais difícil. Isto sabemos por experiência própria; pois, quando tivemos que classificar genealògicamente povos e idiomas, como o basco, o albanês e o dravídico, gastamos 6 anos de estudos continuados e perquirições cuidadosas.

A empreendermos a codificação da Lei de Umbanda, encontramo-nos, portanto, no mesmo dilema do primeiro zoólogo que precisou classificar os zoófitos (animais plantas).

Encontramo quase tudo por fazer e expor neste terreno. Até hoje, nada de "claro" ao público, em matéria literária sôbre a Umbanda. Daí a grande confusão reinan-

te: uns pensam que Umbanda é batuque africano, outros falam em religião de Umbanda; os kardecistas, por sua vez, atrevem-se a mais: dizem que Umbanda é baixo espiritismo; quanto aos católicos nem é bom falar: basta se leia uma obra como "O Sincretismo Religioso no Brasil", de Gonçalves Fernandes [1], para que se pense ser o "umbandismo" um caso de polícia.

Realmente, para o profano, tudo quanto foge ao domínio do "dogma material" é caso de polícia. Entretanto, os devotos de Nossa Senhora de Lourdes sabem perfeitamente que Bernardette, a iluminada da Fonte de Lourdes, também foi julgada pelos seus contemporâneos um caso de polícia. O próprio Jesus Cristo, em virtude de seus milagres e de sua pregação, foi entregue à polícia do seu tempo.

Em tôdas as sociedades há "esbirros", e o "esbirro" é como o cão de guarda: defende o dono e nada mais, pouco se importando que o atacado seja "o bom", o que está com razão. Assim, sempre haverá perseguições, e todos os reformadores, reveladores ou pregadores de coisas tidas como "novidades" terão que lutar com o preconceito social, sempre pronto a lançá-los no pelourinho, na cadeia ou no manicômio.

Quem não tiver fibra, pois, e que não quiser sacrificar sua comodidade e arriscar o "pelego" que não se arvore em pregador da Verdade.

Nós estamos na luta, e com coragem, porque já experimentamos na própria carne, em dor e açoute, o preço de uma verdade. Já não temos mais temores. Temos sòmente mêdo de uma coisa: do mêdo mesmo!

Abaixo o TABU!

Diga-se a verdade, e, para que, em verdade, se bem defina e classifique a Umbanda, mister se torna antes expor o que é uma religião, o espiritismo e o batuque. Vamos por "etapas". Ninguém deve estudar álgebra sem conhecer aritmética!...

(1) Editôra Guaíra Ltda., São Paulo - Rio, 1941.

O que é uma religião?...

Tal como se entende hoje no mundo, uma religião é um conjunto de regras práticas para cultuação e veneração do Supremo Ser que se chama Deus e todos os Sêres Espirituais que o representam, tais como os Santos e Anjos, no Catolicismo, etc.

Uma religião, em sua forma externa, é algo pleno de ritualística, cerimoniais, etc., por meio do que o homem expande seu desejo de se "RELIGARE" a Deus e aos Sêres tidos como divinos.

Tanto quanto tem sucedido com as normas sociais de civilização, que variam de idade para idade, de povo para povo, acontece com as normas religiosas que são diversas de época para época, de país para país, mesmo em se tratando da mesma fonte teogônica. A religião ou as religiões, também estão sujeitas à lei do evolucionismo universal. Nem mesmo a Igreja Católica, que se gaba de sua uniformidade de culto e dogmas, conseguiu fugir à evolução; e basta que se estude a História da Igreja, seus Concílios, as Bulas Papais, os Evangelhos, os costumes cristão, etc., para que se depreenda do grande transformismo católico através dos séculos.

A Igreja Católica subsiste ainda e com tal pujança, exatamente graças ao seu grande poder de adaptação ao mundo ambiente. As religiões são como as línguas, ou evoluem, crescem e se aperfeiçoam, ou se cristalizam, diminuindo em ação e poder, ou morrendo mesmo.

Uma das bases sustentadoras da religião é o dinheiro. É paradoxal que aquilo que se destina ao espírito precise alimentar-se da matéria. Ainda há tempo, ao visitarmos um Seminário Católico, ouvimos o Revmo. Diretor dizer-nos: "O dinheiro governa o mundo, e como no mundo estamos somos por êle governados". Bela frase para um "representante" de Cristo na terra!...

As religiões têm os seus criadores, os seus profetas, os seus instrutores populares, os seus codificadores, os quais geralmente são sêres humanos idealistas, grandes sábios e grandes místicos. Depois seguem-se os ministros, os sacerdotes e êstes é que, para sustentar a obra externa, os templos, os cerimoniais, a propaganda, etc., lançam mão dos recursos econômicos solicitando ajuda monetária dos prosélitos ou "fiéis".

Não criticamos, nem censuramos isto: limitamo-nos à constatação de um fenômeno social.

Há numa religião, o "sacerdote" ou ministro, o oficiante, enfim, do cerimonial externo, aparatoso ou não. Existe também uma hierarquia sacerdotal que geralmente culmina com um Chefe Supremo no mundo visível, e atos de "sacrifício" (oferendas) e sacramentais.

Há, enfim, mil formas externas de manifestação do homem como "ânsia de cultuar" a Divindade.

Tôdas estas manifestações, contudo, como as preces formuladas, as procissões, as missas, os sacramentos, as festas, as vestimentas aparatosas, os objetos ou utensílios da cultuação, etc., etc. — são apenas mostras externas, são formas exteriores de religião, mas não são a única e verdadeira religião humana. Esta não está na demonstração ou manifestação exterior e sim na alma, no âmago do ser, pois, em sendo Deus puro espírito e Espírito Puro, como o querem todos os religiosos, só pode ser sentido pelo espírito e o perfeito "religare" é a consciência integral de que nossa consciência individual é partícula infinitesimal da infinita Consciência Universal.

Assim pensamos. E, assim pensaram Buda, Jesus, Paulo de Tarso, Allan Kardec e muitos outros.

É exatamente êste conceito exato do "religare" que leva muitos kardecistas a desprezar quaisquer manifestatações ou exteriorizações de cultos ou ritos, transformando-os, na prática, em pessoas que não se afastam da linha científica em tudo que diz respeito às coisas tidas como de Deus.

Tais criaturas acham-se evoluídas a um grau tal que não concebem a manifestação religiosa no plano físico. Não aceitam cultos e condenam todos os que são de índole religiosa apelidando-os de místicos. E a palavra "místico" tem, às vêzes, para os cientistas um sentido pejorativo.

Êstes deístas que abundam nas camadas do Espiritismo de Kardec, são quase sempre mais intransigentes e intolerantes que os materialistas marxistas.

Em certos casos, é mais fácil a convivência com um comunista engeliano do que com um espiritualista que se diz kardecista. Aquêle, ao menos, se sabe que ainda está investigando a matéria, caminho natural de todo pesquisador consciente que queira buscar a verdade (deve se começar pelo princípio: o visível, o material); ao passo que êste já está no plano das investigações do espírito, mas, no que toca à manifestação da parte mística indólica do ser humano, o seu espiritismo é tão metafísico que nega a expressão religiosa da criatura no plano terrestre.

Dirigindo-me a esta categoria de espiritualistas, eu disse, certa vez, em uma cidade do Rio Grande do Sul, em conferência pública, certas verdades que acho por bem repetir neste capítulo noutros têrmos:

Senhores Espíritas Científicos!...

Desafio-vos a que me proveis que não sois também místicos ou religiosos de outros matizes, embora, por palavras, digais o contrário.

O que é a arte, a pintura, a música, a escultura, a poesia senão manifestação mística do ser humano?

O que é o amor que tendes por vossas espôsas, por vossos filhos, por vossos amigos, senão manifestações da religião. Não fazeis o "religare" quando amais?

O que é o patriotismo senão uma religião?

O que são os símbolos pátrios, as bandeiras, os brasões, os monumentos, os hinos, os estandartes, senão manifestações da índole mística do ser humano?

Se não admitis um culto externo a um Deus, como

aceitais um culto externo à Pátria, ao Estado, à Autoridade, aos Costumes e à Moral?

Ou fazeis tôda essa ritualística dos deveres da cidadania por mera hipocrisia?

Se assim agis sois fariseus!

O que é a vossa moral social, a vossa moral familiar e a vossa moral cívica senão uma religião?

O que é o casamento civil, com juiz, testemunhas, convidados, pompas, cortejos, juramento, promessas, etc. senão um sacramento de religião civil?!...

Sabei, meus caros científicos, que nem mesmo o materialista e o ateu se libertam da mística e o pensamento que encabeça êste capítulo é um axioma: "Enquanto houver um só homem sôbre a terra, existirá a religião!"

Que são os símbolos marxistas (foice, martelo, estandartes, etc.) senão verdadeiros "ídolos" de uma religião materialista,

Que são vossos comícios e desfiles senão verdadeiras "procissões"? E os vossos líderes, não são acaso ídolos de uma religião de antropolatria?...

Desafio, pois, ao homem mais evoluído, ao mais materializado ou ao mais espiritualizado, dêste mundo, a provar que não possui qualquer mística, que não é, portanto, um religioso, em última instância, inconsciente.

Eis a verdade: até o ateu "reza", embora de tal não se aperceba.

Certa vez, um meu amigo marxista — ateu, secretário de célula comunista, rapaz inteligente e culto, passeava comigo pela rua dos Andradas, em Pôrto Alegre.

Na esquina da dita artéria com a Avenida Borges de Medeiros, vimos um "pacote" no chão. Pela forma e côr do papel, deduzi tratar-se de um "despacho" feito por "batuqueiros". Apesar de minha advertência neste sentido, o meu amigo "incrédulo" agachou e agarrou o pacote. Ao abri-lo, sua fisionomia mostrou claramente o que lhe ia na alma (temor do desconhecido) e foi "tão sincero e natural", nesta hora, deixando expandir-se sem

"as grades da gaiola marxista" que, virando-se para mim, perguntou:

— Que vou fazer, agora? Não me acontecerá nada?...

— Não! respondi-lhe. — Vamos mais adiante, noutra esquina, e você larga êsse "despacho" a Exu, no chão, e sem olhar para trás, vai andando.

Êle obedeceu como um cordeirinho.

Que tal os senhores do cientificismo?...

Ah! ah! ah!...

Só mesmo rindo é que se os define.

Assim como a química, a religião tem suas regras, seus segredos "de laobratório" (se é que me permitem a figura) e é nesta altura da ritualística que ela se transforma em magia — bem como acontece com a própria química que, quando oculta, se diz alquimia.

O mago é um religioso que conhece profundamente as "combinações" de um ritual, que permitem a realização daquilo que o vulgo chama de "extraordinário" ou "milagre", exatamente porque desconhece as leis ocultas da natureza e o modo de empregar os agentes externos da mesma natureza como mola propulsora do aparentemente abstrato, mas verdadeiramente real.

A simbologia, os agentes externos, os perfumes, as defumações, os banhos, as vestes, as alfaias são meras "chaves" que "ligam" durante o ritual de magia, os dois mundos; o visível e o invisível.

Neste sentido, os estudiosos do kardecismo estão muito longe do domínio da realização mágica, pois seu sistema sectarista, que os faz serem contra tudo que lhes pareça misticismo, e o seu natural desprêzo por certas práticas das religiões fecha-lhes o caminho para o desenvolvimento de inúmeras faculdades do espírito.

É contra o sectarismo malsão que nos insurgimos e não contra os ensinamentos de Allan Kardec, o que sempre estudamos com atenção e carinho.

Do mesmo modo que os espíritas combatem o lema "fora da Igreja não há salvação!", nós combatemos o "fora do kardecismo não há salvação!"

Para nós, tôdas as religiões e tôdas as filosofias são caminhos (embora, às vêzes, curvos ou quebrados) que conduzem ao mesmo fim: Deus, a Verdade!

E Deus e a Verdade não são privilégios desta ou daquela Igreja, desta ou daquela pessoa. O que se dá é que se busca a Verdade, de óculos, quando devemos ousar olhar o sol a ôlho nu. E Deus é, para cada um, do exato tamanho da própria alma.

Medite-se!... Isto também é uma religião.

O QUE É O ESPIRITISMO

"Fora da caridade não há salvação!"

Salve Allan Kardec!
Salve Bezerra de Menezes!

O Espiritismo, segundo Allan Kardec, seu codificador para o Ocidente, é uma ciência de experimentação que nos põe pràticamente em contato com o mundo invisível ou dito dos espíritos, almas desencarnadas, do que decorre o reconhecimento do princípio básico da lei das reencarnações, a qual, por sua vez, induz o homem a um titpo de conduta moral chamada moral espírita.

O Espiritismo, tal como é praticado pelos que se dizem "kardecistas", nenhuma feição externa tem de religião; e, isto, materialmente se depreende por não haver no espiritismo kardecista templos, ídolos, sacerdotes, sacrifícios, oferendas, ofícios religiosos, etc.

Entretanto, o dito kardecismo é, em essência, no fundo, uma religião porque a concepção do destino espiritual do homem, através das reencarnações, dá-lhe uma atitude mental verdadeiramente religiosa, obrigando-o observar a moral do evangelho cristão.

O kardecista habilita-se, portanto, a "dar vazão ao seu natural instinto místico" através da sua atitude moral, dispensando qualquer outra forma de cultuação da Divindade que não seja a prática da caridade, quer para com os encarnados (vivos) em cumprindo o Sermão da Montanha, quer para com os desencarnados (mortos),

isso mediante auxílio direto no progresso dos espíritos por meio da clássica "doutrinação" dos sofredores manifestados nos "médiuns".

Isto, contudo, que basta ao kardecista, a outros tipos de espíritas não é suficiente. Pois, enquanto o kardecista contenta-se com a observação da moral evangélica e conhece apenas, em suas práticas espirituais, o intercâmbio de relações com sêres seus semelhantes (humanos ou espíritos humanos), outros espíritas há, os que possuem mais vasta concepção do universo e reconhecem a existência de outra ordem de espíritos (não humanos) cujas relações entre os mesmos e os humanos não devem ser apenas de mero "intercâmbio" e sim de cultuação, o que exige (e mesmo para que o contato seja estabelecido) uma verdadeira ritualística.

Neste último tipo, podemos incluir os teosofistas, — os quais — bem como muitos outros tipos de espíritas e espiritualistas — aceitam a existência de "espíritos não-humanos" nos planos invisíveis.

Sabemos como é difícil aos kardecistas a aceitação dêsses sêres no "espaço"; mas, como não é o fato de negar uma coisa que a faz deixar de existir, de nossa parte, podemos afirmar que, enquanto o Ocidente ainda vivia submerso nas trevas do dogma católico, já o Oriente, e há muitos milênios, possuía o conhecimento amplo do espiritismo kardecista e das verdades teosóficas.

A doutrina da reencarnação, verdadeiro alicerce da filosofia kardecista, já era princípio incontestável no Oriente; e, achamos, até certo ponto, pretensiosa a denominação de "terceira revelação" à obra de Allan Kardec.

Claro que, para um mundo ocidental amordaçado pelo dogma de um céu e um inferno eternos, a "revelação kardeciana" foi uma verdadeira "bomba atômica". Entretanto, ao Oriente, a obra de Kardec nada veio acrescentar em conhecimento.

Não se pode comparar a obra de Kardec à de Moisés e à de Cristo, como o fazem os adeptos do Espiritismo ocidental ao mencionar as três revelações, porque, se Moisés e Cristo conseguiram "acrescentar" algo de sublime às filosofias religiosas mundiais, o terceiro revelador nada acrescentou nem criou.

O verdadeiro valor da obra de Kardec consiste na codificação e documentário de fatos espiríticos, para uso de um mundo apenas religioso ou materialista, não possuindo nenhum valor de "revelação" pròpriamente dita.

A teosofia, codificada modernamente por Helena P. Blavatski, Annie Besant, C. W. Leadbeater e outros, avança muito mais, no campo do espiritismo pròpriamente dito, quer no domínio da magia quer no do ocultismo em geral.

Nada como os exemplos práticos para demonstrar a verdade; e, dessa opinião era Adolfo Bezerra de Menezes, que foi cognominado o "Pai do Espiritismo", no Brasil.

Pois bem, o que temos visto é que, quando um kardecista se mete a estudar teosofia e entra em contato com as obras de Blavatski, Besant e Leadbeater, bandeia-se com armas e bagagens para êste ramo mais vasto do Espiritualismo; e outro tanto não acontece com o teosofista, pois êste não encontra nenhuma "novidade" na obra de Kardec, verificando, sempre que estuda o Espiritismo ocidental, que é simples capítulo da Teosofia.

A Teosofia, apesar de ser, como o Espiritismo, uma ciência, reconhece perfeitamente a necessidade que tem o ser humano de dar vazão ao "seu lado místico" e, ao contrário do Espiritismo, não combate nem as religiões nem os religiosos, procedendo ajuizadamente o estudo comparado de tôdas as religiões e filosofias teogônicas do mundo, no intuito de colhêr a Verdade única, indivisível, eterna, existente no fundo de tôdas elas.

Em se comparando espíritas e teosofistas, verificamos que a maioria dos primeiros, tendo partido os grilhões dos dogmas católicos, deixam-se enredar nos limi-

tes da cultura kardecista, forjando novos dogmas esp'ritas, ao passo que os segundos se fazem sêres absolutamente libertos de preconceitos filosóficos ou religiosos, e investigam a Verdade com imparcialidade do ser humano que deseja realmente penetrar nos arcanos da Sabedoria Divina.

Muitos outros pontos poderíamos mencionar como demonstrativos da superioridade da Teosofia sôbre o Espiritismo; mas não desejamos avançar mais, porque a finalidade desta obra não é fazer propaganda teosófica; e, se procedemos ao estudo anterior foi para melhor esclarecer o leitor quanto ao tipo de espiritismo de que vamos tratar no próximo capítulo: o espiritismo de Umbanda.

Cumpre-nos, entretanto, frizar mais uma vez que a lei das reencarnações nunca foi novidade nem "revelação" para o Oriente, dela se fazendo menção no Tâo Teh Chung dos Chineses, nos Vedas dos Bramanistas e Budistas, estando subentendida no Zoroastrismo, exposta nas religiões egípcias de Ísis e Osíris e nas filosofias de Platão, Empédocles e Pitágoras.

Milhares de anos antes de Cristo era a lei dos renascimentos uma filosofia divulgada em tôdas as principais religiões do mundo, e cremos mesmo que isto já era crença popular nas civilizações pré-históricas da Atlânda e da Lemúria.

O que, pois, fêz de maior o Espiritismo de Kardec, senão expor métodos adequados à sua época e ao ambiente de seus adeptos para obterem comunicação com os espíritos dos desencarnados?

Ora, não se criou pròpriamente uma filosofia espírítica nem se processou o evoluir de uma religião: o Espiritismo fundou-se apenas em ser uma ciência material (de física transcendental se quiserem) que apresenta meios e processos materiais para constatação do mundo dito invisível.

E mesmo a tão decantada moral espírita, sob o ponto de vista filosófico, não é nova para a moral budista;

e, sob o ponto de vista prático, é a mesma moral cristã.

É, portanto, em resumo, o Espiritismo de Allan Kardec, ciência que estuda por meios materiais a existência do mundo invisível e seus habitantes (especialmente os humanos), e uma filosofia teogônica (como diz o próprio Bezerra de Menezes) baseada no evolucionismo reencarnacionista, com decorrências de moral prática que se prendem à moral cristã do Evangelho.

Nada, portanto, de revelação!

Nada de novo sob o sol!

Não desmerecemos, contudo, a obra de Allan Kardec, no que ela tem de útil e notável. O Espiritismo foi e tem sido uma das poderosas fôrças divulgadoras da verdade sôbre o além-túmulo; e, como os métodos kardecistas, essencialmente práticos, estão ao dispor de qualquer pessoa ou grupo, não se exigindo uma grande cultura nem um grande estudo para que se seja espírita, é claro que, mais que qualquer outro tipo de doutrina reencarnacionista, é o Espiritismo o baluarte da verdade no Ocidente.

E o grande valor de Allan Kardec, em sua obra, consistiu, individualmente, na coragem com que enfrentou a ira clerical, a excomunhão, o preconceito, a crítica, a calúnia, as lutas, os sofrimentos...

Reconhecemos que Kardec teve uma fibra moral de herói inegável; e, para quem também luta contra o preconceito religioso, social e sectarista como nós lutamos — a dor e o sacrifício dêste cientista não são desconhecidos ou incompreendidos: temos vivido momentos de amarguras iguais aos do codificador do Espiritismo: do mesmo modo que os religiosos de há quase um século atacaram o grande pensador, mesmo pelo mais vil processo, o anonimato, assim temos sido combatidos, hoje, pelos adeptos de Kardec, que de kardecistas só possuem a ciência e o rótulo!

O Espiritismo Cristão, de Kardec, lutou pela verdade, contrapondo-se às práticas do Cristianismo do século XIX. Hoje o Espiritismo de Umbanda luta pela verdade, dilatando os horizontes do kardecismo no Brasil, em pleno século XX.

Tanto quanto Kardec não quis destruir o Evangelho, e apenas "esclarecer" a obra de Jesus, nós não queremos inutilizar a obra de Kardec e sim acrescentar mais uns capítulos, outrora não escritos, ao Livro dos Espíritos e ao Livro dos Médiuns.

Ao observador superficial parecerá que Umbanda é a retrogradação do Espiritismo; mas ao espírita verdadeiramente kardecista, e estudioso e consciente, a razão e a lógica afirmarão que, se a obra do grande druida foi a "terceira revelação", esta é então, e por justiça, a QUARTA REVELAÇÃO!...

KARDEC, estando em espírito, e tendo a possibilidade de conosco se comunicar através dos sutis fluídos dos subplanos superiores do Plano Mental, saberá fazer justiça e será um dos tantos guias que ajudarão a progagação da Umbanda no Brasil, com plena ciência de que esta linha de espiritismo mais evidenciará ao mundo civilizado do Ocidente a grandeza real do verdadeiro mundo: o mundo que transcende aos limites de percepção dos cinco sentidos humanos: o mundo que é negado pelo materialismo: o mundo do verdadeiro espiritualista!

O QUE É O BATUQUE OU MACUMBA

Agô!...

Agô-mi-leu Orixá!

Exu! Lalúpo!...

O Batuque [1], ou prática religiosa dos negros africanos e seus descendentes, no Brasil, é, em essência, a religião natural e primitiva de diversas tribos africanas, naturalmente com manifestações diferentes de nação para nação, mas no fundo idênticas.

O Batuque é uma religião e é um Espiritismo. É uma religião porque comporta ritual, oferenda, sacrifício, sacerdócio, festas, etc... E, é um Espiritismo porque seus adeptos desenvolvem suas faculdades mediúnicas — não para receber comunicações de espíritos humanos (desencarnados) e sim para receberem os "orixás" [2].

(1) Temos em preparação um romance intitulado "Batuque", por cuja leitura se poderá acompanhar tôda a ritualística religiosa dos batuqueiros do sul, especialmente nas nações Nagô, Oyó, Gêge, Gexá.

(2) O batuqueiro não quer "negócios" com almas de mortos, as quais chama de "êguns". Se acontece de baixar algum "êgun" em qualquer médium ou filho de santo, durante as sessões, êle é logo expulso; e, caso retarde sua retirada é empregado até mesmo o castigo corporal do médium, entrando em cena as tradicionais "surras" com varas de marmelo.

O "orixá" é o guia ou "santo" do batuqueiro, e, sôbre isto, fizemos um estudo em nossa obra "O que é a Umbanda?"

O Batuqueiro comunica-se, pois, conforme expusemos naquela obra, com essa parte do mundo invisível onde, conforme dissemos no capítulo anterior, habitam os espíritos "não humanos".

Para demonstrar ao ocultista civilizado a existência dêsses espíritos, não nos serviremos do testemunho do batuqueiro: seria dogmatizar o assunto e querer impor ao homem branco, que se julga superior e mais sábio, uma filosofia que êle denominaria apenas, em tal caso, de mitologia negra.

Assim, recomendamos ao branco culto e sábio a leitura das seguintes obras: "O Plano Astral" e "O Plano Mental", de C. W. Leadbeater; "A Sabedoria Antiga", de Annie Besant; "Tratado de Magia Prática", de Papus (Gérard Encause)); "Dogma e Ritual de Alta Magia" e "A História da Magia", de Elifas Levi; e, finalmente, "Como falar com os Mortos", de Aristóteles Itália.

Torna-se, contudo, mister transcrevamos neste capítulo alguns trechos do livro "O Plano Astral", de Leadbeater, a fim de que esta obra seja completa, ao menos como "Síntese" sôbre o assunto a que se destina.

Diz Leadbeater, à página 105 da 2.ª edição da referida obra:

"... os espíritos naturais nem nunca foram nem são, nem hão de ser membros de uma humanidade, como a nossa, visto a linha de sua evolução ser completamente diferente da nossa; e se alguma relação têm conosco, esta provém simplesmente do fato de ocuparmos temporàriamente o mesmo planêta. É claro que, visto sermos vizinhos ainda que por pouco tempo [3], devemos manter com êles as melhores relações de vizinhança [4]; mas o

(3) Êste "pouco tempo" pode ser a duração da própria vida do nosso planêta.

(4) É o que faz religiosamente o batuqueiro ou macumbeiro com sua complicada ritualística.

nosso desenvolvimento realiza-se por caminhos tão diferentes..."

São êstes espíritos não-humanos chamados elementais por se referirem aos elementos da natureza: terra, ar, fogo, água, éter, etc.

Os "inferiores", pois que há uma hierarquia, são habitantes do Plano Astral, e os superiores pertencem ao Plano Mental.

Diz ainda Leadbeater, à página 106:

"...**estão divididos em sete grandes classes** [5], que ocupam respectivamente os mesmos sete estados de agregação da matéria, a que nos referimos... Há, portanto, para nos referirmos àqueles que melhor poderemos compreender, espíritos da terra, do ar, da água e do fogo (ou do éter) — entidades astrais, dotadas de inteligência, definidas, que habitam e funcionam em cada um dêsses meios.

"Não é para admirar a estranheza de muita gente que não compreende como se pode viver num meio tão sólido, como, por exemplo, uma rocha ou a crosta terrestre. Mas é fácil de compreender se se pensar que êsses espíritos são formados de matéria astral e portanto a substância constituinte da rocha não é obstáculo ao seu movimento nem mesmo à sua visão e, ainda mais, é precisamente na matéria física no estado sólido que êles se acham no seu elemento, — é mesmo aquilo a que estão habituados e onde se sentem, por assim dizer, como em sua casa. E o mesmo se poderia dizer dos que vivem na água, no ar, ou no éter.

"Na literatura medieval, a êstes espíritos da terra davam o nome de **gnomos** [6]; aos da água, **ondinas** [7]; aos do ar, **sílfos** e aos do éter, **salamandras** [8]; na lin-

(5) Daí as sete linhas de Umbanda.

(6) Os exus, os chapanáns, etc....

(7) As ochuns, as "iaras", etc....

(8) Os êguns.

guagem popular têm uma grande variedade de nomes: fadas, pixias, **brownies**, duendes, **trolls**, sátiros, faunos, etc., etc., têrmos que ora se aplicam apenas a uma variedade, ora a tôdas."

Leadbeater, à página 110 de "o Plano Astral, diz mais:

"Poderíamos considerar os espíritos naturais como uma espécie de humanidade se não fôsse o fato de nenhum dêles — nem o mais elevado — possuir uma individualidade permanente que se reencarne. E por isso mesmo, e pelo fato de a proporção de desenvolvimento da inteligência, antes de se dar a individualização, ser muito maior que a nossa, é que podemos afirmar que a nossa evolução é diferente da dêles; mas quais sejam as etapas dessa evolução, quer passadas quer futuras, pouco ou nada sabemos [9]."

Êstes espíritos, segundo o mesmo autor, "evitam, na sua maior parte, o homem, visto que os hábitos e emanações humanas lhes repugnam, os vícios e desejos desordenados da humanidade põem em ação correntes astrais que os perturbam." ,

Isto bem explica por que o "orixá" do negro (espírito da natureza) leva mais tempo de preparação mediúnica para uma manifestação completa do que um simples "sofredor" desencarnado. Daí a razão de ser da complicada ritualística de "aprontamento" [10] do "filho de santo" [11] até que "se ponha em harmonia" com o

(9) Êste "nada sabemos" é um dos índices da sinceridade dos teosofistas, que preferem se confessar ignorantes do que impingir "dogmas" e "crendices" aos seus discípulos. Daí a imparcialidade de seus testemunhos, quer científicos quer mediúnicos.

(10) "Aprontamento" é o ceremonial ou o conjunto de ceremoniais sucessivos que permitem a completa relação astral ou do "filho de santo", ou iniciado da religião africana, com o seu "orixá" respectivo, ou seja, na gíria da seita, o "dono de sua cabeça".

(11) "Filho de santo" é chamado aquêle que recebeu a iniciação na religião africana.

orixá ou "elemental guia" — pois, sòmente uma mudança, para melhor na maioria dos casos, de higiene física e moral, e mesmo mental, permite tal aproximação entre "pai" ou "mãe" e "filho" ou "filha".

Os elementos inferiores ao homem podem ser por êle governados, conforme se verificará cientìficamente da obra de Papus, "Tratado de Magia Prática". Entretanto, os elementais superiores, ou sejam os "orixás maiores" no Batuque, governam os homens e os "orixás menores" ou inferiores.

Aos elementais superiores, o autor já mencionado, Leadbeater, faz referência em sua obra, "O Plano Mental", de modo bem extenso; contudo, achamos muito interessante, neste nosso livro, a transcrição de trecho que destaquei de "O Plano Mental":

"O mais alto sistema de evolução que tem relação com a Terra, é, que se saiba, a dos sêres a que os hindus chamam "devas" e no Ocidente se chamam "anjos", "filhos de Deus", etc. Podem ser considerados como formando o reino imediatamente superior ao reino humano, assim como êste está imediatamente acima do animal, mas com a diferença importantíssima, que para o animal não há, que saibamos, possibilidade de evolução a não ser para o homem, que é o único dêsse reino a ver abrir-se diante dêle, logo que alcança um certo nível, várias sendas de progresso, uma das quais é a da grande evolução dos Devas."

"Em relação com o plano astral, apenas podemos mencionar as categorias inferiores dessa augusta legião. As três grandes divisões inferiores (começando de baixo) chamam-se geralmente **Kâmadevas, Rûpadevas, Arûpadevas.**" (Página 115.)

"A média — dos Kâmadevas — é, em geral, superior à nossa, porque tudo que nêles poderia haver de mau, há muito que foi expurgado de suas fileiras; mas têm naturezas muito diversas, de modo que pode haver entre nós, indivíduos que pela sua nobreza, altruísmo e eleva-

ção espiritual ocupem na escada da evolução um degrau mais elevado que muitos dêles."

"Pode-se atrair-lhes a atenção por meio de certas evocações mágicas, mas a única vontade humana que os pode dominar é a duma certa classe elevada de Adeptos." (Páginas 116 e 117.)

"Acima dos Arûpadevas há ainda quatro outras grandes divisões, e ainda acima e para além do reino dos devas estão as grandes hostes dos Espíritos Planetários, espíritos gloriosos, cuja consideração estaria deslocada neste manual!"

"Contudo, podemos talvez aqui ocupar-nos, apesar de pròpriamente pertencerem a nenhuma das nossas classes, dêsses admiráveis sêres, os quatro Devarâjas. Neste nome a palavra "deva" não deve ser tomada no mesmo sentido em que a temos usado até aqui, pois não é o reino dos devas mas sim dos quatro elementos, da terra, água, ar e fogo, que êles são monarcas. Acêrca das etapas de evolução seguidas por êstes quatro grandes Reis até chegarem à presente culminância de poder e sabedoria, **nada sabemos;** apenas podemos afirmar que o caminho da sua evolução não tem nada de correspondente na nossa humanidade." (Página 117.)

"Chamam-se-lhes também Regentes da Terra, e Anjos dos quatro pontos cardeais, e os livros hindus chamam-lhes os **Chatur Mahârâjas**, dando-lhes os nomes de **Dhritarâshtra, Virudhaka, Virûpaksha, Vâishrâvana. Nos** mesmos livros as suas hostes elementais são chamadas **Gandharvas, Kumbhandas, Nâgas** e **Yakshas**, respectivamente, sendo os pontos cardeais próprios de cada um Leste, Sul, Oeste e Norte, e as respectivas côres simbólicas branco, azul, vermelho e dourado." (Páginas 118.)

"Todos os espíritos naturais superiores e legiões de elementais artificiais são agentes dêles na estupenda tarefa que lhes está distribuída, mas são êles que têm todos os fios nas mãos e os únicos responsáveis pela sua obra. Poucas vêzes se manifestam no mundo astral, mas quando o fazem, são decerto os mais notáveis dos seus

habitantes não-humanos. Qualquer ocultista adivinhará que, assim como há sete classes de espíritos naturais e de elementais, deve haver também sete e não quatro Devârâjas; mas para além do círculo dos Iniciados pouco ou **nada se sabe** dos três primeiros, e, além disso, não há o direito de fazer revelações a seu respeito. Ficaremos, pois, por aqui..." (Página 119.)

Êstes elementais, êstes espíritos da natureza (ou naturais), êstes Devas e Devârâjas de que nos fala a Teosofia são os mesmos Orixás dos Negros Africanos, e portanto, dos batuqueiros do Brasil, e dêles se encontra menção clara e insofismável no fundo de tôdas as religiões, de tôdas as mitologias e de tôdas as doutrinas teogônicas.

Não há, pois, na Teogonia Negro-Africana nada de fabuloso ou inverídico, desde que se proceda na Mitologia dos Negros um exame e um estudo judicioso e imparcial.

O que pode haver de "repugnante" ao requinte ritualístico das modernas religiões dos brancos, é a forma externa dos cultos negros e seu primitivismo fetichista. Note-se, contudo, que primitivismo não significa "falso", como modernismo não equivale a "verdadeiro".

Explicado cientìficamente o que é o Orixá, deus ou santo do negro e, portanto, do batuqueiro, digamos alguma coisa, embora em síntese, sôbre o Batuque no Brasil.

O nome de Batuque vem do fato de os rituais serem celebrados com "batidas" ou "toques" de tambores e outros instrumentos. Esta denominação prevalece mais no Sul do País, pois no Norte é usual empregar-se a expressões "macumba", "candomblé", "maracatu", etc., para designar a mesma coisa, apesar de que nenhuma se preste tão bem para designar o fato ou coisa como a própria palavra "batuque".

Nos dias de "batuque" ou "toque", na casa do "pai de santo" ou "mãe de santo" se reúnem todos os "filhos" e convidados. Nessas ocasiões, além de outras ocorrências dos cerimoniais, são oferecidos "sacrifícios" e "comidas" especiais aos "santos" ou "orixás".

Os "filhos" e adeptos da religião vestem roupas apropriadas à "festa", das côres correspondentes aos "donos" de suas respectivas cabeças. Todos reunidos no "salão" ou "terreiro", e descalços, procedem às invocações por meio de ladainhas (rezas) cantadas sempre no idioma nativo africano pertencente ao "pai" ou "mãe de santo".. Tiram-se uma ou mais rezas para cada orixá, iniciando-se pela invocação a Exu, o menor orixá, e terminando-se a ladainha com a reza de Oxalá, o maior dos orixás.

À medida que as rezas são tiradas, os santos vão baixando nos respectivos médiuns e, também, pela ordem hierárquica, desde os Exus aos Oxalás.

Cada orixá possui o seu correspondente em "pedra", metal, etc., no plano físico — o que constitui o "fetiche" que o religioso cultua, quando o orixá não está incorporado no respectivo "filho".

Assim, nos cerimoniais de aprontamento, todos chás, cozimentos ou sumos de ervas, e mesmo o sangue dos animais, com os quais se lava a cabeça dos iniciantes, são postos sôbre os respectivos fetiches, dos quais não mais se retiram tais ingredientes. (12)

Tôdos êsses fetiches ficam no "pegê" (13) do "pai" ou da "mãe de santo" até que o "filho" também tenha o seu terreiro onde arme um "pegê" e se faça também

(12) Em nosso romance, "Batuque", descrevemos um cerimonial completo de aprontamento.

(13) **Pegê, pegi ou pará** — é o "quarto de santo" ou peça da casa onde se arma o altar dos orixás, se guardam as "alfaias" e as "comidas" dos santos, e também onde permanecem os "iniciandos" ou o próprio "babaloê" quando vão para o chão.

babaloê (14) ou saiba "cuidar de seus pais" (15), estando em condições de dar-lhes "comida", etc.

Os orixás invocados e que baixam nos médiuns são sòmente os seus respectivos "anjos de guarda" ou "donos de suas cabeças"; não acontecendo de baixar em cada médium mais que um orixá (16). Há, também, os "filhos de santo" ou mesmo "babaloês" que, mesmo "prontos" não são "incorporadores" de seus orixás. Êstes são em menor número (17); e, em geral, tal acontece com os ditos "cabeças grandes". Isto não significa que o orixá que não baixa se não possa comunicar com todos e mesmo com "seu filho". As comunicações, em tais casos se dão por meio dos "búsios" (18) e mesmo pela intuição, depenedndo, em ambos os casos, do grau de intelectualidade e espiritualidade do "filho de santo".

Quando se diz que um orixá baixa, e em se tratando dos Grandes Orixás (19) não se pode afirmar que seja

(14) Pai de santo. Diz-se também "babalaô".

(15) Os seus orixás.

(16) O que tenho observado não se dar o mesmo entre os umbandistas. O batuqueiro que recebe exu, recebe sòmente o "seu" exu; ao passo que já vi umbandistas receberem "exus" e outros "orixás" também, e até na mesma "sessão".

(17) Diz-se "cabeças grandes" dos que são filhos de Oxalás Yemanjás, Oguns, Xangôs Maiores, cujos "achés" são número "8" "Aché" quer dizer fôrça, valor; e cada santo tem o seu número sendo que os números dos quatro orixás acima mencionados são 8 e 16. Os exus e os chapanãs têm os números 7 e 14; e os oguns, 6 e12.

(18) Búsios ou "buzos" são pequenas conchas marinhas com as quais os filhos de santo se comunicam com os seus orixás. A comunicação é feita do seguinte modo: Estende-se uma toalha branca numa mesa, fazendo-se um círculo com as "guias" (colares de contas), procede-se à invocação e, empunhando-se os "búsios" com a mão direita, lança-os sôbre o centro do círculo de guias. As figuras que as conchas formam ao cair são interpretadas pelo batuqueiro como "respostas do santo" às perguntas feitas, e dêsse tipo de oráculo ou sorte diz "jogar os búsios". São no geral dêsse gênero as "sortes" que tiram os babalaôs aos seus consultadores e pelas quais costumam cobrar, geralmente Cr$ 3,00 ou 30 centavos. Cobram 3 porque êste é

o próprio "Davârâja" que vem visitar os humanos. Não, um "Devârâja", por sua grande pureza, jamais baixa, a não ser que se preparasse um corpo durante muitos atos, submetendo-o à mais rigorosa disciplina de castidade e pureza, para tal fim — e também o "ambiente" de recepção — o que é muito difícil. Baixam sòmente os seus enviados: os elementais e os Devas, e êstes últimos sòmente em médiuns muito puros e de elevadíssima conduta moral.

Logo, quando se diz que baixou Oxalá ou Yemanjá, o fenômeno real é que estamos em presença de uma entidade subalterna de tal ou qual grande Orixá, da mesma ordem elemental governada por seu Chefe Supremo, e que, com permissão do mesmo, vem representá-lo, entre os homens, recebendo dêstes as honras destinadas ao seu superior, o grandioso Rei Deva, ou Devârâja.

O mesmo não se dá com os Orixás Pequenos, tais como Exus, Chapanãs, Oguns, os quais baixam realmente entre os homens, nas sessões de batuque, festas de santo ou "toques". (20)

Pelas transcrições e exposições anteriores, neste capítulo, estamos certos de que o leitor poderá formar uma idéia pálida, mais ou menos certa do que é um orixá; ao mesmo tempo que poderá compreender que "batuque" não é espiritismo comum, nem tão pouco "baixo espiritismo"; e, nem tão pouco o batuqueiro é um feiticeiro, quando seu sacerdócio fôr normal, destinando-se, portanto, apenas à cultuação dos orixás, os quais não se prestam para fazer o mal a alguém — não sendo o batuque, como comumente afirma a ignorância kardecista, "magia negra".

O batuqueiro, contudo, pode se desviar de sua legítima conduta e transformar-se num "feiticeiro" mau, empregando processos mágicos de envotamento para as suas práticas de malefício; quanto a isto, e para que tal se seja ou faça, não é mister ser batuqueiro: qualquer homem pode ser um "mago negro", cumprindo-nos frizar que, a "alvura" ou "negrume" da magia não está apenas no ritual, na veste, no externo, no símbolo, e sim **no fundo do coração do homem!...**

Sôbre isto fornecemos ampla explicação em nosso livro já mencionado — "O que é a Umbanda?".

O Batuque, sendo um tipo de espiritismo que se destina ao desenvolvimento das mediunidades com o fim de pôr os Espíritos da Natureza (não os humanos) em contato com o homem, é também uma religião, em razão mesmo do culto e da ritualística a que nos referimos, e, como tal possui a sua teogonia.

Paro o fim a que se destina esta obra — codificação da Lei de Umbanda — não há necessidade que se exponha sôbre a essência e natureza do Batuque mais do que se expôs, visto que nosso intuito é propagar a Umbanda e não o Batuque, religião natural afro-brasileira que tende

---

também um dos números de Exu, santo que, geralmente, responde em primeiro lugar à consulta. Êste preço, entretanto vigora sòmente para os que "entendem" do assunto; pois, quanto aos demais consulentes o batuqueiro cobra a sua "sorte" conforme a "cara do freguês". Neste ponto, como noutros, o batuqueiro se transforma num profissional religioso com requintes de esperteza e exploração iguais aos de qualquer profissional dos misteres comuns da vida profana.

Aos que, desejando consultar um batuqueiro, não queiram ser explorados, ensinamos proceder assim: Na véspera do dia da consulta, à noite, quando se vai dormir, coloca-se debaixo do travesseiro três moedas de "um mil réis" ou "um cruzeiro", as quais servirão para pagar a "consulta". No dia seguinte, em presença do batuqueiro, quando êste já arrumou a toalha, as guias, e empunhou os "búsios", põe-se (sem dizer palavra alguma) a três moedas dentro do círculo de guias. A consulta está paga; e mesmo que a quantia não agrade ao batuqueiro, por ser pouco "aché" (valor), êste nada mais reclamará na hora, se fôr realmente um "babaloê" ou "filho de santo" e não um mistificador ou impostor. Diz-se, também, "botar os búsios".

(19) O que os umbandistas chamam de Pais Maiores.

(20) E também nas sessões de Umbanda.

a desaparecer por não se adaptar ao nosso "modus vivendi" social, e mesmo por não ser tão completa quanto a Umbanda.

Contudo, ao finalizarmos êste capítulo, diremos alguma coisa sôbre a teogonia do batuqueiro. Muito poderíamos falar e escrever sôbre a mitologia africana; entretanto, em se não tratando de uma obra especializada do gênero, limitamo-nos, neste particular, a transcrever o que escreveu Waldemar Bento, em seu livro "A Magia no Brasil" (21) sôbre a

TEOGONIA AFRICANA

"Na genealogia dos Deuses Africanos, como de resto em tôdas as teogonias da antiguidade, o Céu e a Terra possuem papéis importantíssimos na gênese das divindades. Os personagens da Mitologia Africana, como em tôdas as outras mitologias, representam apenas Fôrças da Natureza. Estas Fôrças assumem personalidades definidas que são, pela simplicidade até certo ponto tocante de seus sequazes, adoradas.

"Obatalá (Princípio Ativo e Masculino) representando o Céu, unindo-se em núpcias com Odum (Princípio Passivo Feminino) representando a Terra; originam todos os deuses e deusas do Panteon Africano que, como já dissemos, representam apenas as Fôrças da Natureza em Ação.

"Dêste consórcio nasceram Aganju, a Terra, e Yemanjá, a Água. Seguem-se as uniões, e da união de Aganju e Yemanjá (o primeiro Homem e a segunda Mulher) nasce Orungán.

"Orungán, que é tido como Édipo Africano, fortemente apaixonado por sua mãe, tudo tenta para fazê-la sua. Na primeira ocasião a paixão recalcada, ruge, e num ímpeto, estando ausente Aganju, o nosso herói tenta violentar Yemanjá. A fuga de Yemanjá evita êste ato e Orungán persegue-a até que esta, desfalecida, cai ao chão e morre.

(21) Edição do autor, 1939, pág. 15.

Neste momento, entra em ação o fantasmagórico: o corpo de Yemanjá principia a dilatar-se. A água brota dos seus seios e mais adiante forma um lago imenso. O seu ventre, rompendo-se, dá a vida aos seguintes Deuses: Xangô, deus do trovão; Ogun, deus do ferro, das guerras, das demandas; Dadá, deusa dos vegetais; Olokum, deus do mar; Oxalá, deusa dos lagos; Oyá, deusa do Rio Niger; Oxum, deusa do rio do mesmo nome; Obá, deusa do rio Obá; Orixá Okô, deusa da agricultura; Oxosse, deus dos caçadores; Okê, deus dos montes; Ajê Xaluga, deus da riqueza; Chapanã (Shankpaunan), deus da varíola; Orum, o sol; Oxu, a lua.

"A religião negra foi, nos primórdios, apenas a divinização das fôrças da natureza; sòmente mais tarde a mitologia afro-brasileira avizinhou e identificou as entidades africanas com os santos do catolicismo."

O QUE É A UMBANDA

Saravá Umbanda!
Saravá Xangô!
Saravá Povo do Mar!
Saravá Caboclos do Brasil
Saravá Prêtos Velhos Africanos!
Saravá Cruzeiro do Sul!...

Umbanda! Umbanda!
Religião do Brasil!
Ciência de revelação espiritual!

O que é a Umbanda?!!

A Umbanda, como já definimos em nosso livro, cujo titulo é a pergunta acima, é uma religião e uma ciência, um tipo de espiritismo religioso do Brasil.

Pela leitura dos capítulos anteriores observamos três coisas de grande importância como "causas" da formação da Umbanda no Brasil!

1.°) a religião dominante em nossa terra, o catolicismo, não admite a comunicação com os espíritos — e o católico que se faz espírita está, para a Igreja, como que automàticamente excomungado;

2.°) o Espiritismo de Kardec, que é o mais divulgado no Brasil, só pratica a comunicação com espíritos

desencarnados; e os seus processos de desenvolvimento da mediunidade (especialmente a de incorporação) estão muito aquém das possibilidades do homem;

3.°) o Batuque do africano e o do afro-brasileiro não mantém relações com os espíritos humanos (ditos "êguns") e, desenvolve seus médiuns sòmente para manifestação dos espíritos não-humanos, aos quais diviniza e cultua tomando o caráter de religião.

Em linhas gerais, nenhum dos três tipos de seita é completo. Nenhum mata a fome total, completamente, do homem que aspira uma vida espiritual mais plena.

Vejamos:

O Catolicismo, com o seu inferno e o seu céu eternos e suas almas forjadas, quando também são forjados os corpos humanos, quebra todos os princípios de justiça divina e universal!

Será justo um Deus que cria uns belos e outros feios? uns aleijados? outros cegos? outros mudos?... Que fêz a alma do homem feio, doente ou aleijado, que fêz sua alma de mau antes de vir a êste mundo para merecer tais sofrimentos?

Será justo um Deus que condena um "filho" ao fogo eterno por haver faltado a uma missa ao domingo? Condenação sem perdão, sem remissão a do inferno.

O Espiritismo, por sua vez, encheu os seus adeptos de "limitações"; pois, na prática, em se tratando com os que se têm em conta de kardecistas, verificamos que, nos seus corações não está gravado o lema: "Fora da Caridade não há salvação" — e sim a legenda: "Fora do Espiritismo não há salvação". Falam do clericalismo católico e fazem clericalismo kardecista. Isto, na prática material; pois, sob o ponto de vista filosófico, pelos motivos mesmos expostos no capítulo desta obra a êle reservado, verificamos que o Espiritismo não enche as medidas de almas que realmente sentem, pensam e amam a "árvore tôda" e não apenas o "galho".

Quanto ao Batuque, também é uma seita limitada porque proíbe ao seu adepto a prática do kardecismo, e não tolera as comunicações com espíritos humanos (êguns). Sob o ponto de vista ritualístico, como já dissemos, suas práticas de religião primitiva são incompatíveis com o mundo atual; e, sua subsistência em nosso meio só seria possível mediante uma modernização e adaptação no ritual externo. Não estamos mais em condições de "sacrificar galos vermelhos a Exu" e largá-los na primeira encruzilhada de um centro urbano. Tal rito, no mato, não estaria fora de ambiente, mas em plena Avenida Rio Branco ou no entroncamento da Avenida Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas (em Pôrto Alegre), isto não é mais exeqüível. Os próprios orixás não aceitam estas "violências" de rito primitivo ao homem altamente civilizado.

Ora, de há muito o batuqueiro vem notando a necessidade de uma transformação radical em sua ritualística. Também sente, às vêzes, o batuqueiro saudade de seu parente falecido e deseja falar com os amigos "mortos".

Isto fêz com que o balaloê fôsse aceitando certas alterações no seu cerimonial, inclinando-se para uma banda evolucionista.

Ora, o espiritista comum, em observando no Batuque a prática das relações com o mundo invisível não-humano (dos elementais-orixás, etc.) e obtendo a explicação disto pelos estudos teosóficos; e observando também que o dito ramo do ocultismo chamado "magia" é mais eficaz para a prática da caridade (curas rápidas, etc.) que os métodos kardecistas; — foi admitindo certos "misticismos" em seu cienticismo espírita. Sentindo, também, fome de uma religião, alguns espíritas se desviaram da verdadeira linha de Kardec: redobraram o número de preces, forjaram sacramentos espíritas (batizados, casamentos, etc.) e descambaram para práticas tão místicas e tão revestidas de perfeito cunho religioso que os tornaram aptos a aceitar "o que aparecesse no gênero como religião reencarna-

cionista". Êste fenômeno o próprio Bezerra de Menezes sentiu, na segunda metade do século passado, ao prognosticar uma religião espírita.

O católico, por sua vez, acostumado a uma ritualística complicada, ao constatar a verdade kardecista, e ao se bandear para o Espiritismo, sentia falta dos seus "santos", das suas missas, comunhões, novenas, ladainhas, festas, procissões, etc. — e o que bastava à compreensão (a cabeça), ao sentimento (coração) não bastava. Êste vinha, pois, aumentar o número dos místicos do Espiritismo.

A todos êstes fenômenos, ajunte-se mais a formação histórica do nosso povo, produto híbrido do europeu, do africano e do americano. Negro e índio escravizados pela cruz do padre e pela chibata do "senhor" branco, sofreavam e modificavam por fôrça da fôrça mesma seus cultos, seus ritos e suas tradições teogônicas, religiosas e sociológicas.

Socialmente predominou o branco; e racialmente o mesmo branco absorveu quase a totalidade do elemento índio, do qual pouco temos em matéria de tradição religiosa, porque mesmo não podemos dizer que os nossos índios tivessem uma religião, apesar de que possuíam uma teogonia e uma idéia da gênese universal bem definida [1].

O domínio do branco, contudo, e especialmente no campo religioso, não foi absoluto: os produtos humanos mestiços, ditos caboclos e mulatos concorreram para que se não acabasse o misticismo aborígene e a religiosidade africana. Mudaram-se os nomes dos deuses e os fetiches se modernizaram e os cultos se requintaram, mas o fundo teogônico índio-africano permaneceu e, num ambiente que o índio forneceu (solo, clima, flora e fauna), e que o negro regou a sangue e lágrimas, e o branco benzeu em nome de Jesus, se foi formando uma nova religião mista, nem mais européia, nem mais africana, nem índia! Esta

(1) Consulte-se o General Couto de Magalhães em sua magistral obra "O Selvagem".

religião, como teogonia aceitou os orixás africanos, encontrando para os mesmos similitudes nos santos católicos e na mitologia tupi-guaranítica. Como ritualística, remodelou e dilatou as práticas dos batuqueiros, admitindo as comunicações com os espíritos dos mortos e, como a terra do Brasil pertenceu aos ameríndios, os espíritos desencarnados dos grandes "pagés" de nossas tribos vieram ser os guias ou mestres dos novos "babaloês" ou sacerdotes do novo "batuque indígena". Tinham a preferência os verdadeiros senhores da terra. As "rezas" africanas dos orixás foram traduzidas e modificadas, e outras se criaram com linguajar crioulo e as "ladainhas" e "cânticos" tomaram a denominação de pontos. Os Prêtos Velhos, as Tias Velhas, os Índios e os Caboclos, confraternizados, no plano invisível prestaram-se a ajudar, no plano material, a obra de confraternização religiosa que se processava no grande país de Arabután [2].

Pretos e Caboclos foram baixando, até nos centros kardecistas [3] e, especialmente os que se haviam bandeado do catolicismo para o espiritismo e neste pouco acharam além da ciência (faltava a religião) e que não toleravam o Batuque, por seu primitivismo, é que aderiam em massa à esta nova religião-ciência ou **espiritismo religioso do Brasil**, obtendo a plenitude, no plano físico, de suas aspirações místico-filosóficas.

(2) **Arabután** — nome aborígene do Brasil, antes mesmo de ser chamado **Pindorama**, conforme esclarece o Padre Carlos Teschauer, em sua obra "Poranduba Rio Grandense". É também o nome da árvore do pau-brasil.

(3) "No centro espírita Amor e Caridade, que atualmente tem a sua sede à rua do Bispo, ao princípio predominava ùnicamente o método kardecista de trabalho. Porém ùltimamente vários elementos espirituais da Linha Branca de Umbanda e Demanda se infiltraram nos trabalhos das sessões e foram bem aceitos, devido à sua orientação elevada, dando em resultado uma combinação entre os diretores espirituais, que resolveram que as sessões das quartas-feiras obedecessem ao método kardecista e as das sextas-feiras ao método de Terreiro da Linha de Umbanda". (Aristóteles Itália — "Como falar com os Mortos", Rio, 1946, páginas 145 e 146).

Êste produto novo, cujo nome se adivinha, e que diremos adiante, era, como é, o filho mestiço eurásio-afro-ameríndio do Cristianismo Católico, Batuque Africano, Espiritismo Kardecista e Folclore Guaranítico.

O negro forneceu o "orixá"; o católico, o santo; o índio, o "ponto"! Um trouxe a "pemba" (4); o outro, a cruz; e o terceiro, o "amassi"!... (5)

Sòmente com a observação prática da ritualística desta nova religião e o estudo desta nova manifestação teosófica, no culto, é que se poderá aquilatar com precisão que isto de que falamos

não é apenas religião,
não é apenas espiritismo,
não é fetichismo primitivo!

É sim (e com satisfação revelamos ao mundo profano) a grande **religião-ciência-filosofia** de

U M BA N D A.

É a Umbnada, é a legítima crença do filhos de Arabután, desta mais linda terra do mundo, a que chamamos Brasil e amamos como mãe Pátria.

Saravá Umbanda!
Saravá Tupán!...
Saravá Xangô!...
Viva Deus!...
Ave Brasil!...

Salve o Cruzeiro do Sul!...

(4) **Pemba** — giz de fabricação africana que serve para traçar no chão do terreiro os "pontos riscados" das entidades evocadas, etc.

(5) **Amassi** — banho de suco de ervas com água fria. Espremem-se e não se cozem as ervas. Os africanos, no geral, dizem "mieró".

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE EM UMBANDA

O trabalho mais importante em uma sessão espírita ou num terreiro de Umbanda é o desenvolvimetno dos médiuns.

Sem um bom médium não é possível um bom trabalho, não é possível a prática da caridade.

Entre as pessoas que se destinam ao árduo mister da mediunidade, existem desde aquêles cujo dom mediúnico manifestou-se espontâneamente até aquêle que leva anos para sentir o menor fluido.

Existe aquêle que, espontâneamente, escolheu o difícil mister, como há também o que, sòmente a custo e levado pela dor, entrega-se ao desenvolvimento.

Em qualquer caso, como o médium destina-se à prática da caridade, do bem, será logo assaltado por uma série de contratempos ao bom desempenho do seu dever.

Os obstáculos surgem: sensação de desânimo e mesmo preguiça para observar as prescrições impostas por seu preparador; contrariedades em sua vida particular que vêm perturbar-lhe o sossêgo; e, mil outros obstáculos que lhes experimentam a fé.

Mesmo depois de plenamente desenvolvido, o médium sofre tudo isto porque os maus espíritos tudo fazem a fim de que não cresça o número de trabalhadores do bem.

Qual o médium que não compreende que, havendo libertado um irmão seu de um obsessor, adquiriu um inimigo a mais no Invisível, e que tal inimigo perdurará

até o dia em que o dito obsessor reconheça seu êrro, arrependa-se e disponha-se a trabalhar para o bem.

Pessoas que nunca sofreram a menor atuação de maus espíritos, porque sempre viveram alheias a tais fenômenos, ao quererem desenvolver sua mediunidade, sentem-se logo atacadas por entidades malévolas que, a todo transe, desejam impedir o seu desenvolvimento; e, tais entidades tudo farão para perturbar os trabalhos nas sessões de desenvolvimento de mediunidade.

Logo, se é árdua a missão do médium, mais árdua e penosa é ainda a missão daquele ao qual cabe o papel de preparador dos médiuns.

Quem chefia um terreiro de Umbanda tem que zelar pela saúde, pela vida, pela instrução e até mesmo pela conduta dos médiuns.

Êstes, por sua vez, devem obedecer o seu preparador, pelo menos até que tenham atingido ao pleno desenvolvimento e sintam que os próprios guias com os quais trabalham lhes dão intuições claras e precisas, a ponto de dispensarem qualquer outra fonte de instrução.

Podem, também, os médiuns afastar-se de um terreiro ou centro sempre que não concordarem com o procedimento ou os métodos adotados por seu preparador ou instrutor: o ser humano é livre, e cada um deve freqüentar o ambiente que mais lhe agradar.

O que se não permite, contudo, em caso algum é que o desenvolvimento mediúnico se processe, simultâneamente, em mais de um terreiro.

Cada instrutor, cada preparador, seja êle homem ou entidade que se incorpore, tem os seus guias, a sua corrente própria, os seus métodos peculiares, produto de uma experiência pessoal mais ou menos longa; e, o que admitem, às vêzes, as próprias entidades de um terreiro, não o admitem as entidades de outro terreiro.

O desenvolvimento mediúnico que se processa em dois terreiros, causa conflitos.

Cria conflitos entre os diretores de terreiro, porque os seus métodos são diferentes.

Cria conflitos no plano invisível, porque produz interpenetração de correntes diversas.

O médium estará sujeito a estremecimentos constantes na sua parte áurica, e retardará seu aperfeiçoamento.

A Umbanda é vasta: possui muitas linhas e sublinhas.

Embora, no Alto, no Todo, aos pés de Deus, tudo se entrose — aqui, no plano das manifestações, estas atendem a várias circunstâncias de karma, de ambiente, de meio, de vibração, de instrução, de conhecimento, de prática, de perfeição, etc.

Nem mesmo uma corrente que já possui 2.000 anos quase de práticas e de lutas pela uniformização ritualística, como a corrente da Igreja Romana, conseguiu chegar a um grau tão elevado de confraternização integral.

Não nos consta que uma criança que se preparar para a Primeira Comunhão receba instrução de Catecismo em duas paróquias. Não nos consta que uma donzela seja filha de Maria, ao mesmo tempo em duas paróquias.

Se a Igreja Católica e outras. por sua antiguidade possuem uma uniformidade relativa de culto e de ritual, isto não significa em desorganização, quanto à disciplina pessoal de seus fiéis.

A Maçonaria tampouco admite que seus adeptos, em função regular em uma loja, prestem serviços noutra loja.

Nenhum soldado ou oficial subalterno pode servir com regularidade em duas organizações militares.

Até a Constituição proíbe o acúmulo de cargos ao funcionalismo.

Isto é humano, é racional, e visa um princípio de ordem e progresso ao todo e ao indivíduo, princípio que não exclui o amor, a caridade ou a confraternização.

Não se confunda confraternização com desorganização.

Só os postos de comando ou de instrução permitem o

entrosamento de organizações similares, já no intuito de uma uniformização cultural.

Que uma pessoa presida duas ou mais sociedades similares, isto não significa que os seus membros se confundam, agindo simultâneamente numa e noutra sociedade.

Isto tudo é lógico; e exigir mais argumentos seria teimosia ociosa.

A Umbanda — queiram ou não queiram os seus adeptos aceitar esta verdade — a Umbanda, tal como a temos no Brasil, ainda possui dois terços de puro Batuque Africano.

Pois bem: na organização dos terreiros de Batuque ou Macumba, jamais se admitiu que filho ou filha de santo de uma casa assistisse sessões noutro centro, salvo com prévia licença do Pai ou da Mãe de Santo ou Chefe de Terreiro e em dias de festas, franqueados os trabalhos a numeroso público.

Outra: o simples fato de entrar mais um irmão para uma corrente de médiuns, todo o terreiro se ressente disso; e, às vêzes, os trabalhos não correm normalmente até que se descarregue o irmão de suas cargas fluídicas anteriores, harmonizando-o com o ambiente.

Como, pois, permitir a entrada de um grupo inteiro de pessoas numa corrente, quando não identificadas nessa determinada corrente, e a bel prazer do dito grupo e sempre que o mesmo se ache por bem assistir aos trabalhos de desenvolvimento mediúnico que devem ser sempre privados?

Que esta entrada se faça em definitivo, ainda bem: far-se-á a limpeza e a adaptação geral do grupo, embora seja isso trabalhoso.

É muito justo que se queira entrevistar esta ou aquela entidade de qualquer terreiro.

Para tanto devem os terreiros manter os dias de sessões de caridade, facultando-se ao público tais entrevistas ou consultas.

Quem se filia a um terreiro, encontrará no mesmo assistência espiritual e guias capazes de aconselhar, guiar e desenvolver seus filhos.

O desejo de se fazer parte de outro terreiro, freqüentando-se habitualmente suas sessões, indica claramente que se não tem plena confiança nos guias que, em primeira mão, dirigiram nossos passos.

É justo que mude definitivamente de terreiro: já dissemos que o homem é livre.

O que entretanto não é justo é que a gente creia poder seguir instruções misturadas em dois terreiros, desenvolvendo-se mediunidade por dois processos, às vêzes tão desiguais.

Se dentro de um mesmo terreiro, um guia, às vêzes, dá um parecer, sôbre determinado assunto, de maneira exatamente oposta ao ponto de vista de outro guia, e nasce a dúvida no espírito dos filhos de Umbanda, como harmonizar, pois, as linhas de conduta para o desenvolvimento mediúnico daquele que queira seguir ao mesmo tempo dois instrutores?

Os costumes externos de uma sociedade mundana são estabelecidos mediante a tradição, o bom senso, a chamada moral social, a lei civil, etc. Todos se entendem e vivem, num país, de um determinado modo, em razão de seus costumes sociais.

Os hábitos familiares, contudo, e até mesmo as manias individuais permanecem em flagrante contradição aos ditos costumes.

Ora, a Umbanda é uma só; como religião que se organiza, que se codifica, é uma só e, embora não possua ainda um poder, um govêrno central e único no plano visível (um papado como na Igreja Católica), ela tem uma direção única bem definida no plano invisível. Quem ver um Prêto Velho baixar no Recife, na Bahia, no Rio, em São Paulo, em Pôrto Alegre ou em Pelotas, — mesmo em se tratando de entidades diversas — verificará as semelhanças das manifestações, dos trabalhos, da linguagem empregada, e, com o tempo, aprenderá a

identificar com facilidade qualquer entidade semelhante. Outro tanto sucede com os Caboclos e Orixás.

Os trabalhos de Umbanda, contudo, são tão vastos, os cerimoniais são tão múltiplos que nós, com quase 15 anos de convivência diária com os guias, estamos sempre vendo e aprendendo novos cerimoniais.

Cada médium, em sua formação, e para que esta seja perfeita, requer da parte do Iniciador e dos Guias, um estudo especial.

A finalidade última da mediunidade na Umbanda é saber se o médium poderá receber ou não algum dia o dono de sua cabeça — o Orixá governador de seu Caboclo manifestante.

Em caso afirmativo, o médium deverá passar por uma série de iniciações individuais, sob a orientação dos Guias e do Iniciador, até atingir o pleno desenvolvimento.

Em caso contrário, se o seu Orixá não fôr de manifestação por incorporação, ainda assim o médium deverá passar por uma série de iniciações a fim de que se desenvolvam os seus dotes de intuição e para que o seu Orixá-Guia lhe possa dar uma ajuda permanente.

A preparação de um médium assemelha-se em muito com o tratamento de um doente. Melhor médico será aquêle que melhor conhecer a natureza, os hábitos, o passado mesmo do doente, a fim de penetrar com sadio julgamento nas causas da doença, podendo eliminar-lhe os efeitos maus e processar a cura.

A medicina é uma, é universal, mas os métodos medicinais e os pontos de vista médicos são muitos.

Sòmente em casos especiais — e nunca de uma maneira continuada — é que dois ou mais médicos se reúnem a fim de realizarem uma conferência sôbre determinado paciente. Estabelecida a causa da doença, feito seu diagnóstico, estudados seus meios de cura, fica o paciente a cargo de um só médico e seus enfermeiros.

Se no tratamento das coisas da matéria há um princípio de ordem a observar, como fugir a esta norma para as coisas do espírito que são mais sérias?

O que seria de um curso ginasial, onde os alunos tivessem dois ou três professôres para cada matéria

A desarmonia estaria estabelecida.

Em linguagem, por exemplo, haveria verdadeiro pugilato em aula; e, a simples classificação de um complemento provocaria desentendimentos sérios.

Objetar-me-ão: "A Verdade é uma só".

Concordo. Mas, os óculos que cada homem, encarnado ou desencarnado, usa para olhar esta Verdade são de côr, grau, espessura e tamanho bem diferentes. Eis porque, embora sendo a Verdade una, ela será vista de modo diverso, segundo as possibilidades de cada homem, de cada espírito.

E, em assunto tão delicado como seja o desenvolvimento de mediunidade e o necessário CRUZAMENTO do médium para o seu respectivo Orixá ou Anjo de Guarda, a responsabilidade do Iniciador ou Preparador ou Instrutor é enorme.

Ai dêle e de seu discípulo se êle errar.

Ai dêle se, por exemplo, disser que um médium tem por orixás Ogum e Obá, se forem os verdadeiros donos Oxosse e Ochum.

Os CRUZAMENTOS são diferentes para cada entidade, os rituais e as cerimônias são diversos em cada caso, as oferendas são diversas para cada orixá; a roupa, o material empregado, tudo é diverso, tudo varia ao infinito.

Sabeis o que pode produzir uma mediunidade mal orientada, mal dirigida?

Isto: a obsessão, a doença, a internação num hospital de loucos, a alienação mental definitiva, a morte.

Eis porque, apesar de ser espírita, jamais me ofendi quando ouvi os padres católicos dizerem que o espiritismo é uma fábrica de loucos.

Êles têm, em grande parte, tôda razão.

Somos daqueles que acham que quem não quiser to-

mar a coisa a sério, no Espiritismo, ou na Umbanda, quem não tiver desejo de estudar sèriamente, quem não tiver coragem ou espírito de imparcialidade, que não venha ao Centro Espírita ou ao Terreiro de Umbanda.

Quem fôr católico ou protestante que não mude de religião, a não ser por um forte motivo de saúde ou em razão de sério estudo doutrinário.

Siga, pois, o católico os Dez Mandamentos, assista à sua missa, confesse-se, comungue, creia no céu, no inferno e no purgatório, seja bom, seja humano, seja cristão e caridoso, orientando-se pelo Evangelho, e terá realizado muito na terra.

Não deve haver pressa de se conhecer a Verdade, quando se não está preparado para tal.

A eternidade é um fato, e o que fôr, veremos depois da morte.

Sem um motivo forte, sem uma justa causa, não se deve penetrar no Espiritismo.

O Espiritismo é uma ciência que perquire os mistérios do além, tenta investigar o que há depois da morte, e como tal intenta penetrar na ciência divina.

O simbolismo do fruto proibido da árvore da ciência do bem e do mal que Deus, segundo a Bíblia, colocou no paraíso é a mais rude lição à curiosidade do homem e da mulher.

Come-se o fruto, aprende-se a ciência; mas, depois cumpre ganhar o pão com o suor do próprio rosto.

Assim é na Umbanda: os frutos são atraentes, a promessa da serpente é tentadora. Contudo, depois, surgem os encargos, os trabalhos exaustivos, as longas sessões, os sacrifícios, as lutas.

Todos os que desejam fazer-se médiuns de Umbanda, todos os que a ela recorrendo como meio de cura para um mal ou auxílio às suas penas materiais, estarão dispostos, depois de servidos, a pagarem com sacrifícios enormes os benefícios recebidos?

Receber é fácil, dar é difícil.

Tudo tem um preço, mesmo a felicidade espiritual.

E, o preço do fruto proibido da árvore da ciência do bem e do mal é bem alto, é mais alto que o Calvário.

Quem vos fala possui a experiência dêsses sacrifícios e traz, em sua própria carne, a marca dos esforços feitos em busca da Verdade.

Nunca ficaram em palavras as nossas afirmativas. Somos da Umbanda por nossos atos, nossos sacrifícios, nossas renúncias, e assiste-nos o direito pleno de aconselhar os mais novos no assunto.

Médium de Umbanda!

Se realmente queres ser médium de Umbanda e não errar na espinhosa senda que escolheste, procura um guia — Iniciador, Caboclo, Prêto Velho ou Orixá — e a êle te entrega confiantemente.

Medita antes. Reflete, indaga e estuda.

Feita a tua escolha, segue o teu Mestre, não duvides dêle, tenha fé.

Não duvides dêle porque se êle te enganar ajustará contas com os outros que estão mais acima; e, a obediência exclui a responsabilidade.

Contudo, se algum dia duvidares do Mestre ou Guia que tu próprio escolheste, reza ao teu próprio Anjo de Guarda, ao teu Orixá e, em afastando-te do Guia no qual não confias, serás conduzido pelos mensageiros de Deus a outras mãos mais limpas, mais puras.

Podes duvidar, deves mesmo duvidar; mas, esclarecidas as tuas dúvidas pela razão própria, ou pela palavra de um guia, ou pela boa leitura, ou pela constatação de fatos elucidadores, então — avante! — fé, muita fé.

Sem a fé no Guia, no Iniciador, no Mestre, êste mesmo não poderá trabalhar em teu favor e para teu bem, pois, durante o trabalho, a maior fôrça ritualística de que dispõe o Iniciador ou Mestre é a confiança que nêle deposita o Neófito ou discípulo.

Por que dizia Jesus, sempre e sempre, àqueles que dêle obtinham uma graça: "A tua fé te salvou"? — Por quê?

Em qualquer religião, mais feliz será e mais realizará aquêle que tiver maior, mais pura, mais ardente FÉ.

Tuas curiosidades, como estudante, como investigador sincero e bem intencionado, são aceitáveis mas jamais digas que tal ou qual ritual, cerimônia ou trabalho, em Umbanda, são exagerados ou desnecessários, sem esperares os resultados dos mesmos.

Aguarda os frutos, prova-os e depois — depois sim — comenta sôbre a árvore que os deu.

Na segunda parte dêste nosso trabalho daremos amplas instruções quanto às sessões de desonvolvimento.

Com o presente capítulo procuramos apenas esclarecer àqueles que desejam andar de terreiro em terreiro, dos perigos que a falta de método ou disciplina pode acarretar no decorrer do desenvolvimento mediúnico.

E' tudo por ora.

OGUM

Agô-mi-leu.

Pelo que ficou explicado em o nosso livro — "O que é Umbanda?" — 2.ª edição, páginas 33 a 41 —, um "orixá" é uma entidade do plano invisível que jamais encarnou entre humanos, neste planêta.

Assim como o Mosaismo, a Cabala e o Cristianismo admitem a existência de puros espíritos que nunca foram humanos (anjos, arcanjos, querubins, serafins, tronos, etc.), também as diversas mitologias aceitam como reais um número considerável de sêres a que os teosofistas denominam da natureza, como habitantes dos planos astral, mental e divino.

A teogonia africana, como a mais antiga existente, visto ser a filha direta da mitologia Lemur-Atlante, denomina a êsses espíritos não-humanos de "orixás", e atribui aos mesmos o govêrno geral do mundo e dos homens.

Ao se formar, no Brasil, o que hoje denominamos de Religião de Umbanda, a fonte mais rica foi o Africanismo. Entretanto, o Catolicismo contribuiu com o seu contingente de tradições; daí o fato de que todo "orixá" de Umbanda possui duas denominações: uma africana e outra católica (nome de algum santo da Igreja).

Filho de Yemanjá e Orungán, é Ogum, o deus da guerra, segundo a teogonia africana. Corresponde êle ao Arés dos Gregos, filho de Zeus e Hera; ao Marte dos Ro-

manos; ao Wodan ou Odin dos Germanos; ao Mitra dos Persianos; ao Krichma dos Hindus; ao Marduc dos Assírios e Babilônios, etc.

Remontando o culto de Ogum à pré-História da Humanidade, êle estêve posteriormente contido em tôdas as mitologias; e a religião cristã não podia furtar-se à cultuação de um santo guerreiro.

Aganju, cuja correspondência é São Miguel, é tido com o pai de Ogum na teogonia afro-umbandista. Ora, bem sabemos que São Miguel foi o anjo que combateu Lucifer, e São Jorge foi um homem, um guerreiro da terra.

Yemanjá corresponde à Virgem Mãe ou Senhora dos Navegantes.

Diz a mitologia africana que Yemanjá casou com Aganju... e, nós sabemos perfeitamente que a Mãe de Jesus não casou com São Miguel e nem foi a Mãe de São Jorge, ao qual o negro africano ou o umbandista denominam de Ogum.

Se houvesse uma perfeita similitude entre os santos da Igreja e os "orixás", é claro que não teríamos essa discordância de parentesco que acima mostramos.

Poderíamos levar o caso mais longe e mostrar como a discordância de parentesco é enorme; mas, deixamos tal assunto para um vasto capítulo da parte prática de nossa Codificação.

E, se por outro lado observamos como as similitudes são variáveis, veremos que um dado "orixá" africano, na Bahia corresponde a um santo da Igreja, no Rio corresponde a outro santo e no Rio Grande do Sul, a outro.

Logo, o mais sensato, o mais científico, o mais teosófico é compreender-se de uma vez por tôdas que os Orixás são Devas ou Anjos e que, se é possível estabelecer-se uma similitude entre as teogonias pagãs e a africana, não é possível uma sistematização de similitude entre esta e o Catolicismo.

Concordaoms em que, na prática, se diga que Ogum é São Jorge Guerreiro. Isto facilita ao fiel ou adepto a fixação de seu pensamento em um guerreiro montado num cavalo branco, armado de lança e em luta com o Dragão do Mal. O homem carece de um símbolo a fim de realizar um ritual de magia, por esfôrço de imaginação.

Mas, saiba-se que Ogum não é São Jorge. Ogum é um Deva, um Arcanjo Chefe de Grandes Coortes celestiais; preside às coisas da guerra, o ferro e outros metais, e jamais andou encarnado na terra como São Jorge ou outro qualquer guerreiro. Quando muito, um dos seus subalternos imediatos, um outro Ogum Menor poderia ter sido o Anjo de Guarda de São Jorge.

Isto afirmamos a bem da Verdade e da Ciência.

O mesmo sucede com os outros "orixás" e "santos".

Yemanjá não foi Maria Mãe de Jesus, e sim, seu Deva (Anjo de Guarda); Xangô não é São Jerônimo ou outro qualquer; e sim, Deva ou Anjo Guardião daquele Santo. E, assim por diante.

Há anos que dizemos e hoje repetimos: Todo umbandista que queira compreender a hierarquia dos "orixás", sua natureza espiritual, suas verdadeiras funções, etc... deve, na prática, procurar palestrar com naturais da África Negra, penetrando no passado da Macumba ou do Batuque no Brasil; e, em teoria, deve ler as seguintes obras: — "Dogma e Ritual de Alta Magia", de Elifas Levi — "Tratado de Magia Prática", de Papus — "A Sabedoria Antiga", de Annie Besant — "O Plano Astral", de C. W. Leadbeater.

Isto representará apenas uma introdução ao estudo dos "sêres da natureza"; contudo, para a maioria dos nossos irmãos, já é muito, e evitará se acumulem erros, diga-se ou escreva-se que Maria Virgem é Mãe de Sant'Ana, que São Jorge é filho de São Miguel, que êste é Pai do Divino Espírito Santo e outras "barbaridades" que temos lido em recentes obras sôbre Umbanda.

Já é tempo de organizar-se na Federação um Conse-

lho ou Comissão de homens estudiosos e dedicados, a fim de que possam separar o joio do trigo, exercendo uma severa vigilância sôbre tudo que se publique no Brasil sôbre Umbanda.

Não basta que um livro seja ditado por uma "entidade" para que se o aceite como "vindo do céu"; é mister aquilatar-se até onde alcança o poder intelectual e em quanto montam os conhecimentos de tal entidade.

De nossa parte estamos vigilantes. Não queremos terreiros para nós, não almejamos as honras de "babaloxás"; mas, de maneira alguma toleramos o êrro filosófico em matéria tão cara a nós. Seria aumentar o caos da dúvida e criar enormes complicações aos vindouros.

Doa a quem doer — dizemos como Pai Antônio de Aruanda — havemos de expor a Verdade.

Ai de quem semeia a mentira: voltará a êste vale de lágrimas tantas vêzes quantas forem necessárias, até queimar a última árvore sêca de sua maléfica semeadura.

Que se chame São Jorge de Ogum, está bem; mas que se diga que Ogum é São Jorge não está certo.

A um filho de "orixá" se pode chamar pelo dono de sua cabeça; mas, a um Orixá não se dá o nome do filho.

O filho é portador do nome do pai, e não êste do daquele.

É claro ou não?

Saravá Ogum!

POSFÁCIO

Êste trabalhinho a que denominamos "Codificação da Lei de Umbanda" — Parte Científica — não é um livro grande como esperavam muitos, mas será um grande livro para aquêle que queira meditar sôbre o que ficou dito, e reler suas páginas, anotando tudo que provoque dúvida, surprêsa, etc.

A parte científica da Umbanda repousa sôbre os conhecimentos teosóficos, a Cabala, os livros sagrados já milenares e, em parte, na própria Codificação Kardecista.

Logo, amontoar teorias, encher páginas em vão, seria trazer maior confusão ao cérebro do estudioso.

O que nos preocupou definir foi:

1.°) a diferença entre Macumba e Umbanda, Umbanda e Kardecismo;

2.°) a origem do que chamamos Umbanda, no Brasil;

3.°) o que é o "orixá" — sôbre o que se ampara todo o "o mistério" do culto.

Pois isto bastava para lançar um pouco de luz sôbre o que já está escrito por outros que nos antecederam: Waldemar Bento, Lourenço Braga, João de Freitas, Oliveira Magno e tantos outros.

Tôdas as obras dêsses autores fazem parte da Codificação, e a feitura dos meus trabalhos não dispensa o estudo daqueles, pois eu sou humano, erro, e não sou o detentor absoluto da verdade.

Na Parte Prática, sim, desenvolvemos o assunto ao máximo que permitiram os nossos fracos conhecimentos

de mero filho de Prêto Velho, e apresentamos obra mais volumosa.

Aqui externamos também o nosso preito de gratidão eterna aos nossos mestres mais queridos, os Prêtos Velhos do Nosso Coração:

Pai Joaquim de Aruanda,
Pai Antônio de Aruanda,
Pai João do Bonfim,
Pai José da Costa,
Vovó Quitéria,
Vovó Rita,
Tia Lulu,
Pai Anastácio e tantos outros Pretos Velhos que nos têm instruído.

O nosso agradecimento também aos Caboclos amigos:

Ubirajara do Monte Cristal,
Sete Estrêlas,
Sete Flechas,
Sete Encruzilhadas, e todos os que conosco têm trabalhado nesta trajetória terrena.

Finalmente, caímos de joelhos, reverentes e com a alma transbordante de amor e lágrimas de gratidão, ante a linda filha de nossa grande Mãe Yemanjá,

a cabocla bonita, Conhã-Taim-Porã, a quem devemos o que de bom possuímos.

Saravá Xangô!
Saravá Oiá!
Saravá Obá!
Saravá Ogum!
Saravá Oxosse!
Salve todos os Orixás!
Salve o Senhor do Bonfim!
Agô-mi-leu! Caô-caô-cabecilê!...

Agô! Laĭupo!...

Xangô! Xangô!
Com licença de Exu,
Xangô! Xangô.
Quem é mais forte que tu?!...

Xangô! Xangô.
Com licença de Orixá,
Xangô! Xangô.
Mais forte é Pai Oxalá!...

Caô!
Caô-cabecilê!...

II

PARTE PRATICA

É inviolável a liberdade de consciência e de crença, e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariarem a ordem pública ou os bons costumes. As associações religiosas adquirirão personalidade jurídica na forma da lei civil.

(Constituição Brasileira, art. 141, § 7.º)

Tôda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; êste direito inclui a liberdade de trocar de religião ou de crença, assim como a liberdade de manifestar sua religião ou sua crença, individual e coletivamente, tanto em público como em particular, pelo ensino, a prática, o culto e a observância.

(Declaração Universal de DIREITOS DO HOMEM, aprovada e proclamada pela ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS em 10 de dezembro de 1948, Art. 18.)

HINO DE UMBANDA

Vim de um monte de cristal,
Da terra de Jesus,
Onde há um lago azul!...
Xê retama mooripa com palmeira de jussara!...
Assuramaia!... Caboclo Ubirajara!...
Assuramaia!... Caboclo Ubirajara!...

Saravá!...
I-ni-uaçu Tupi!...
I-Bajé de Umbanda!...
I-ni-catu da mata virgem e cachoeira!...
Tupã de Irin-Magé, Boiá-uaçu,
Conhã-Taim-Porã,
Iara-boiá-uaçu!...
Rudá, Jaci!...
Ó tu que vens do céu
Naná i-umburucu,
Iá-ia Iaboci!...
I-cê-irê Tupi...
Ada-Nári Guarani!...
I-cê-irê Tupi...
Ada Nári Guarani!...

HINO DE ARABUTÁN (*)

Prêto Velho que veio de Aruanda,
Com o sol e as estrêlas vem salvando
Aos filhos de Umbanda.
Ó meu Pai Joaquim!
Agô-mi-leu Xangô, caô, caô, caô...
Saravá o Caboclo Itararé,
Que ilumina o céu do meu Brasil!...
Baixou meu grande amigo de Aruanda,
Riscando todo o céu co'a flama de Tupã!...

Babá...
Ni-Arabután Xangô!...
Morubixaba
De Tupá I-ba-jé!...
Xavante Iara-jé,
Tu és meu orixá,
Por ordem de Oxalá,
O nosso Pai Maior!...
Orixalá!...
Ogunhe!... Saravá!...

(*) **Arabután** ou **Arabutã** é o nome de nossa Pátria, o Brasil, na língua dos primitivos tupis-tapuias. À árvore do pau-brasil também dá-se a mesma denominação.

O QUE É A UMBANDA

Na primeira parte desta CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA (Parte Científica) dedicamos um capítulo à explicação de "o que é a Umbanda"; e, anteriormente, publicamos uma obra intitulada "O QUE É A UMBANDA?", na qual fornecemos amplas informações ao leigo quanto à origem, evolução e estado atual desta religião-ciência no Brasil.

Agora, ao iniciarmos a segunda parte da CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA, dedicada quase tôda ela à parte prática dos rítos de Umbanda, cumpre-nos dizer mais algumas palavras a título de introdução quanto à origem da religião-ciência de Umbanda, tal como a encontramos hoje no Brasil.

Aquêle que realmente queira ser versado em assuntos de Umbanda, adquirindo uma cultura religiosa e científica que o capacite a compreender quase que plenamente todos os cerimoniais que venha a assistir no convívio com os umbandistas, deverá estudar:

a) através da História e dos livros sagrados, às principais religiões do passado e do presente, tais como o Mazdeismo, o Mosaísmo, o Bramanismo, o Budismo, o Hinduísmo, o Catolicismo, o Protestantismo, etc.

b) o Espiritismo Ocidental, através as obras de Allan Kardec, León Denis e outros;

c) a Teosofia, pelos livros de Helena Blavatski, Annie Besant, W. C. Leadbeater e outros;

d) o Rosacrucianismo, segundo Max Heindel, Khrum Heller, filiando-se em alguma fraternidade de estudantes rosa-cruzes;

e) a Magia e a história da Magia, lendo de preferência Elifas Levi, Papus (Gérard Encause), Nostradamus, etc.;

f) o Esoterismo e o Hermetismo, escolhendo boas obras entre as inúmeras que foram até hoje publicadas pelo Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento de São Paulo;

g) a simbologia maçônica.

O umbandista culto que deseje fazer jus ao título de verdadeiro iniciado, deverá seguir mais as seguintes instruções:

1.° — procurar manter um convívio, embora temporário com pessoas, de preferência da raça negra, que sejam praticantes da religião natural (batuque, macumba, candomblé) dos negros africanos;

2.° — estudar tôdas as teogonias religiosas possíveis e tôdas as mitologias dos povos do passado e dos menos civilizados ainda existentes em nosso planêta;

3.° — ler boas obras sôbre **Kabala, Astrologia, Ciências Adivinhatórias, Magnetismo, Hipnotismo, Animismo;**

4.° — deve iniciar-se em conhecimentos de Botânica e Mineralogia e sobretudo **Botânica Oculta** e **Química Oculta (Alquimia);**

5.° — deve manter relações com médicos, com os quais possa palestrar sôbre assuntos da medicina profana, especialmente no que se refere à **Psiquiatria, Dermatologia, o Câncer** e outros ramos da ciência de Hipócrates, sôbre o que ainda temos muito **que investigar e realizar;**

6.° — procurar estudar a ciência da linguagem sob o ponto de vista glotológico (Lingüística pròpriamente dita), interessando-se pela origem do homem e sua linguagem;

7.°) — sendo brasileiro, deverá ter especial carinho pelo estudo de nosso folclore, nossa pré-história, a origem de nossos aborígenes, seus costumes, sua teogonia, etc.

A ausência absoluta de qualquer sectarismo, quer científico, quer religioso, será a condição primacial para o bom êxito de quem busca a VERDADE, neste como em muitos outros assuntos.

Assim, devemos frizar que, em nossas relações com os meios umbandísticos, encontramos dois tipos bem definidos de umbandistas: primeiro, aquêle que freqüenta um terreiro, limita-se a práticas ritualísticas rotineiras, dedicando-se aos trabalhos por mero gôsto místico ou crendice; segundo, aquêle que investiga constantemente, evolui em sua ritualística, aperfeiçoa, aprende mais e mais...

Em ambos os tipos, achamos o bom e o mau umbandista, pois o bem e o mal estão em tôda a parte. Não se confnude conhecimento, saber, cultura com pureza de coração, bondade, etc.

Entretanto, é evidente que a ignorância produz mais males que a inteligência esclarecida. Por isso que predicamos cultura, muita cultura, e somos daqueles que pleiteiam a organização de uma ESCOLA ou SEMINÁRIO para caciques, chefe de tendas ou terreiros de Umbanda.

A responsabilidade do homem culto é muito maior, e o mal que êle faça, retorna mais ràpidamente, realizando-se o velho rifão do **o feitiço contra o feiticeiro.**

Enquanto os nossos terreiros, em sua maioria, estiverem entregues a caciques semi-alfabetizados no assunto, não chegaremos a ocupar o lugar que nos pertence dentre o concêrto das religiões cultas do mundo.

Aquêle que amar a causa de Umbanda, estudará e estudará muito e constantemente, orientando-se pelo que acima ficou explicado.

O umbandista deve organizar a sua biblioteca espiritualista, podendo manusear freqüentemente bons livros do ramo, anotá-los, etc.

Deve também organizar o seu DIÁRIO DE TRABALHOS no qual anotará os conhecimentos que vá adquirindo, receitas novas dadas pelos guias, instruções, relatos de sessões que lhe parecerem mais importantes, comentários, etc., a fim de que, uma futura releitura possa trazer esclarecimentos, servindo ao mesmo tempo de **documentário íntimo.**

Ao principiante, recomendamos a leitura das seguintes obras:

Sôbre a UMBANDA no Brasil:

A Magia no Brasil — Waldemar Bento.
1942 Umbanda e Quimbanda — Lourenço Braga.
1950 Trabalhos de Umbanda — Lourenço Braga.
1953 Mistérios da Magia — Lourenço Braga.
Ritual de Umbanda — Benedito Ramos da Silva.
1941 Umbanda — João de Freitas.

Ritual de Umbanda — Benedito Ramos da Silva.
1949 Umbanda — Florisbela Maria de Souza Franco.

Aimoré (Oxossi) — Heraldo Menezes.
Urubatão (Ogum) — Heraldo Menezes.
Iara (Mãe d'Água) — Heraldo Menezes.

Ogum — Ogosse Nabeji.
Xangô — Ogosse Nabeji.
Alquimia de Umbanda — Centro Fraternidade Urubathan.
Umbanda Mista — Sílvio Pereira Maciel.

A Umbanda e seus Complexos — Oliveira Magno.
1950 A Umbanda Esotérica e Iniciática — Oliveira Magno.
Magia Prática Sexual — Oliveira Magno.
1952 Umbanda e Ocultismo — Oliveira Magno.
Umbanda Sagrada e Divina — Paulo Gomes de Oliveira.
Espelhos Mágicos — Aristóteles Itália.
Forças Ocultas, Luz e Caridade — J. Dias Sobrinho.
O Culto de Umbanda em face da Lei — Vários Umbandistas.
Pontos de Umbanda — Editôra Espiritualista.
Preces e Orientação sôbre Umbanda — Tenda N. S. da Glória.

O que é a Umbanda? — Emanuel Zespo.
Lei de Umbanda (romance) — Emanuel Zespo.
Banhos de Descarga na Umbanda — Emanuel Zespo.
Lex Umbanda — Ab'd 'Ruanda.
Lições de Umbanda — Samuel Pönze.
1953 Ritual Prático de Umbanda — Oliveira Magno.
Banhos e Defumações na Umbanda — Ab'd 'Ruanda.
Camba de Umbanda — Byron Torres de Freitas e Tanc redo da Silva Pinto.
Mirongas de Umbanda — Byron Torres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto.
Doutrina e Ritual de Umbanda — Byron Torres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto.

Sôbre CATOLICISMO:

História Sagrada — de qualquer bom autor eclesiástico.
Curso de Instrução Religiosa — Mons. CAULY.
Catecismo Explicado — Tomo I — Mons. CAULY.
História da Religião e da Igreja — Mons. CAULY.

Sôbre TEOSOFIA e ESOTERISMO ORIENTAL (baseado no Bramanismo, Budismo, Hinduísmo, etc.):

Doutrina Secreta — Helena Petrovna Blavatski.
A Sabedoria Antiga — Annie Besant.
Vida depois da morte — Annie Besant.
Plano Astral — C. W. Leadbeater.
Plano Mental — C. W. Leadbeater.
Os sete raios — Ernesto Wood.
Voz do silêncio — H. P. Blavatski.
Luz no Caminho — Mabel Collins.
Reencarnação — Annie Besant.
Budismo Esotérico — da Coleção Teosófica e Esotérica.

Sôbre ROSACRUCIANISMO:

Zanoni (romance) — Lord Bulwer Lytton.
O Filho de Zanoni (romance) — Francisco Waldomiro Lorenz.
Mensagens Rosa-Cruzes — do Círculo Esotérico de São Paulo.
A Doutrina Secreta dos Rosa-Cruzes — Idem.
Rosa-Cruz (romance) — Khrum Heller.
Conceito rosa-cruz do Cosmos — Max Heindel.

Sôbre MAGIA:

A História da Magia — Elifas Levi.
Dogma e Ritual de Alta Magia — Eilfas Levi.

Tratado de Magia Prática — Papus.
Magia Teúrgica — do Círculo Esotérico de São Paulo.
Magia Mental — W. W. Atkinson.
O adepto — Idem.
O Ocultismo e o Amor — Idem.
Para combater o feitiço — Papus.
Poder Mágico — Loester.
Ritual de Magia Divina — do Círculo Esotérico.

Sôbre MAÇONARIA;

Antiga Maçonaria Mística Oriental — do Círculo Esotérico.
Maçonaria Simbólica — Idem.
Mistérios da Maçonaria e das Sociedades Secretas — Idem.

Sôbre ESOTERISMO:

A Felicidade pelo pensamento — do Círculo Isotérico.
A fôrça do pensamento — Idem.
A lei do mentalis — Idem.
As doutrinas esotéricas das filosofias e religiões da Índia — Idem.
Curso de Iniciação Esotérica — Idem.
Fôrças Ocultas — Idem.
Cartas esotéricas — Idem.

Sôbre MAGNETISMO E HIPNOTISMO:

A sugestão e a auto-sugestão — do Círculo Esotérico.
Curso de Magnetismo Pessoal — Idem.
Fascinação Mental — Idem.
Hipnotismo (do Instituto Hermético) — Idem.
Magnetismo — Idem, idem.
Magnetismo e Hipnotismo — Idem.
Magnetismo pessoal — do Círculo — H. Durville.
Método de Hipnotismo — Idem.

Sôbre MEDICINA OCULTA:

A aura protetora — do Círculo Esotérico.
A renovação do homem — Idem — Prentice Mulford.
A Usina Humana — Idem — Henri Durville.
Cura prática pela água — Idem — Yogi Ramacharaka.
Dicionário mágico — Idem.
Homeopatia doméstica brasileira — Idem — F. V. Lorenz.
Higiene e tratamento homeopático das doenças domésticas — Idem — Dr. Alberto Seabra.
Manual de Terapêutica Clínica — Idem.
Medicina dos Espíritos — Idem.
Pequeno Consultório Hermético — Idem — F. V. Lorenz.
Projeção dos Eflúvios Vitais — Idem — A. L. Paternostro.
Prolonguemos a Vida — Idem — Jean Finot.
Psicoanálise prática — Idem — Rosabis Camaysar.
Receituário dos melhores remédios caseiros — F. V. Lorenz.
Ciência da Cura Psíquica — do Círculo — Y. Ramacharaka.
Medicina Oculta — (Ciências Herméticas).
Terapêutica magnética — Idem.
Voz da Natureza — Idem.
Radiopatia — (do Instituto Hermético) — Idem.

Sôbre ESPIRITISMO:

O livro dos Espíritos — Allan Kardec.
O livro dos médiuns — Idem.
O Evangelho segundo o Espiritismo — Idem.
O Céu e o Inferno — Idem.
A Gênese — Idem.
Obras Póstumas — Idem.

O que é o Espiritismo — Idem.
A doutrina Espírita como Filosofia Teogônica — Bezerra de Menezes.
Como se organizam as Sessões Espíritas — H. Arnold.

Sôbre CRIPTO-EGIPTOLOGIA:

Iniciação Egípcia — Henri Durville.
A voz do Antigo Egito — F. V. Lorenz.
O Segrêdo da Esfinge — Georges Barbarin.

Sôbre ASTROLOGIA:

Astrologia (Ciências Herméticas) — Círculo Esotérico.
Cartomancia Astrológica — Xalslil S. I.
Utilidades Astrológicas — Oliveira Magno.
Um pouco de Astrologia — Arhus Sab.

Sôbre outras CIÊNCIAS ADIVINHATÓRIAS:

Quiromancia (Ciências Herméticas).
Clarividência e Psicometria — G. Phaneg.
Elementos de Quiromancia — F. V. Lorenz.
Faceologia — do Círculo Esotérico.
Fisiognomonia e Frenologia (Ciências Herméticas).
A Mão e seus Segredos — Arhus Sab.
Grafologia (Ciências Herméticas).
Resumo Prático de Grafologia — Arhus Sab.
Grande Arcano — Elifas Levi.
Interpretação dos Sonhos e Visões — do Círculo Esotérico.
Mistério Sacerdotal — Elifas Levi.
Numerologia — Rosabis Camaysar.
Perpétuo Horário Astrológico.
Psicomancia Prática — W. W. Atkinson.
Sorte revelada pelo horóscopo cabalístico — F. V. Lorenz.
Taro Adivinhatório —

Sôbre CABALA:

Cabala — Francisco Valdomiro Lorenz.
O Kaibalion — Tradução de Rosabis Camaysar.

Sôbre AFROLOGIA:

Os Africanos no Brasil — Nina Rodrigues.
O Negro Brasileiro — J. Raymundo.
Senzala e Macumba — Jacy Rêgo Barros.
O Candomblé da Bahia — Donald Pierson.
As culturas negras no Novo Mundo — Arthur Ramos.
O Negro no Brasil — Ed. Brasiliana, Vários autores.
Candomblé no Brasil — José Ribeiro.
Negros Bantus — Edison Carneiro.
Caderno de Xangô — Sodré Viana.
Escravidão Africana no Brasil — Maurício Goulart.
Feitiços e Crendices — Ernâni de Irajá.

Sôbre AMERÍNDIOLOGIA:

Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica — — S. Ramos.
Indiologia — Biblioteca Militar.
As Américas antes dos Europeus — Luis Amaral.
Os indígenas do Nordeste — E. Pinto.
O Selvagem — Gal. Couto de Magalhães.
O Império dos Incas no Peru e no México — D. Jaguaribe.

Sôbre ETNOLOGIA E GLOTOLOGIA:

A genealogia do homem — A. Besant.
Iniciação Lingüística — F. V. Lorenz.
Línguas Indígenas da América — Jorge Bertolasso Stella.
Monogenismo Lingüístico — Idem.
La Linguistique — Abel Hovelacque.
História da Criação Natural — Heckel.

Não julgue, entretanto, o homem de gabinete que a simples leitura destas obras será capaz de transformá-lo em um perfeito "mago".

Por outro lado, não pense o freqüentador assíduo dos terreiros de Umbanda que será um grande iniciado sem a meditação profunda sôbre a **SABEDORIA DOS TEMPOS PASSADOS** que nos foi legada pelos livros sagrados tais como a **Bíblia, O Código de Manu, Os Vedas**, etc.

Cumpre aliar a prática à teoria e aprender constantemente, quer no terreiro, em convívio com os guias, os caboclos, os prêtos velhos, os orixás, os irmãos da terra mais experimentados, quer no retiro das longas noites de estudo e meditação.

Pelo que nos toca, nascemos em berço católico e praticamos a religião mais conhecida do Brasil até a idade de 14 anos. Entretanto, aos doze começamos a leitura de livros considerados **pecaminosos** para os nossos preceptores católicos, muitos dêstes livros constam da lista acima. Na mesma época entramos em contato com batuqueiros prontos, isto é, pais e mães de santos (babalaôs) das nações de Nagô, Gêge e Oió, com os quais convivemos até os 33 anos de idade. Simultâneamente (em 1930) ingressamos no Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento de São Paulo, colaborando ativamente no jornal "O Astro" até 1939. Fizemos sempre uma ativa campanha, em vários jornais do Brasil e pela tribuna em prol do Esoterismo, do Espiritismo e da Teosofia, tendo iniciado nossos estudos desta última matéria em 1928. Filiamo-nos a várias Fraternidades Rosacruzes e outras organizações secretas. Em 1936 conhecemos **PAI JOAQUIM DE ARUANDA** e data daí nosso ingresso nas fileiras da Umbanda do Brasil. Durante dez anos privamos com êste elevado espírito de luz e saber, e sòmente em 1946 tivemos permissão para realizar a nossa primeira palestra em público sôbre o tema **O QUE É A UMBANDA**, matéria que publicamos em nosso livro de igual título.

Muitos dos nossos amigos mais íntimos ignoravam os estudos que faziamos ao pé de Pai Joaquim, no terreiro de Umbanda, assistindo a todos os trabalhos com papel e lápis em punho, anotando, indagando, emendando, aprendendo, armazenando o que hoje vimos trazer ao leitor como o produto, a soma enfim, de trinta anos de lutas espiritualistas.

Pelo que aí vai, verão que é ainda um mínimo o que podemos dar.

Ainda nos encontramos no limiar do conhecimento e quanto mais tentamos penetrar no templo do Saber, mais vemos que o portal se alarga e mais sentimos que cambamos. Se não fôssem as mãos e as palavras de Pai Joaquim, Pai Antônio, Pai João, Vó Quitéria, Tia Lulu, Vó Rita, Pai Luiz, Pai Zartu, Pai Anastácio, Pai Pedro e tantos outros Prêtos e Pretas Velhas e Caboclos e Orixás, já de há muito teríamos resvalado no portal e tombado exânime.

Nada disto, pois, é nosso. Nosso é sòmente o desejo de perquirir, e assim mesmo se nos faltasse a ajuda mencionada e a vida que o Pai Maior nos dá, tudo seria nada.

Quando mencionamos os nossos feitos, os nossos longos anos de luta e estudo, visamos apenas estimular aquêles que nos seguem e sôbre-avisar os incautos para que se não enganem quanto à grandeza da jornada espiritualista em busca da Umbanda, desta verdadeira **UMBANDA** que é luz, é sabedoria, é amor, é religião, e que não está contida apenas na parte **exotérica** posta ao nosso alcance nos milhares de terreiros, tendas e centros que por êste Brasil existem.

A UMBANDA a que me refiro é **esotérica**, não consiste apenas nesta nova manifestação religiosa do Brasil, misto de africanismo, amerindismo, espiritismo e catolicismo: tal **Umbanda** é a que sempre existiu latente em tôdas as formas humanas e **exotéricas** de cultuação ao Todo-Poderoso e aos sêres que constituem as hierarquias celestiais.

Busco a **Umbanda** em tôdas as religiões, em tôdas as filosofias, em tôdas as ciências, em tôdas as artes, em todos os tempos, porque ela sempre existiu, vem do princípio ignorado e vamos encontrá-la plenamente manifestada já nas pré-históricas civilizações da **Lemúria**, da **Atlântida**, da **Índia**, do **México**, do **Peru**, do **Egito**, da **Mesopotâmia**, da **Grécia**...

O tronco, o início, a origem são um só; e, o fim, o têrmo, a meta serão um só. O conflito, a dor, a incerteza, as lutas estão apenas na trajetória. Tôdas as religiões, partiram da religião única, universal, primeira, que foi o anseio do primeiro homem ao tentar retornar à Divindade donde emanou; e tôdas as religiões, compreendendo cada uma que nada mais são que simples galhos da **Religião Universal**, enfeixar-se-ão, unidas, fundidas num divino amplexo de amor ao próximo, elevando todos os homens até Deus.

Saravá os que têm fé!
E saravá os que não têm fé!

Agô-mi-leu.

O TERREIRO DE UMBANDA

Denomina-se **terreiro** à peça da casa ou local onde são realizadas as sessões de Umbanda.

Tenda ou Centro é a casa tôda onde está alojado o terreiro.

A **tenda** deverá constar de um terreiro ou salão apropriado para sessões com grande número de médiuns, uma camarinha ou peça menor para trabalhos mais reservados e fortes (o antigo pegê do batuqueiro), um local para a assistência, uma peça para secretaria, etc.

A fim de que o leitor possa compreender bem como deve ser organizado o terreiro e a tenda, vamos descrever um terreiro e uma tenda:

Suponhamos um dia de sessão na Tenda de São Jorge (Ogun).

A tenda funcionava em um arrebalde do Rio, em um casarão isolado e metido para dentro de um jardim, com muitas árvores na frente.

Ao chegarmos na parte que dava para uma saleta de espera ou passagem para o terreiro pròpriamente dito, aguardava-nos um "porteiro" ou **guardião do templo**, indumentariado de camisa e calças brancas e alpercatas. Trazia no peito um ponto bordado do caboclo Arranca Tôco.

Como não nos conhecia e não nos podíamos apresentar, pois não éramos portador de caderneta de sócio ou médium, indagou quem éramos. Declinamos nosso nome,, entregamos nosso cartão de visitas e dissemos que se tratava do autor do livro "O QUE É A UMBANDA?", etc. Entregamos também um exemplar de obra nossa a ser doado à Biblioteca do Centro.

O referido porteiro fêz-nos sentar na saleta, entrou na Secretaria ao lado e, voltando, pouco depois, acompa-

nhado de outro cavalheiro, como êle indumentariado, fomos por êste conduzido ao salão onde presenciaríamos a sessão.

O terreiro compunha-se de uma vasta peça, separada por uma grade baixa de madeira (1,20m). Da metade para o fundo havia sòmente o congá (altar) ao fundo; e, da metade para a entrada, muitas cadeiras enfileiradas para a assistência. Ofereceu-me o meu introdutor uma cadeira bem na frente, próxima à grade.

Para dentro da grade, via-se um grande número de médiuns.

Estavam organizados em círculo. À direita do congá, os médiuns homens, todos de camisa e calças brancas; à esquerda, o elemento feminino, indumentariado com amplas túnicas brancas e bombachas também brancas. Todos os médiuns estavam de alpercatas das mais simples, e ostentavam os pontos dos respectivos guias, bordados no peito, do lado esquerdo e o seu próprio prenome à direita.

O congá tinha a forma comum de um altar, ostentando um grande Crucifixo, um São Jorge, um São Jerônimo, uma Santa Bárbara, uma Santa Catarina, uma Nossa Senhora da Conceição, São Cosme e São Damião e outros santos.

Estava iluminado com lâmpadas de diversas côres, tendo bem no centro um copo com água e uma vela acesa dentro do mesmo.

Viam-se pontos e signos de Salomão bordados nas côres convenientes nas toalhas brancas do congá. Havia vasos com flôres, algumas velas, etc.

Colocado ao lado esquerdo do congá, estava um móvel com diversas alfaias necessárias ao rito: charutos, cigarros, fósforos, marafo, vinho branco e tinto, pembas de várias côres, fumo em rôlo, palha para cigarro, etc. Não faltavam também o pulveriz e a fundanga. (1)

(1) Quaisquer palavras ou expressões próprias da Lei de Umbanda, cuja interpretação não seja logo dada neste livro, poderão ser encontradas no nosso "Dicionário de Umbanda" — Quarta Parte da CODIFICAÇÃO.

Havia uma porta de cada lado do congá e que davam para outras peças menores. A da direita de quem olhava da assistência, dava para a **camarinha** ou **pegê**; a da esquerda conduzia a uma peça de saída pelos fundos da casa. Havia, entretanto, outras dependências reservadas à família zeladora, aos fundos.

Verificamos que havia um cambono (chefe dos cantores) no terreiro pròpriamente dito e outro, na assistência, cujas duas primeiras filas de cadeiras à esquerda eram reservadas às meninas e jovens cantoras; e, duas primeiras filas à direita, pertenciam aos rapazes e moços cantores.

Em cada lado do congá havia um cavalete com um quadro negro, onde o Cacique ou Chefe de Terreiro ou as entidades manifestantes riscariam os pontos necessários. Usava-se um apagador comum de escola.

Às 20 horas em ponto, o Ogan ou Assistente do Cacique e das Entidades, entrou pela porta dos fundos, à direita do congá, balançando um turíbulo com brasas. Aproximou-se do centro do congá, em cuja beira bateu três vêzes com a testa, e pôs sôbre as brasas do defumadouro uma defumação sintética, composta de incenso, benjoim e outros perfumes.

Entrou na Camarinha, onde deveria estar o Cacique, em oração; e, saindo dai poucos minutos, defumou em cruz o terreiro e saiu para a assistência, defumando tudo até a porta da rua, que, nesta ocasião foi fechada pelo porteiro.

Voltando, o ogan entrega o turíbulo a um ajudante e coloca-se à direita do congá, onde começa a fila dos médiuns homens. O lugar oposto estava ocupado pela **jabonam** (ogan feminino).

Neste instante, entra no terreiro o Cacique, saindo da Camarinha. Traja camisa-blusa branca com gola e punhos verdes, e calças brancas com um filete verde ao lado. Traz o ponto de Ogun-Rompe-Mato no peito e uma pequena lança na mão (cetro de Ogun) que depõe sôbre o Con-

gá, em cujo bordo bate com a testa três vêzes. Vira-se, então, para a assistência, faz o sinal esotérico e diz:

— Agô... Saravá Ogun! !

— Saravá Ogun! respondem todos.

Vira-se novamente para o congá e, de costas para a assistência, braços erguidos em sinal de súplica ao alto, o próprio Cacique entoa o primeiro verso do ponto:

Quem vem, (
Quem vem lá de longe... (BIS
São os anjinhos que vêm trabalhar! (

O' dai-me fôrças pelo amor de Deus, (
Meu Pai! (
O' dai-me fôrças (BIS
Aos trabalhos meus!.. . (

Êste ponto pode ser entoado **duas** ou **quatro** vêzes por tôda a assistência.

A seguir, canta-se o seguinte ponto, cuja letra bem traduz o seu efeito na abertura dos trabalhos:

Venha vindo devagar,
Venha vindo bem ligeiro!
Aí vem a falange
Dos 7 Cruzeiros!...

Diversos médiuns ficam tomados, e compete ao Ogan e seus assistentes observarem o desenvolvimento dos médiuns, verificando da conveniência ou não da permanência mais ou menos demorada das entidades incorporadas.

Os médiuns mais velhos, em geral, e incorporados por alguns guias, tomam conta dos mais novos, procurando melhorar o estado de seu desenvolvimento, mediante trabalhos que sòmente assistindo e praticando é que se os compreende bem, de nada valendo descrevê-los ao leigo.

A seguir foram tirados pontos de Ogun e de Caboclos de Ogun do Mato, pontos de Inhançã (Santa Bárbara),

pontos de Xangô (São Jerônimo), pontos de Oxosse (São Sebastião) e de todo o povo do mato, da pedreira, etc., e da linha do fogo.

É muito interessante que, na seriação dos pontos, os Cambonos saibam organizá-los, observando rigorosamente a ordem hierárquica dos orixás-guias, evitando também as perigosíssimas misturas de pontos do povo da água com pontos do povo do fogo e vice-versa.

Observamos que o Cacique traçava diversos pontos ao quadro negro e concluímos que com alguns, êle evocava as fôrças, auxiliando cabalísticamente os pontos cantados, e que com outros êle saudava as entidades já presentes. Enfim, afigurava-nos que o ponto riscado era como um comutador elétrico. (2)

Tivemos oportunidade de presenciar diversos trabalhos de **limpeza**, feitos em pacientes que foram trazidos da assistência para o meio dos médiuns.

Nestes momentos, em geral, cantavam-se pontos de Ogun, Oiá e Xangô. Verificamos que as entidades más-atuadoras dos pacientes, incorporavam-se em médiuns mais novatos. Algumas pediam perdão, outras blasfemavam; mas, sempre terminavam cedendo e deixando o paciente livre de tão péssima companhia, pois eram levadas para a mata virgem pelos caboclos especializados neste mister, isto é, eram levados para subplanos do plano astral onde pudessem ser educados convenientemente para entrarem no bom caminho da evolução anímica.

Tais atuadores são, às vêzes, espíritos de parentes falecidos, ou espíritos enviados de propósito por algum mau feiticeiro, a que o vulgo chama de quimbandeiro. Muitos apresentam-se como "exus", sem sê-lo, e pedem dádivas para deixar o paciente.

(2) Riscar um ponto que se vê um caboclo fazer ou que se encontra em um livro, é muito fácil. Mas, como começá-lo? Qual o primeiro traço? Com o ponto não se brinca; é melhor não fazê-lo do que fazê-lo mal e ser-se vítima de uma péssima carga fluídica.

Cabe ao Cacique não maltratar tais entidades, pois todos são filhos de Deus. Deverá usar de muita prudência e mesmo diplomacia, sabendo acorrentá-los, com a ajuda dos caboclos presentes, quando forem muito furiosos, repelindo-os de modo que possam êles encontrar o caminho da luz e da verdade. Isto diz respeito à cultura esotérica do Cacique e tal aprendizado êle fará com o seu **"mestre-de-cabeça"**, o Cacique que o preparou para ser Cacique também. A Umbanda tem segredos, como tôdas as religiões, que se não escrevem e que são aprendidos pelo iniciado, à medida que vai recebendo instrução verbal de seu **"mestre-de-cabeça"**, dos caboclos, dos prêtos velhos e dos orixás com os quais convive.

A instrução é múltipla e infinita, sabendo-se ao certo que sempre se sabe um pouco do muito que se tem de aprender e que, cada sessão ou reunião poderá trazer uma nova lição ao mais velho mestre da terra.

Nesta sessão a que nos referimos, tivemos o prazer de ver o Cacique, auxiliado por um caboclo forte, trabalhar com o **ponto de fogo** e **fundanga**. Isto será motivo para um capítulo desta obra.

Depois que foram cantados vários pontos do fogo e do mato e que havíamos presenciado às manifestações de caboclos e caboclas dêstes povos, houve uma pequena pausa nos trabalhos, antes de ser evocado o povo da água.

À medida que os pontos da água eram tirados, iam-se manifestando os caboclos e caboclas da água, iaras, ondinas, sereias, e todos os trabalhadores dos rios e do mar.

Faziam êles novas limpezas de ambiente, empregando água do mar, perfumes apropriados, etc.

Aquilo que de mau não havia sido levado para a mata virgem, era sàbiamente descarregado para o mar profundo.

Quando os trabalhadores do mar deram por encerrado o seu mister, o Cacique encerrou também a **primeira parte da sessão**, permitindo que se retirassem da assistência todos os que fôssem simples visitantes como nós, e mesmo da corrente dos médiuns aquêles que moravam

longe ou cujas atividades não permitissem um trabalho mais longo, ou os que fôssem muito novatos ainda.

Deviam ser 23 horas e 30 minutos quando o terreiro estava apenas com um têrço dos médiuns antes presentes e a assistência reduzida a quatro ou cinco pessoas de mais confiança do Cacique. Nós, a convite especial, ficamos para assistir a segunda parte dos trabalhos.

Foi feita nova defumação, preparou-se uma oferenda especial para os **exus** e, cinco minutos antes da meia-noite, começaram a cantar os pontos de **exus-da-encruzilhada**. Muitas destas entidades se manifestaram. Um médium incorporado com um **Exu-Chefe**, tomou da oferenda, saiu para a rua com ela, voltou sem a mesma e, ao entrar na roda dos **exus**, o Cambono deu ordem para serem cantados pontos de retirada:

Lá na beira do caminho,
Exu da gira-ló...
Adeus, meus filhos,
Que Exu já vai embora!...

Logo que o **Exu** é despachado, evocam-se as falanges de prêtos velhos minas, congolenses, da Costa, de Guiné e da Bahia, com pontos como êste:

Quem baixa na linha de Congo,
É congo, congo aruê!...
Baixou na linha de Congo,
Agora que eu quero vê!...

É a vez dos prêtos velhos, é a hora de serem servidos os cachimbos, as rapaduras, as cocadas, os pitos de palha ou papel, etc.

É a hora em que se conversa longamente, os conselhos são dados, as instruções são ministradas, as mandingas são desfeitas e realizados os trabalhos mais ocultos.

Depois que estas falanges se despedem, poderão ainda ser cantados pontos como êste:

Prêto Velho,
Que vem de Aruanda,
Noite escura,
Vem descendo,
No meio da tempestade,
P'ra sarvá fio de Umbanda, (
P'ra sarvá fio de fé... (Bis
Êh!... êh!... (

Baixam, então, os Prêtos Velhos de **Aruanda**, a mais alta jerarquia de espíritos terrestres que trabalham na Lei de Umbanda.

Êstes prêtos só vêm em ambiente muito limpo, muito preparado e completamente descarregado, e em mediuns compenetrados de seus deveres e que levem uma vida pura sob o ponto de vista moral.

Nesta sessão a que nos referimos, tivemos oportunidade de falar com Pai João de Aruanda, o qual nos ministrou inestimáveis ensinamentos.

Nossa palestra foi longa e, já eram quatro horas da manhã, quando o Prêto Velho, dando por encerrada a palestra, nos disse:

— Vai drumi, meu fio. Manhã tu iscrevi limpo tudo issu. Sarunvá!

— Nos dê sua bênção, meu Pai.

— O Pai Maió é que abençoa, meu fio. Qui Deus ti abençôe. Viva Deus! Êh!... êh!... Prêto Véiu já vai...

— Para a sua Aruanda...

— Prêto Velho,
Que vai p'ra Aruanda...

Depois, todos cantaram o ponto de Pai Pedro, para que êste fechasse com chave de ouro os trabalhos daquele dia, e o Cacique, agradecendo aos Guias a proteção aos trabalhos realizados, declarou encerrada a sessão daquele 13 de maio...

Fomos apresentados ao Cacique, com quem palestramos uns vinte minutos e combinamos um encontro para

daí alguns dias, quando palestraríamos sôbre a Umbanda, sua ritualística, etc.

O Cacique era filho de Ogun, oficial reformado, pessoa de grande destaque social, beirando pelos sessenta anos, e demonstrava ser detentor de vasta cultura sôbre Umbanda e Ocultismo em geral.

Muito aprendemos com o mesmo em nossas palestras subseqüentes.

Saravá Ogun-Rompe-Mato!...

Temos assistido sessões de todos os tipos e de tôdas as classes; e, poderíamos descrever os mais variados rituais neste sentido. Entretanto, somos pela uniformização das sessões públicas em todos os terreiros de Umbanda do Brasil, e damos preferência ao ritual acima resumido e cuja síntese é:

1.° — Abertura dos trabalhos, pedindo Agô aos Pequeninos e saravando ao Pai Maior; 7 Encruzilhadas;
2.° — Falanges de Ogun, Oiá, Obá; Caboclos do Mato;
3.° — Falanges de Oxosse; Povo do Mato;
4.° — Falanges de Ogun do Fogo, Inhaçã, Xangô... Povo do Fogo;
5.° — Descargas, limpezas, passes, caridade...
6.° — Despedida do Povo do Fogo;
7.° — Ogun-Iara, Povo da Água, do Mar. Sereias. Ondinas, Mães d'Água; Saravá Iemanjá;
8.° — Saravá Oxalá de Lei Maior! Salve Povo do Ar;
9.° — Encerramento da 1.ª parte, com as falanges de Jorge Guerreiro, Ogun de Oxalá.
10.° — Intervalo, permitindo-se retirem-se para casa os que ainda são novatos ou leigos;
11.° — Meia-noite: atenção aos Exus da Encruzilhada; Agô-mi-leu...

12.° — Prêtos Velhos do Congo, da Costa, de Angola, de Guiné, da Bahia...
Trabalhos fortes...

13.° — Prêtos Velhos de Aruanda...
Instrução oculta e iniciática.

14.° — Encerramento — Pai Pedro...

Não podemos estabelecer uma ordem rígida de pontos a serem cantados em uma sessão, porque muitos pertencem particularmente a esta ou àquela entidade, não havendo necessidade de cantá-lo onde não seja costume manifestar-se a entidade dona do ponto.

Há também inúmeros pontos gerais, destinados à saudação ou ao chamamento das falanges comandadas por Ogun, Oxosse, Xangô, Iemanjá, Oxalá... Admitimos, pois, que, cada Cacique estabeleça no seu terreiro a lista habitual de pontos a serem cantados, instruindo os seus Cambonos quanto às inovações a serem feitas, em caso de manifestações de novas entidades, etc.

O que, entretanto, se não permite de maneira alguma é a mistura de correntes na evocação, cantando-se pontos ora de uma linha, ora de outra.

No velhíssimo ritual do batuque jamais se fêz tal mistura e, começávamos tirando as rezas dos **Exus**, percorrendo as escalas dos **Oguns**, dos **Chapanãs**, das **Oiãs**, das **Obás**, dos **Xangôs**, dos **Ochuns**, das **Iemanjás**, até chegarmos, pela ordem de ascendência hierárquica, aos **Oxalás**.

Em nossos terreiros, isto é, nos terreiros que temos fundado por êstes brasis e entregue aos Caciques, temos iniciado as sessões públicas obedecendo ritual mais ou menos como o que vamos descrever no próximo capítulo.

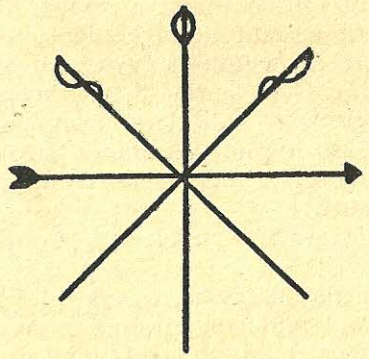
Quanto à CAMARINHA ou PEGÊ é assunto para um capítulo à parte, mais adiante.

Saravá Ogun!

Agô!

OS NOSSOS TERREIROS

Saravá Xangô!



Como pioneiros da Lei de Umbanda e introdutores de sua ritualística em cidades, em localidades e meios onde se desconhecia até mesmo a palavra Umbanda, temos agido assim, na prática:

Inicialmente, organizamos um público regular, conseguindo realizar palestras preliminares, em centros espíritas comuns, sôbre O QUE É A UMBANDA. Depois de uma série de palestras instrutivas e elucidadoras, comparando a Umbanda com o Batuque, explicando o que é a Macumba e estabelecendo as diferenças gerais entre tudo isto e o Espiritismo comum, ministramos também um pouco de conhecimentos sôbre Teosofia e Magia. A se-

guir, conseguimos uma sala ampla, onde possamos dar uma demonstração prática, iniciando-se uma sociedade ou centro de Umbanda com elementos até então leigos no assunto.

Antes da sessão, consagramos alguns dias ou horas ensinando a um grupo de pessoas, especialmente gente moça e de boa voz, os pontos cantados de que nos serviremos nas primeiras sessões.

Uma vez acertado o dia da demonstração e obtida a sala vamos trabalhar, instruindo os "convidados" quanto ao regime preparatório de seus corpos físicos, banhos de descarga, etc.

Cada um dos interessados à sessão, deverá no dia da mesma, antes de assistir aos trabalhos, tomar um banho de descarga com as seguintes ervas: **quebra-tudo, arruda macho e fêmea, espada de São Jorge, levante, guiné e um pouco de sal grosso** — conforme descrição do banho que fazemos em nosso livreto intitulado "BANHOS DE DESCARGA", página 15. Todos devem vestir roupa limpa, de preferência branca.

Ninguém deverá comparecer com roupa preta ou muito escura.

Chegado o dia da sessão, a sala é lavada com água e sabão; depois, o soalho da mesma é lavado novamente com marafo; mais uma lavagem com as mesmas ervas usadas no banho acima; e, uma última lavagem com água e bastante mel virgem (10% sôbre a água empregada).

Na parede do fundo da sala, penduramos um Senhor do Bonfim, encostado a ela uma pequena mesa, com toalha branca, tendo uma vela em um castiçal.

Levamos para o recinto o seguinte material de emergência:

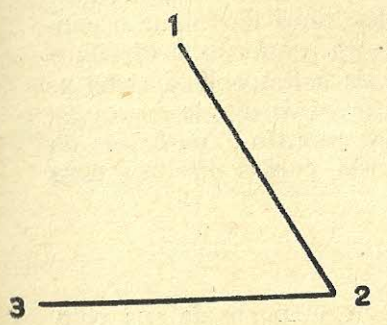
Pitos grandes e pequenos, palha, fumo, fundanga, pulveriz, defumações, defumador, carvão para brasas, marafo, mel, pembas, velas...

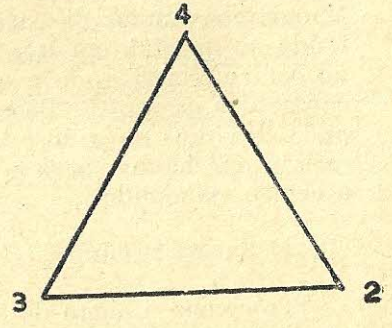
À hora da sessão, só pisam no terreiro, estando todos descalços e de pés bem limpos, ficando casacos, calçados, objetos metálicos, dinheiro, etc., noutra peça.

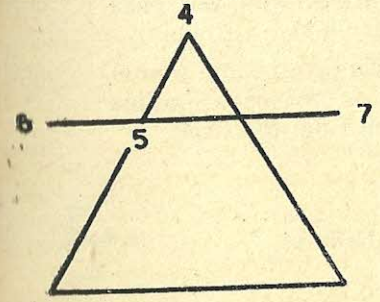
À nossa direita, estando nós de costas para o pequeno congá, colocamos os homens em fila; e, à esquerda, na mesma ordem, as mulheres; todos próximos das paredes laterais e dos extremos, para que o centro do terreiro esteja livre.

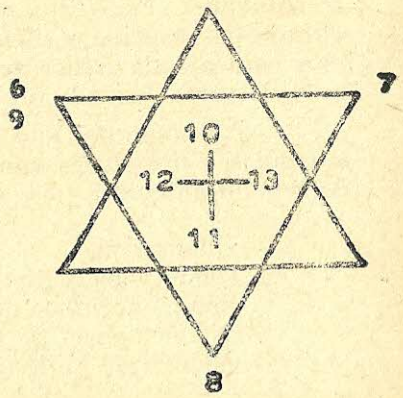
Em um copo com água, bem sêco por fora, e faltando um dedo para encher, colocamos uma colher de sal, de preferência grosso.

Em baixo da mesinha, traçamos, com pemba branca, o signo de Salomão, seguindo o traçado que damos nos desenhos abaixo:









No centro do dito signo, e em baixo da mesa, colocamos o copo de água com sal, cuja finalidade é servir de receptáculo dos maus fluidos, ponto de descarga, portanto.

Acendemos a vela que está sôbre a mesa, pedimos Agô ao Bará da casa (Exu-Agelu) e saravamos o Povo do Fogo.

Voltamo-nos para a assistência e dizemos:

— Saravá!... Agô-mi-leu!... Lalupo!...
— Saravá!...

Colocamos uns dois dedos de marafo em um copo. Vamos aos fundos da casa, e deixamos derramar o conteúdo no quintal, em três partes; à esquerda, à direita e ao centro, convidando a que o Bará despache na rua as cargas dos presentes. Passamos de novo diante do congá, onde servimos nova dose igual de marafo e, na frente da casa, despachamos, para a esquerda, para a direita e para o centro, saudando:

— Saravá! Lalupo!

Traçamos o signo de Salomão na porta da rua com pemba branca e também na porta dos fundos da casa onde trabalhamos. Feito isto, estando sempre a assistência em atitude de respeito e silêncio, tornamos ao congá, batemos com a testa três vêzes no mesmo, voltamo-nos para os assistentes, fazendo o sinal esotérico (4) e dizemos:

— Em nome de Deus, Jesus, Maria Santíssima e nossos guias e protetores vamos iniciar os nossos trabalhos de hoje. Cantemos, pois, o nosso ponto de abertura:

Quem vem,
Quem vem lá de tão longe
São os anjinhos que vêm trabalhar!...
Quem vem lá de tão longe
Quem vem lá de tão longe

São os anjinhos que vêm trabalhar!...
Ó dai-me fôrças,
Pelo amor de Deus, Meu Pai!
Ó dai-me fôrças
Aos trabalhos meus!
Ó dai-me fôrças,
Pelo amor de Deus, meu Pai!
Ó dai-me fôrças
Aos trabalhos meus!...

Por ser êste um ponto de Oxalá, a quem se pede licença para trabalhar e assistência, canta-se-o 4 (quatro) vêzes, pois o número 4 é um dos achés do Pai Maior.

Exige-se bastante atenção, vibração de alma, entusiasmo e mesmo ênfase, ao serem cantados os pontos, para que as vibrações astrais sejam harmônicas e benéficas.

A seguir, saudamos:

— SALVE O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS!...
— SARAVÁ O CABOCLO DAS SETE ENCRUZLHADAS!...

E cantamos o ponto:

Venha vindo devagar,
Venha vindo bem ligeiro!...
Aí vem a falange
Dos SETE cruzeiros!...

ou outro que seja evocatório da falange do Sete Encruzilhadas.

Iniciamos e prosseguimos os trabalhos mais ou menos da forma descrita no capítulo anterior; entretanto,

devemos explicar que JAMAIS TIVEMOS UMA SESSÃO IGUAL A OUTRA, apesar de haver presidido centenas de sessões. Isto, pelo seguinte:

1.°) Durante nossas sessões os pontos eram cantados de acôrdo com as necessidades ambientais (de incorporações, cargas, descargas, etc.);

2.°) Dirigimos terreiros, sempre em caráter provisório, apenas com o ideal de fazermos um novo cacique, criarmos um novo grupo de trabalhadores... — e, quando entrávamos na fase de estandardização, já podíamos entregar a direção ao cacique;

3.°) Quando, a convite, presidíamos sessões, em qualquer parte, procurávamos mostrar um ou outro aspecto até então desconhecido para o meio, o que nos obrigava a sair fora do que se chamaria "programa de sessão".

Temos visitado inúmeros terreiros no Brasil e não encontramos a **uniformização de ritual tão** desejada por alguns.

Verificamos que cada terreiro, cada centro segue, no geral, a orientação dada pelos seus próprios guias e caciques. Não vemos êrro nisso e nem clamamos pela uniformização ritualística — pelo menos de momento.

Estamos, como o **Cristianismo Primitivo,** nos primeiros anos de exisência social e seria absurdo exigir desde já uma uniformização de rituais quando há muito ainda por fazer em terreno mais preliminar. Por exemplo, precisamos primeiramente fazer caciques, ogans, cambonos e cavalos conscientes de seus deveres e bastante entendidos no próprio assunto em si: UMBANDA. Neste sentido, convidamos a que leitor releia o que dissemos às páginas 15 a 18, na primeira parte dessa obra, sob o título **"Diretrizes"**.

O movimento umbandista do Brasil está apenas na sua quarta década. Êste movimento não nasceu aqui no plano físico com um grupo coeso de apóstolos ou emanado de uma só inteligência encarnada.

O Mosaísmo emanou de Moisés. O Cristianismo nasceu de Cristo, Maomé criou o Muçulmanismo ou Islamismo. Lutero fêz a Reforma. Mas... a Umbanda surgiu simultânea em diversos pontos do país e mesmo do mundo. Não teve **um único iniciador**. A Umbanda destina-se a ser uma **religião universal**, uma religião nascente em cada grupo humano, em cada país, em cada região, e mesmo no seio de cada religião já existente, e — por isso mesmo — não podia ter na terra o seu criador; pois que, se êste fôsse hindu, não seria aceito pelos inglêses; se fôsse russo, não o quereriam os americanos; e, assim por diante.

O Oriente, com suas religiões reencarnacionistas, já estava preparado para a vinda da Umbanda; quanto ao Ocidente, preparou-o o Kardecismo.

O papel augusto do Kardecismo foi revelar ao mundo ocidental esta verdade que a Igreja Católica Medieval ocultara: a REENCARNAÇÃO.

Esta foi a grande obra de Allas Kardec.

Dela ainda precisam os Católicos e Protestantes de todo o mundo, bem como os Ortodoxos, Mulçumanos e todos os não reencarnacionistas.

Entretanto, quem já passou pela **idade kardeciana** ou bebeu o conhecimento religioso em alguma religião reencarnacionista, já está apto e maduro para abraçar a religião universal de Umbanda.

Medite-se sôbre isto.

CODIFICAÇÃO

Saravá OSSÃIME!...

Salve Paulo de Tarso!...

A Índia religiosa crê que o próprio Brahma revelou as Leis de Manu; os Hebreus atribuem a Jeová tôda a lei mosaica; e Paulo de Tarso, o grande apóstolo do Cristianismo, apesar de não ter vivido na terra com o Grande Mestre, afirma em suas próprias epístolas que tôdas as leis que elas continham e se destinavam à Igreja nascente, foram por Paulo hauridas do próprio Cristo.

Não se compreende, pois, Dharma sem Manu; Decálogo sem Moisés; Direito Canônico sem Paulo!...

Nenhuma pátria, nenhuma religião, nenhuma ciência se estabeleceu sem leis, e estas para que existam, torna-se mister quem as escreva ou... quem as codifique, enfim, se já existiam na tradição de um povo, de uma seita ou de um grupo de homens.

A Umbanda já possui suas leis porque elas sempre existiram: estão contidas nas próprias leis de Manu, no Decálogo do Sinai, no Evangelho de Jesus, nos ensinamentos de Buda, na palavra de Paulo, nas tradições religiosas milenares dos ritos africanos — remanescentes da civilização lemur —, na sabedoria do homem ameríndio (toltecas, aztecas, maias, incas, tupi-guaranis, etc.) e na revelação feita em nossas tendas e terreiros, quase que

constantemente, pelos nossos Prêtos Velhos, Caboclos e Orixás.

Codificar Umbanda seria, portanto, arrolar todos os conceitos e normas de vida e religião já anteriormente escritos e que são lembrados em outras palavras por nossos guias. Tôdas as bibliotecas do mundo seriam insuficientes para conterem tão grande manancial de saber divino ditado ao homem através do homem.

Assim, cônscios de nossa pequenez, ora convidados por nossos guias, para escrever sôbre CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA NO BRASIL, saberemos colocar-nos no lugar justo do mero grãozito de areia que somos.

Não podemos legislar sôbre o que já está aí funcionando e dando os seus frutos, segundo a Lei do próprio Pai Maior. Não podemos criar um código de preceitos religiosos, porque êste nasceu com as **Leis de Manu** e se aprimorou com o **Evangelho de Jesus**.

Todo aquêle que regular sua conduta pelo Evangelho de Jesus terá feito o máximo: terá levado uma vida de santo.

E êste Evangelho de Luz é constantemente explicado ao nosso irmão de crença que não sabe ler, quer nas igrejas ou templos cristãos, quer nas sociedades kardecistas, quer nos terreiros de Umbanda. O padre, o pastor, o guia que vem no médium, o caboclo e o prêto velho, são arautos de Deus que explicam ao homem a LEI, a verdadeira lei evangélica do amor ao próximo e... portanto, a Deus.

É êste o **religare!**

A tolerância e o amor são o lema. Mas enquanto houver padres a dizer a seus fiéis que o Espiritismo é obra do Diabo; enquanto existir espíritas que dizem ser a Igreja um mercado de indulgências; enquanto houver kardecistas que confundam feitiçaria com Umbanda; enquanto houver fanatismo sectarista; enquanto fôr assim... afirmo, não haverá codificação que sirva à religião.

E, doloroso é que, enquanto o nosso guia Prêto Velho de Aruanda nos diz "...vai à Igreja, reza..." — o

padre católico clama: "são macumbeiros, estão com o demônio, fugi dêles".

Enquanto ísto fôr assim, não poderemos estabelecer normas definitivas de um bom viver religioso, sem provocar atritos que pecariam pela intolerância.

A verdade é que êste movimento umbandista no ocidente deveria ter nascido (e quem sabe não nasceu?) no seio da própria Igreja.

Por que continuam os padres afirmando do alto de seus púlpitos que a alma vai, por fim, ou para o céu ou para o inferno e que não renasce neste planêta ou em outro? Por que agem êles assim, se sabem que tal não é, pois fazem secretamente as suas sessões espíritas?

O homem estuda, o homem investiga, o homem sofre e o homem afasta-se enfim do padre intolerante e que afirma ser o sacerdote da única verdadeira religião.

Se na Igreja encontramos o **anátema à verdade**, à reencarnação, mil vêzes provada por Allan Kardec, fugimos do templo e vamos construir outro templo, outra igreja, onde se apresente a Deus o mesmo culto religioso, porém despido da mentira do fogo do Inferno.

Eis porque surgiram os terreiros de Umbanda. Eis porque vieram a nós os espíritos de luz, paternais e esclarecedores, manifestando-se em nossos **cavalos** sob as aparências humildes de caboclos e prêtos velhos.

E nós, pequenos discípulos, meros observadores, não podemos estabelecer normas a tais manifestações, nem impor dogmas ritualísticos aos humildes adeptos de Umbanda, a título de codificação, porque êstes mesmos guias, quando chegada a hora, apresentarão e indicarão aquêle que será o PAULO DE TARSO da UMBANDA.

Nós nem sequer podemos arrogar-nos o direito de João Batista, pois os que cruzam, os que iniciam já vieram antes de nós, e nós somos simples discípulos já batizados na Umbanda.

Temos uma missão, é certo. Consiste ela em explicar ao leigo, ao neófito, o que é a Umbanda; e, em pro-

pagar a palavra dos Prêtos Velhos e dos Caboclos pelo livro, pelo jornal e pela palestra.

Além disto não iremos.

Se demos o título de CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA a esta obrinha é porque já era tempo de estabelecer normas de conduta ao Umbandista que não sabe encontrar tais normas no próprio evangelho ou na palavra aconselhadora de seus Guias. Entretanto, se êste livro merecer, na hora atual (mais tarde não) o título de "codificação", então da mesma fazem parte as obras dos nossos antecessores dantes mencionados: Antonio Leal de Souza, Valdemar Bento, Lourenço Braga, João de Freitas, Oliveira Magno, e outros que agora também se dedicam a escrever sôbre Umbanda.

Ainda está por vir o Paulo de Tarso da Umbanda.

Assim como na vida profana, há na vida esotérica os explicadores, os professôres, os catedráticos e os mestres.

Em Umbanda, o nosso papel é o do explicador apenas, e já ultrapassamos os limites de nossas atribuições, quando sugerimos aos que se encontram à testa do movimento, as "**diretrizes**" mencionadas na primeira parte desta obra.

Podemos agora, feita esta explicação, retomar a vereda do nosso trabalho e explicar, em capítulos subseqüentes mais alguma coisa sôbre fatos e coisas da Umbanda.

Saravá sia Xangô, meu rico Pai!...

A INICIAÇÃO

"O vocábulo eqüivalente é CRUZAMENTO.

. . . . . .

"Todo o cerimonial iniciático, seja êle rico ou pobre, possui em suas linhas fundamentais, correspondências, analogias e semelhanças com os cerimoniais das antigas civilizações já desaparecidas.

"...A iniciação, portanto, pode variar em seus aspectos exteriores, de acôrdo com o grau evolutivo de uma raça, mas nunca, e em hipótese alguma, ser diferente na sua essência."

(Waldemar Bento, "A Magia no Brasil")

A magistral obra intitulada "A MAGIA NO BRASIL", de autoria do grande umbandista que foi nesta vida Valdemar Bento, obra impressa nas Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil" em 1939, traz, às páginas 85 a 102, uma descrição magnífica de um cerimonial de cruzamento.

Recomendamos ao leitor a obra citada.

Não vamos aqui descrever um CRUZAMENTO na Umbanda e nem ensinar como se cruza, pela simples razão de que, ao ser iniciado, o aprendiz vai conhecendo os mistérios que só podem ser revelados pessoalmente ao interessado durante a própria iniciação.

Cabe-nos esclarecer, contudo, que cruzamento não é apenas isso que se faz em certos terreiros: um ligeiro cerimonial imitativo do batismo católico, com espada de São Jorge pela cabeça do paciente.

O verdadeiro cruzamento demanda retiro, isolamento, tempo para meditação, preparação longa, espera, muita instrução e, sobretudo, segrêdo.

Nem sempre é o Cacique do terreiro a quê pertencemos ou a entidade que nêle vem, que nos há de cruzar.

Nunca deve haver pressa para tal. É melhor aguardar do que entregar a cabeça a qualquer falso dono, quer orixá, quer pai de santo.

Sôbre esta última expressão, temos a esclarecer que, sendo a Umbanda no Brasil, uma religião não apenas africana em sua origem, mas também ameríndia e cristã, não aconselhamos quem quer quer seja a entregar-se a um "pai de santo" como era costume no velho ritual do batuque ou macumba. Segundo me revelou Pai Joaquim de Aruanda, nos bons tempos da pura magia africana, havia um **pai de santo** para milhares de adeptos e, de tempos em tempos, é que **baixava** um espírito de luz com tal missão. No geral, quando êste estavã para desencarnar, já indicava o seu sucessor. Havia respeito, humildade, submissão e decência. Posteriormente, e especialmente nos africanismos transplantados para o Brasil, todo o mundo queria ser **pai de santo** ou **mãe de santo**. Multiplicaram-se as macumbas, os batuques, os candomblés e... marchou tudo para a derrocada moral inevitável. Homens e mulheres sem escrúpulos descambavam para a baixa magia, o bruxedo, o são-ciprianismo, a magia do mal, e até mesmo prevaleciam-se de sua condição de "pais" ou "mães" para dormirem e coabitarem com os respectivos filhos e filhas de santo. Conhecemos vários casos desta ordem e vimos, nas chamadas macumbas, coisas de aterrorizar.

Ora, a finalidade **número um** da Umbanda, pelo menos no momento é, como bem diz Lourenço Braga em

sua obra **"Umbanda e Quimbanda"**, combater a chamada Quimbanda, ou magia do mal.

O têrmo **quimbanda**, primitivamente, na África, significava o chefe mago, eqüivaletne a **pagé** dos nossos aborígenes; contudo, transplantado para o Brasil, por um fenômeno de semântica, passou a ser sinônimo do que entendemos por **mago negro**, feiticeiro do mal.

Segundo Valdemar Bento, a expressão **quimbanda** é de origem bantu e foi trazida ao Brasil pelos negros de Angola. Diz mais o citado autor, em sua obra já referida, às páginas 129 e 130:

> "Do têrmo **quimbanda**, surge provàvelmente o têrmo UMBANDA.
>
> "Seus derivados MBANDA, EMBANDA ouvem-se de freqüênte nas macumbas do Rio de Janeiro. Alguns negros afirmam que Umbanda é uma nação, outros uma tribo, outros ainda, um poderoso Espírito ou Entidade.
>
> "Heli Chatelain, escreve a respeito dêste têrmo: U-mbanda is derived from Krim-mbanda, by prefix u-, as u-ngana is from ngana. Umbanda is: 1. The faculty, science, art, office, business (a) of healing by means of natural medicines (remedies) or super natural medicines (charms); (b) of divining the nuknown by consulting the shades of the deceased, of the genii, demons, who are spirits neither humans nor divine; (c) of inducing these human weal or woe. 2. The forces at work in healing, divining and the influence of spirits. 3. The objects (charms) which are supposed to establish and determine the connection between the spirits and the physical world. (do livro "Folk-tales of Angola", 1894, pág. 268, note 18)."

Hoje, no Brasil, Umbanda significa Magia Branca ou Magia do Bem, e — diz o meu amigo Capitão José

Pessoa, Presidente da Tenda Xangô, no Rio de Janeiro — sendo magia, é religião.

Dê-se esta ou aquela acepção ao têrmo **umbanda**, do que se não pode fugir é de sua parte mágica inciática, e esta está claramente exposta na definição acima "(b) of divinig... spirits neither humans nor divine".

Assim, iniciar-se em Umbanda, e iniciar-se até aquêle ponto que o orientalista denomina **adeptado**, é entrar em estreita relação com êstes **espíritos nem humanos nem divinos** a que os africanos denominam **orixás** e os hindus, **devas.**

Não julgue o neófito que **umbanda** é o que êle vê no terreiro: receber guias que foram humanos, prêtos velhos e caboclos. A grande **mironga** (segrêdo, mistério) na Umbanda é o **orixá.**

Cada homem tem o seu anjo de guarda, diz o Catolicismo.

Cada ser humano tem o seu orixá-guia, diz a Umbanda.

E, a **Grande Iniciação Umbandística** consiste em harmonizar plenamente o filho de Umbanda com o seu respectivo **orixá.**

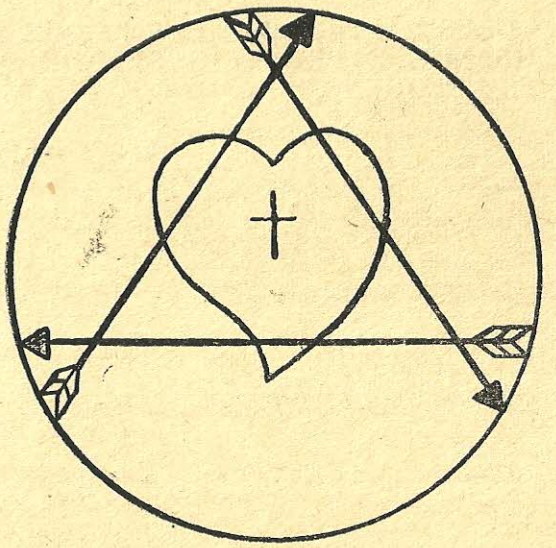
Afirmou-me ainda o Cap. J. Pessoa: "Os elementais (orixás) é que são os donos do planêta; nós somos os hóspedes".

Não duvido. E mais me convenço de que, como hóspedes, cabe-nos o dever de prestarmos as honras ao dono da casa, de agraciá-lo com a nossa dedicação. Eis a verdadeira razão de ser da Umbanda: a harmonia entre o Homem e a Natureza, entre os Homens e os Sêres da Natureza, os Orirás, a fim de que Alma Humana e Deva ou Anjo de Guarda subam unidos e cônscios de suas missões, até o seio de Deus, o Orixá-Maior, o Grande Obatalá Impronunciável.

Trabalho importantíssimo e esclarecedor quanto à iniciação, é a grande obra de Oliveira Magno "A Umbanda Esotérica e Iniciática", a qual recomendamos aos nossos irmãos de crença.

Conheci pessoalmente, no Rio de Janeiro, êste velho trabalhador de Umbanda e sôbre êle posso dizer do fundo coração: foi uma grande alma.

Devidamente autorizado, reproduzimos a seguir o **símbolo esotérico umbandista:**



O significado dêste sublime ponto, o neófito encontrará na citada obra de Magno, "A Umbanda Esotérica e Iniciática".

A iniciação pode vir logo e pode demorar. Os poderes divinos te serão confiados, quando dêles souberes fazer o devido uso.

A iniciação pode ser feita em etapas e em épocas diversas, isto é, há uma série de iniciações para aquêle que se destina ao adeptado da Magia Divina.

O teu Instrutor poderá ser um e o teu Iniciador ou Pai de Santo, Babaloxá, outro.

Estuda, aprende, indaga e medita. Cresce, vem, sobe; mas jamais olvides êste pensamento de um Prêto Velho de Aruanda:

"DEUS CASTIGA O PEQUENO QUE SE FAZ GRANDE E PREMIA O GRANDE QUE SE FAZ PEQUENO."

Saravá Umbanda!

SESSÕES DE UMBANDA

"...convém evitar de zombar prematuramente das coisas que a pessoa não sabe, quando a sua enunciação parece supor uma absurdidade ou até uma singularidade qualquer..."

(Dogma e Ritual, Elifas Levi)

As sessões de umbanda mais comuns podem ser classificadas em:

a) sessões de desenvolvimento mediúnico;
b) sessões de caridade;
c) sessões de inciação;
d) sessões festivas.

As sessões de **desenvolvimento mediúnico** são aquelas em que os médiuns de um terreiro, reunindo-se em dias e horas certas de cada semana, efetuam os rituais próprios do desenvolvimento da mediunidade. Tais sessões devem ser **privativas dos médiuns**, não se admitindo visitantes ou assistentes, salvo exceções por motivos especiais e a conselho das próprias entidades.

Saiba-se que o desenvolvimento mediúnico não deve de modo algum ser efetuado em público.

As sessões de caridade são aquelas em que as entidades, manifestadas por seus médiuns, distribuem conselhos, receitas, passes, fazem trabalhos especiais de demanda, etc.

Como operadores, só devem tomar parte em tais sessões os médiuns plenamente desenvolvidos e capazes de, incorporados ou não, agirem com o maior critério, tomadas tôdas as providências contra as descargas contrárias do mal.

Nenhum médium ainda em desenvolvimento deverá tomar parte ativa em tais sessões, porque sòmente poderá retardar o próprio desenvolvimento e prejudicar muitas vêzes os consulentes, além de serem vítimas de entidades mistificadoras ou mesmo manifestações de animismo.

Estas sessões de caridade também se transformam em sessões privadas quando destinadas a atender casos especiais, durante cujos rituais sejam processados trabalhos de caráter oculto ou mesmo perigosos a assistentes profanos ou semi-profanos.

As sessões de iniciação são aquelas durante as quais o discípulo recebe de seu mestre mais um **grau** ou mais um **poder.** Na Umbanda prática vale mais o **poder** ou o **grau** do praticante que o seu conhecimento ou inteligência, pois para lutar com fôrças tremendas do mundo astral é necessário também fôrça, muita fôrça.

As iniciações nem sempre se processam nos terreiros: podem dar-se no mato, na praia, na pedreira ou em outro qualquer lugar propício ao mais perfeito contato com os sêres da natureza que são os verdadeiros orixás de Umbanda.

Não podemos estabelecer normas ou regras para tais iniciações, visto que variam imenso, segundo a cabeça do discípulo, de seu iniciador, das entidades com quem trabalham, etc.

Uma sessão de iniciação, às vêzes, pode ser festiva e pública, quando convém à causa de Umbanda que se revele êste ou aquêle ritual.

As sessões festivas são, no geral aquelas em que se comemoram datas magnas para a Umbanda ou para os terreiros, etc. Nestas podem estar presentes todos os médiuns, todos os associados do centro ou terreiro e mesmo pessoas estranhas, presentes a convite da Diretoria. O ritual será simples e nada constará do mesmo que possa, à primeira vista, escandalizar o neófito ou visitante.

A direção espiritual de um terreiro é algo de tremenda responsabilidade; e ninguém se meta em tais assados sem estar capacitado de que poderá enfrentar calmamente as inúmeras dificuldades que se apresentam a cada momento.

O Cacique ou Diretor de Sessões deve ser um **filho cruzado**, detentor de diversos **achés**. Deve estar preparado para enfrentar as mais desagradáveis surprêsas.

Sòmente a união estreita entre mestres e discípulos, como se fôsse uma escada de infinitos degraus, é que poderá manter o poder e a autoridade do Cacique.

A mão que transmite a outra mão os seus poderes mágicos, sempre terá poder sôbre esta última. A bôca que ensinou ao discípulo os segredos da Umbanda, sempre terá sôbre êste uma fôrça dominadora. Nada adianta rebelar-se o discípulo contra o seu mestre, a não ser em casos tão especialíssimos, quando se patenteie que o próprio mestre se desviou do caminho do bem. **Neste caso, contudo, deverá o discípulo recorrer aos mestres de seu mestre e ouvir dos mesmos os conselhos e as determinações.** Mas, em qualquer hipótese, não cumpre ao discípulo censurar,

condenar, criticar ou mesmo desprezar seu mestre porque êste tenha incorrido em êrro. Tal atitude cabe aos superiores hierárquicos.

Estas recomendações são severíssimas e, justamente porque tal lei tem sido violada pelos novatos, sempre prontos a criticar aquêles com quem aprenderam a traçar o primeiro ponto ou a dizer o primeiro mantran (*), é que vemos na Umbanda uma família desunida, enfraquecida e descontrolada, quando devêra ser uma ordem poderosa, bem organizada, disciplinada...

Como cada um quer mais que o outro, como cada discípulo está, no geral, pronto a rebelar-se é que não se conseguiu ainda unificar a nossa religião no Brasil, ao menos sob o ponto de vista social.

SEM RENÚNCIA NÃO PODE HAVER AMOR NEM CARIDADE!

(*) **Mantran** — fórmula ou palavra mágica.

A MEDIUNIDADE

A mediunidade é um presente de Deus.

A mediunidade é um dom, uma virtude inata no ser humano e não algo que se compre na farmácia ou se adquira forçando a natureza com o assistir a um determinado número de sessões espíritas.

A mediunidade, explicando cientificamente, é o dom que pode possuir o ser humano de prestar-se a intermediário entre o mundo invisível e o mundo visível. O médium é o canal por que podemos comunicar-nos com o Além.

Todo o ser humano é mais ou menos um médium. Todos têm êste dom, embora haja os que o possuem num grau bastante diminuto e quase imperceptível e os que o têm em grau bastante elevado, num máximo de sensibilidade mediúnica.

O ser humano possui inúmeras qualidades latentes das quais não faz uso algum em sua trajetória por êste planêta. Há pessoas que têm o dom de desenhar e dedicam-se à advocacia. Há os que seriam ótimos músicos e exercem a função de meros escriturários, etc., etc., Ora, com a mediunidade dá-se outro tanto: inúmeras pessoas, por pertencerem a religiões que negam a possibilidade de o espírito manifestar-se após a morte, não crêem possam servir de canal às ordens do Além. Estas pessoas, quando são de elevada sensibilidade mediúnica, mas acreditam que depois da morte só há o céu, o inferno e o purgatório, atribuem qualquer manifestação mediúnica a

um estado patológico do corpo físico e recorrem ao médico, ao exorcismo do sacerdote e vão, muitas vêzes, povoar os manicômios, onde encontramos casos de mediunidade tratados pela ciência da terra como esquisofrenias, manias de diversos tipos, loucuras incuráveis, etc.

Falamos de cátedra porque convivemos, em hospícios, com diversos pseudo-loucos, aos quais nem a insulina, nem o cardiasol, nem outras drogas resolveram aquilo que o passe, o trabalho de Umabnda ou o desenvolvimento da mediunidade têm resolvido.

A mediunidade, contudo, como todo dom natural, não deve e não pode ser despertada prematuramente, sem ser chegada a hora de revelar-se espontâneamente em sua plenitude, justamente porque é um dom natural.

Para maior compreensão dos que nos lêem, vamos comparar o caso.

Suponha-se que se ministre a uma criança ainda impúbere conhecimentos e práticas de uma educação sexual. Resultado: transformaremos a criança num doente sexual, criaremos uma psicose gravíssima, com enormes prejuízos para sua vida orgânica normal.

Outro tanto se dá com a mediunidade provocada antes da hora de brotar: podemos criar os loucos, os mistificadores, os obsedados...

Cremos que fomos claro e nada mais precisamos dizer neste sentido.

Só deve buscar o desenvolvimento de sua mediunidade aquêle que sente ser esta, ou melhor, o fluir desta, como que uma necessidade já não espiritual, porém, até certo ponto, fisiológica. Sempre que o paciente notar que seus músculos e vida funcional orgânica estabilizam-se, normalizam-se com a prática da mediunidade, poderá então usá-la. Mas, logo que sentir-se mal, depauperado, abatido, cansado mesmo, após o ato mediúnico, deve convir que êste representou um abuso.

Tanto quanto se recomenda ao ser humano a temperança, o comedimento e a sensatez nos atos de comer, beber, trabalhar e amar, assim também recomendamos comedimento e temperança no ato mediúnico ao filho de Umbanda. Todo o excesso conduz ao êrro, à doença, à loucura.

O processo kardecista quanto ao desenvolvimento da mediunidade é sobejamente conhecido e não nos cabe repisar em uma tecla por demais batida. Assim, nesta obrinha, daremos apenas algumas recomendações ao médium de Umbanda e estamos certos que elas virão esclarecer tanto ao "cavalo" como ao seu "cacique" ou guia terreno.

Para maior clareza em nossa exposição, preferimos enumerá-las em forma de preceitos numerados, certos de que com mais nitidez ficarão gravadas na memória dos que quiserem ouvir o nosso conselho. Eis as nossas regrinhas ou recomendações sôbre a mediunidade na Umbanda:

1.º — O **"cavalo"** nunca deve envaidecer-se por receber esta ou aquela entidade grande; e nem tampouco se deve aborrecer por receber esta ou aquela entidade pequenina. Todos são trabalhadores de Deus e todos podem vir para fazer o bem.

2.º — Não se pode e não se deve desprezar **"cavalo"** algum pelo fato de êle servir de montaria sòmente a espíritos humildes, pequenos ou mesmo trevosos. A Lei de Umbanda punirá acerbamente aquêle que desobedecer a esta prescrição.

3.º — O Cacique tem por dever cuidar e zelar por seus **"cavalos"** com carinho e o desvêlo como o treinador zela por seus cavalos de corrida. É mais árdua a missão de fazer médiuns, de treinar bons **"cavalos"**, mantendo-os sempre em perfeitas condições de saúde física e mental, do que mesmo desempenhar o papel de **"cavalo"**.

4.° — Quando o "cavalo" de Umbanda pertence a um Centro ou Terreiro e nêle desempenha regularmente suas funções mediúnicas, deverá evitar tanto quanto possível atender a quem quer que seja fora do centro a que pertence, a não ser em casos extremos ditados pela própria consciência.

5.° — Os médiuns em desenvolvimento não devem visitar ou freqüentar outros terreiros.

6.° — Os "cavalos" devem cuidar meticulosamente de sua limpeza corporal, fazendo banhos de descarga regularmente. Nunca devem assistir a uma sessão ou emprestarem seus aparelhos estando em más condições de higiene física.

7.° — A missão de "cavalo" é de sacrifício. É melhor não abraçá-la e sofrer as conseqüências de uma recusa bem definida, que aceitá-la e, na hora da corrida, jogar o cavaleiro no chão, corcoveando cobardemente.

Ao cacique de Terreiro e ao "Cavalo de Umbanda" — já que somos de uma imparcialidade justa — lembramos o que dissemos à página 67, na primeira parte desta codificação: "...Tôdas as obras dêsses autores fazem parte da Codificação, e a feitura dos nossos trabalhos não dispensa o estudo daqueles, pois somos humanos, erramos, e não somos os detentores absolutos da verdade."

Ora, no que diz respeito à orientação moral, material e espiritual dos médiuns de Umbanda, encontramos nas palavras de Pai João, Mãe Maria da Serra e Aleijadinho, através a obra mediúnica "UMBANDA ", de Florisbela Maria de Souza Franco, justamente aquilo que nos parece mais sensato. Logo, ao invés de repetirmos com outras palavras o que lemos em tão judicioso trabalho, atribuindo-nos a paternidade do assunto, sentimo-nos no dever de aconselhar aos nossos leitores a leitura do referido trabalho.

O trabalho citado deve figurar na estante de todo o umbandista.

"OS MÉDIUNS ESTÃO SUJEITOS A NUMEROSAS TENTAÇÕES" — diz Florisbela.

Realmente, basta que se proponha alguém ingressar na senda da caridade para que o demônio do desejo, do pecado da carne, assalte o neófito. As tentações são múltiplas e constantes. Delas ninguém se livra e o mais belo exemplo foi o do próprio Jesus quando Satanaz tentou-o após 40 dias de jejum no deserto.

As entidades do mal, às quais não convém a prática do bem, lançam mão de todos os recursos para aniquilar a obra do médium e criam os maiores conflitos de coração entre os irmãos de Umbanda, a fim de tudo destruírem.

É o fantasma do Umbral que cumpre vencer.

Pessoas honestíssimas, às vêzes, ao tentarem desenvolver sua mediunidade, são logo acometidas de paixões anormais que criam sérios embaraços à obra do Bem e concorrem para difamar as organizações espiritualistas de que fazem parte.

Como conseguiu o Diabo bíblico destruir a obra divina do Paraíso Adâmico, senão incutindo na mulher o desejo de provar o fruto proibido? Eis o simbolismo misterioso. Às vêzes tudo vai bem num terreiro, e... repentinamente nasce uma paixão mórbida entre dois irmãos de Umbanda de sexos opostos e já comprometidos socialmente com outros laços carnais. Brota o amor da carne, nasce o ciúme, acende-se a fogueira do desejo, surge a discórdia, o ódio, a vingança, e... eis um novo PARAÍSO PERDIDO...

E mais terrível torna-se ainda a destruição, a desmoralização da obra, quando tais paixões anormais, nascem entre Caciques e Cavalos.

É o que pode haver de mais triste, de mais horrível na vida de um Centro Espiritualista de Umbanda. Sua

destruição será fatal, pois a LEI É INEXORÁVEL. Os Verdadeiros Guias de Luz não permitem tais fatos e punem terrìvelmente qualquer impureza de sentimentos ou de ações na vida de um terreiro decentemente organizado.

"O MAGISTA NÃO DEVE SER DOMINADO PELO AFETO AMOROSO", diz o grande Papus em sua magistral obra "Magia Prática". Isto significa que todo aquêle que não souber dominar suas paixões, perecerá vítima da fraqueza que conduz ao aniquilamento total.

Conhecemos médiuns que eram portadores das mais elevadas entidades do Plano Invisível, mas que, porque abusaram do amor ilícito, caíram no abandono de seus próprios guias, transformando-se em sêres verdadeiramente desgraçados.

Não tente, pois, o caminho da mediunidade ou o sacerdócio do cacicado de um terreiro de Umbanda, aquêle que não tiver ainda aprendido as primeiras noções da lei de renúncia a certos prazeres da carne e do espírito.

Não pense o leitor que predicamos uma castidade absoluta ou um acetismo místico exagerado. Não. Somos pela realização integral dos apetites naturais do ser humano aqui neste orbe de miséria e de transição. Entretanto, o discípulo deve ir aprendendo desde cedo a transubstanciar os seus impulsos amorosos em fôrça mágica.

Neste sentido, recomendamos a leitura do livro, de nosso saudoso amigo e reputado autor umbandista Oliveira Magno, "MAGIA PRÁTICA SEXUAL".

"O AMOR É O FUNDAMENTO DE TODO ATO MÀGICO. FOI POR AMOR QUE DEUS CRIOU O UNIVERSO. É POR AMOR QUE O HOMEM VIVE E REVIVE, AQUI E NO ALÉM. NADA PODE HAVER SEM TER HAVIDO ANTES O AMOR."

O PLANO INVISÍVEL

O que neste capítulo tentaremos explicar em linguagem acessível ao mais humilde dos leitores, não será novidade para aquêle que haja estudado espiritismo, esoterismo e teosofia. As obras de Kardec e as Blavatsky, Besant, Leadbeater, Levi e Papus completam-se neste sentido, e o que dizemos nada mais é do que aquilo que temos aprendido com tais mestres, que temos ouvido de viva voz dos nossos Prêtos Velhos e Caboclos amigos e que temos concluído graças às nossas longas horas de meditação sôbre a Vida e a Morte.

A "LEI DE UMBANDA" ampara-se nos seguintes princípios já definidos e aceitos pelos adeptos de outras seitas espiritualistas:

1.º — Deus, o Supremo Ser Incriado, o Absoluto dos Teosofistas, é eterno, nunca teve princípio, não terá fim. Só Êle tudo compreende e por nenhuma outra inteligência, além da Sua própria, poderá ser compreendido, senão por mera figuração mental.

2.º — A alma ou espírito do homem (êste princípio imaterial que anima o ser humano) teve princípio no amor divino e nêle está sua meta, ao regressar ao seio de Deus. (1)

(1) Aqui, para maior clareza, usamos indiferentemente os vocábulos "alma" e "espírito"; contudo, o sentido de ambos é bem diverso e sôbre tal teremos oportunidade de pronunciar-nos.

3.° — O espírito do homem reencarna-se neste mundo ou noutros mundos planetares tantas vêzes quantas forem necessárias para atingir à perfeição evolutiva que lhe capacite à reintegração do Absoluto, de cujo seio tornará a emanar, involuindo, para nova evolução...

4.° — O espírito, enquanto desencarnado poderá manifestar-se e comunicar-se com os seus semelhantes encarnados, sempre que encontre veículos (médiuns) adequados à realização de tal ato.

5.° — Há uma lei de CAUSA E EFEITO — a leî KÁRMICA dos teosofistas, o karma do Bramanismo milenar — e todo o bem ou todo o mal semeado pelo homem será por êle colhido ou resgatado através das sucessivas reencarnações.

6.° — Tôdas as religiões do mundo são necessárias à obra de Deus e à evolução do ser humano, pois êste tem vários estágios culturais e várias etapas místicas, possuindo, dentro do grau evolutivo a que haja atingido, o livre arbítrio de escolher o caminho que lhe pareça melhor para sua plenitude vital neste vale de lágrimas.

7.° — Sòmente o conjunto de almas espalhadas nos diversos mundos de Deus, que povoam o Universo Infinito, é que integram a Inteligência Suprema do Todo; daí a necessidade de um puro amor recíproco, numa união espiritual mais estreita entre todos os sêres de Deus e da Natureza (sua manifestação material) a fim de que cada um compreenda mais e atinja mais depressa a Meta, através do desejo de ajuda mútua e compreensão fraterna, realizando os ciclos da evolução em caridade e amor ao próximo, conforme ensina o mandamento máximo de Jesus.

Resumindo, temos, pois, que a Umbanda fundamenta-se:

1.° — na existência de um Deus Supremo.
2.° — na existência de um princípio imaterial que sobrevive ao corpo do homem, alma ou espírito (no caso, o têrmo pouco vale).
3.° — na crença da reencarnação.
4.° — na prática da mediunidade.
5.° — em uma lei kármica de causa e efeito.
6.° — em que tôdas as religiões são estradas da evolução espiritual.
7.° — na prática da Caridade.

São êstes os SETE PRINCÍPIOS fundamentais da Lei de Umbanda, lei de amor, lei de renúncia, lei de sacrifício, de provação, de involução e de evolução.

Da exposição dêsses princípios básicos ao estudante, ao neófito, é que podem decorrer as perguntas elucidadoras. Façamo-las, pois, e procuremos respondê-las à luz da razão inspirada na plavra de nossos Prêtos Velhos e Caboclos.

A exposição do primeiro princípio sugere as perguntas: Quem é êste Deus? Como é Êle? Onde encontrá-lo? Como cultuá-lo?...

Não podemos saber quem é Deus, nem como é Deus pela simples razão de que uma formiguinha ou um micróbio não podem saber quem é nem como é o homem. Tôda tentativa de definição levar-nos-ia no caminho da loucura. Ou se crê ou não se crê em Deus. Defini-lo, contudo, é obra de louco. Se se crê, podemos sentí-LO, podemos vivê-LO e amá-LO por sua obra que é a Natureza, o Homem, o Animal, o Mineral, o Cosmo enfim. Defini-LO, compreendê-LO, jamais!...

DEUS É PARA CADA HOMEM DO EXATO TAMANHO DE SUA PRÓPRIA ALMA!...

E a alma ou o espírito o que são? perguntará especialmente o materialista.

Àquele que não crê não podemos dar a nossa fé, porque esta de nada lhe serviria. Apenas podemos apelar para a sua razão, lutando para que o que não crê compreenda que nem tudo a razão explica ou sabe e que a fé — virtude por excelência — começa onde a razão, não podendo explicar, obriga-se a aceitar o que se não pode negar.

Ao homem moderno, ao senhor absoluto dos laboratórios atômicos eu responderia a pergunta "O que é a alma?" com esta outra "O que é a vida?".

Desintegrem-se os átomos de qualquer matéria que se preste a tal experiência, e reintegrem-se-os de tal modo a formarem grãos de trigo (conforme já fêz a Rússia em recentes experiências) e plantem-se tais grãos. Se nascerem, a vida é matéria ativa; se não brotarem, a vida é a alma, difícil também de ser definida e explicada àquele que tem olhos e não vê.

Cremos que não precisamos ir mais adiante. Entretanto, possuímos e já publicamos obra especializada neste sentido; "ATMA".

Ao espiritualista nossa resposta será outra: A alma é fagulha divina que nos anima e mantém viva a matéria corpórea de que nos servimos neste mundo. A alma é imortal, sobrevive à decomposição do corpo e pode reencarnar-se noutro corpo. Não podemos explicar o que será a alma em sua essência, mas podemos senti-la e perceber sua existência independente do corpo se nos dedicarmos ao estudo sério da ciência espiritualista.

"Mas", dirá o mesmo espiritualista, "admitindo-se a existência da alma, como provar que ela se reencarna?"

Muitíssimas são as boas obras de espíritas, esoteristas, teosofistas, etc., que tratam dêsse assunto, e muitas constam da relação que fornecemos logo no primeiro capítulo dêste livro. Indicamo-las ao estudioso. Para não deixarmos, todavia, sem uma resposta imediata o discípulo bem intencionado que nos lê, vamos tentar uma resposta clara à pergunta de nosso irmão:

A reencarnação é um fato. Considere-se e medite-se sôbre as seguintes perguntas e depois conclua-se...

Se Deus, sendo infinitamente bom e misericordioso, deseja que tôdas as almas tenham por fim o céu, por que permiitu a criação de um inferno ETERNO?

Qual o pai bondoso e clemente castigaria seus filhos com penas eternas?

É justo que, sendo a alma do homem criada por Deus especialmente para habitar um corpo físico por poucos anos apenas, venha esta alma a pagar num inferno eterno por meras faltas como a de não assistir à missa aos domingos?

Se Deus é pai de todos e a existência na terra é só uma, porque dá Deus a cada um de seus filhos possibilidades tão diferentes de êxito, de fortuna, etc.?

Por que nascem aleijados, cegos, surdos-mudos, etc.? Que fizeram tais almas para merecerem de Deus tamanha desventura neste mundo?

Só a lei da reencarnação explica isto.

— Então — perguntará agora o neófito — admitindo-se a lei da reencarnação, como é êsse mundo do Além?

O mundo espiritual para o Umbandista é, em linhas gerais, o mesmo que para o bramanista e o teosofista. Consultem as seguintes obras:

"Vida depois da morte" — de Annie Besant,

"Plano Astral" e "Plano Mental" — de C. W Leadbeater,

"Reencarnação" — de Annie Besant

e se terá uma visão panorâmica do mundo invisível, descrito por médiuns de renome universal.

O que a nós cumpre expor sôbre o Plano Invisível, é o que diz respeito aos Caboclos, Prêtos Velhos e Orixás de Umbanda, e isso faremos nos capítulos subseqüentes.

OS ORIXÁS

Saravá Exu!
Saravá Ogun!
Saravá Chapanã!
Saravá Oxosse!
Saravá Inhançã!
Saravá Obá!
Saravá Xangô!
Saravá Oxun!
Saravá Iemanjá!
Saravá Ibeiji!
Saravá Oxalá!
Saravá Obatalá!
Saravá todos os Orixás de Umbanda!...

Entre os prêtos africanos que vieram para o Brasil, a palavra **"orixá"** possui um sentido amplo, vasto, e sòmente uma demorada convivência com os batuques e candomblés, nos permite avaliar em quantas acepções pode ser tomado o dito têrmo e seu real valor na palestra ou no discurso.

Assim, entre os Nagôs, os Gêges, os Gexás e os Óiós, a palavra "orixá" significa o anjo de guarda do filho de santo, o próprio santo em manifestação, as guias do filho, seu **"otá"** ou ornamentos, como também poderá ser uma forma astral-mental criada pelo homem, um deva dos subplanos mais densos do mundo invisível, elaborado pelo poder cristalizador de uma imaginação criadora.

A expressão **"orixá"** é de origem bântu-sudanesa, transplantada para o Brasil, como aconteceu com outras palavras, pelos negros escravos vindos da África.

Ora, se todo o segrêdo, tôda a mironga da Umbanda reside em última instância no desenvolvimento ou no agraciamento do **orixá** do filho de Umbanda, e sendo o orixá uma revelação da teogonia africana, é claro que os fundamentos da Umbanda encontram-se no recôndito misterioso do Continente Negro.

Supomos que os Negros (Bântus, Sudaneses, Hotentotes, Bosquimanos, etc.) são os remanescentes da primitiva raça mãe Lêmur; e, por isso, concluímos lògicamente que a Umbanda, com sua ritualística primitiva, emanou da Civilização Lemuriana.

Todos nós sabemos a que grau de cultura e civilização chegaram povos ameríndios como os aztecas, os incas e os maias. Entretanto, hoje, ao visitarmos as zonas que foram ocupadas por tais civilizações, encontramos, ao lado das ruínas de uma época de esplendor, remanescentes raciais bastante decaídos, empobrecidos civilizacionalmente e francamente dominado por outros povos conquistadores.

Outro tanto aconteceu com os primitivos Lêmures e eis porque o negro ainda se encontra num estado de decadência sem possibilidades de recuperação civilizacional. O período da raça negra já passou para o nosso planêta, e esta raça tende a desaparecer por absorção de outras raças em franco evoluir. Contudo, o que ficou de pé, apesar de tudo, foi a teogonia do negro, a sua concepção primitiva de um mundo espiritual. Esta teogonia, a mais primitiva que conhecemos, anterior mesmo ao conceito bramanista de cosmogonia, resistiu a tudo, conservou-se até nossos dias e penetrou na vida religiosa dos diversos povos que tentaram escravizar o negro. Ora, sendo a América o continente para o qual maiores levas de prêtos de diversas procedências africanas vieram, é claro que aqui se processou o enxêrto mais puro do africanismo religioso.

Em se considerando particularmente o Brasil, informam alguns historiadores que, em três séculos de colonização, recebemos em nosso seio cêrca de cinco a dez milhões de prêtos africanos. Êstes negros trouxeram suas crenças, seus ritos, sua religião primitiva, enfim, a que o branco denominou fetichismo. Não houve uma catequização branda, carinhosa por parte dos brancos. Êste com a esquerda empunhava a cruz do Senhor e com a direita brandia a chibata. O resultado foi a revolta surda, os Quilombos, os Palmares. Lágrimas, sangue, desolação, martírio!

NADA SE FAZ NESTE MUNDO QUE SE NÃO PAGUE!

É a lei de causa e efeito!

Tanto sangue derramado, tanto suplício, tanto rancor, tanto ódio teria seu resgate histórico e... ei-lo plenamente definido nos atuais ritos da chamada quimbanda, do candomblé, do batuque, da macumba.

O filho do branco que escravizou, que maltratou, que violou mesmo a virgindade da terra africana para criar um Brasil grante e forte, teria que dobrar-se humilhado e vencido ante o altar do negro.

Êste quadro representativo do nosso resgate histórico já foi por nós bem descrito em nosso livro "O QUE É A UMBANDA?", na primeira parte desta obra, e não precisamos repeti-lo aqui.

No capítulo intitulado "OGUN", às páginas 63 a 66 desta Codificação, demos uma explicação clara quanto à natureza do **orixá** pròpriamente dito e prometemos que, nesta segunda parte, trataríamos mais amplamente do assunto sob o ponto de vista prático.

Pois bem, após uma releitura do mencionado capítulo, passamos a dizer alguma coisa sôbre os **ORIXÁS** da Umbanda e, pelo discorrer de nossa exposição, compreenderá o leitor aonde queremos chegar.

O negro, como o grego, o egípcio, o hindu ou outro qualquer povo, possuía e possui seu panteon, belo, magnífico...

O maior de todos os orixás, o Orixá Impronunciável, o Todo, o Absoluto, o supremo Deus, Senhor de todos os mundos é, no panteon africano, OLORUN.

Êste nome sagrado não sai jamais dos lábios do filho de Umbanda. É semelhante em interpretação teológica ao IEVE dos hebreus.

Orixá Obatalá, ou simplesmente "Obatalá" é o Senhor dos Céus, o Deus que rege alto e governa os mundos da Criação.

A seguir, na escala hierárquica descendente, vem **Oxalá,** que bem assimilaríamos ao Logos dos teosofistas. Senhor regente do sistema solar, é cultuado pelos filhos de fé no próprio sol.

Oxalá é o princípio masculino do nosso sistema planetário e suas representações são múltiplas. Na mitologia grega sua correspondência seria Febo, Zeus e até mesmo Netuno, pois que se subdivide êste orixá em série, conforme o elemento da natureza a que se refere, água, ar, terra ou fogo.

Iemanjá é a grande Mãe da Água, cultuada no mar ou mesmo nos rios, quando venerada através das **Oxuns,** suas filhas.

Xangô, o grande orixá do fogo **deve ser uma manifestação mais direta do próprio Oxalá,** pois que na teogonia indígena se enquadra perfeitamente a **Tupã,** o senhor do raio e da trovoada; e, na grega, ora é Júpiter, ora é Prometeu, podendo também corresponder a Mercúrio, o mensageiro dos deuses. Afinam-se a êste orixá, os orixás femininos do fogo e da água e das matas **Oiá** (ou **Inhançã**) e **Obá,** deusas primitivas da Nigéria.

Oxosse e **Ogun** irmanam-se a **Xangô** e com êle formam a tríade de guerreiros da Umbanda.

Há inúmeros orixás, dos quais diremos alguma coisa no nosso DICIONÁRIO DE UMBANDA, trabalho que complementa a presente obra.

Exu é o orixá menor mas que, sem o qual, nada de grande se faz.

De maior comodidade para o leitor será o Dicionário, a que nos referimos, de consulta fácil sempre que fôr mister. Assim, aqui não nos perderemos em considerações outras a não ser o que REPUTAMOS DE MAIS GRAVE NO TOCANTE A TUDO QUE SE DIZ NO BRASIL SÔBRE OS ORIXÁS DE UMBANDA. É o seguinte:

Como simples estudioso e aprendiz que somos em tal matéria, procuramos sempre manter-nos em dia com tôdas as publicações que aparecem no país **sôbre Umbanda.** Pois bem, em muitos livros temos encontrado quadros e listas tentando estabelecer uma similitude ou relação entre os Santos da Igreja Católica e os Orixás.

Temos lido tôdas as obras que nos caem às mãos com o maior carinho e observamos que há um esfôrço enorme por parte de cada companheiro em querer explicar aos confrades o que sejam os orixás, contando vidas de santos, etc. — penetrando em um terreno que já não é bem nosso.

Concordamos em que se tente esta similitude entre orixás e santos, ao ponto mesmo de se chamar ao orixá de santo. Contudo já é tempo de fazer-se coisa mais criteriosa como seja a realização de um congresso de autores de Umbanda e Caciques Velhos a fim de que não sofra o público leitor a sanha da dúvida caótica.

Aquêle que não teve um contato mais direto com alguém versado em religião africana, e haja entrado para a Umbanda como a maioria de seus atuais adeptos, sem uma noção segura sôbre orixá, acabará na mais triste confusão, não sabendo se **Exu** é São Pedro ou próprio Diabo católico.

Isto não pode continuar assim, explique-se sempre e sempre em cada obra que verse sôbre **orixás** que êstes **não são** os santos da Igreja; que os umbandistas têm imagens e estampas de santos como meros pontos de referência no próprio pensamento do místico ou do filho de fé no ato da prece ou da concentração.

Exu, Ogun, Xangô ou quaisquer outros **orixás** são, antes e acima de tudo, fôrças da natureza, princípios criadores ou destruidores, sòmente personalizáveis na imaginação do homem sempre pronto a pensar num Deus barbado e velho, qual o Padre Eterno dos católicos.

Um terreiro pode possuir mil imagens e estampas e pode também estar despido de santos. Não valem os santos que se penduram nas paredes e sim o grau de respeito e recolhimento com que assistimos ao ritual umbandista.

A cruz do Cristo Crucificado, entretanto, deve figurar em qualquer tenda ou terreiro, porque a Umbanda no Brasil e do Brasil é francamente cristã. Não pertencemos ao raio cultural do Bramanismo, do Budismo ou do Mosaísmo. Sejamos mais **ocidentais**.

SALVE NOSSO SENHOR DO BONFIM!

OS PRÊTOS VELHOS

Que o espírito desencarnado, habitando ainda nos subplanos inferiores do plano astral, pode perturbar a vida dos que ainda estão na matéria é um fato que, em espiritismo, se não discute mais.

Imagine-se que alguns **milhões** de negros desencarnaram no Brasil como escravos e levaram o rancor à chibata, aos maus tratos do senhor branco. Considere-se que muitos filhos de escravos e muitos negros, mesmo após o memorável 13 de maio de 1888, contiuaram odiando os brancos e trabalhando espiritualmente contra os mesmos brancos. Todos os conhecimentos mágicos trazidos do continente negro foram empregados nessa obra terrível de vingança de uma raça agonizante contra outra raça escravizadora. Pois bem, ainda temos no astral milhares de milhares de negros a perturbar a vida daqueles que, tendo sido seus inimigos em vida, já reencarnaram, ou mesmo lutando para destruir a felicidade dos descendentes de seus antigos inimigos.

Nós ouvimos muitas vêzes da bôca de negros esta expressão tão significativa: "Negro não é amigo de branco". Tratamos com negros e mulatos com recalques tais de inferioridade ou de desejos de vingança, que sabemos consagrarem sua vida ao serviço do mal contra o branco. A religião africana trazida para o Brasil e que na África fôra o culto do bem e dos mais adiantados espiritualmente, aqui se transformou aos poucos na chamada quimbanda dedicada ao mal e hoje, entre cada mil batuqueiros ou macumbeiros, encontramos apenas um que ainda conserva a bondade dos primitivos **babás** afriacnos. O

negro em nosso meio degenerou o seu rito e, se o puro batuque, conforme já explicamos em capítulo reservado ao mesmo na primeira parte desta obra, não se dedica às práticas de espiritismo puro, hoje, ao contrário, muitas são as **casas de nação** ou de **lei de santo** que se consagram a trabalhos infames de amarração, servindo-se de almas atrasadas dos desencarnados da mais baixa espécie moral e espiritual.

Em se considerando a coisa sob êste aspecto, damos razão plena a Lourenço Braga quando diz: que a Umbanda existe para destruir a Quimbanda, pois sabemos que a Umbanda, tal como hoje é praticada no Brasil, daqui há muitos anos, não mais terá os aspectos externos que ainda possui e que são tão acerbamente criticados por velhos mestres de ocultismo: incorporações violentas, ritual complicado, emprêgo de material ainda muito usado no batuque, etc. Tudo evolui e a Umbanda Lêmur transformada em rito africano, brasileiro ou cubano, manifesta-se em cada região ou no seio de cada povo sempre de acôrdo com as necessidades espirituais do grosso das populações.

Uma religião que não é dedicada aos poucos, como as práticas esotéricas de Blavatski, amolda-se à índole das multidões. Eis porque encontramos no Brasil uma Umbanda eivada de ritualística complicada. Nosso povo é essencialmente místico e fetichista, amigo das fantasias e dos carnavais. Assim sendo, não se pode furtar, no culto religioso, às exterioridades que, para outra gente, outra grei, seriam desnecessárias.

Assim temos uma Umbanda de pontos cantados, pontos riscados, caboclos barulhentos que fumam e tomam cachaça e prêtos velhos com aparência de primitivos **kimbanda-loés**.

Sabemos não ser esta a meta humana em seu evoluir religioso. Não. O homem atingirá ao grau de pureza e amor que o capacitem a uma união mais estreita com as fôrças da natureza e comunhão com espíritos de luz, sem

que se torne mister tais ritos, tais manifestações muitas vêzes acoimadas de animismo grosseiro.

Tôdas as nações desejam paz e todo povo precisa de paz para ser feliz, para trabalhar, contudo, enquanto houver no mundo um único exército haverá quem mantenha outro exército para contrapor-se a qualquer ataque. Portanto, enquanto se não destruir totalmente todo o mal que o homem semeou aqui e no invisível contra o próprio homem, pelo poder da magia do mal (quimbanda), haverá trabalhadores da magia do bem (umbanda). E como matar cobra senão a cacête? Como fazer face a uma carga de metralhadoras, senão metralhando também?

Se não houvesse um Lucifer, não haveria um Miguel de espada flamejante; se não tivesse existido um dragão, não haveria um São Jorge de lança em riste; se o Santo Sepulcro não fôra profanado, não houvera Cruzadas e Guerras Santas; se um Lutero se não rebelasse, não teríamos um Loiola, um Richelieu a promover guerras de religião.

A LUZ EXISTE PARA DISSIPAR A TREVA

Assim, a luz do **Prêto Velho de Aruanda**, espírito de elevação extraordinária, liberto já de mil coisas dêste mundo, baixa humildemente até a nossa miséria moral, sob a forma de um **velho pai de santo** ou **babaloxá**, com o fim de **curar a mordida da cobra com veneno de cobra**, mas com o veneno da cobra que não mordeu, que não feriu, que se sacrificou, que se ofereceu em holocausto a Deus.

Porque o prêto velho pita, bebe marafo, cospe no chão deseducadamente e faz trejeitos agorilados, não nos cabe o direito de criticarmos ou julgarmos de seu grau evolutivo. Quanta gente bela, neste mundo, possui um péssimo caráter, e quanta gente feia há com o coração grande e puro!... Quanto espírito, pois, que baixa em mesa branca, usa de um linguajar castiço e demons-

tra uma cultura fina e um gôsto apurado, vem, às vêzes, semear a intriga, a discórdia, a malquerença! Assim também, quanto espírito aparentemente humilde, de falar e gestos acacoetados, vem trazer o amor, o ensinamento da bondade, a luz de sua **Aruanda!...**

Sabem lá os sábios teósofos que querem criticar a manifestação do **Prêto Velho** se não faz parte de uma penitência imposta ao médium ou ao próprio **Prêto Velho**, que êle assim se manifeste em forma humilde para sofrerem ambos o apupo dos doutos filósofos que vivem pela ciência mas esqueceram que mais que esta pode fé?!...

Conhecemos **Pai Joaquim de Aruanda** há quase vinte anos. Privamo com êle em nossas horas mais amargas, quando nos faltava o confôrto no lar, o carinho materno e a bondade dos que tinham por obrigação nos conduzir. Encontramos na palavra dêste **Prêto Velho de Luz** o consôlo às nossas tristezas, o consôlo à nossa conduta; devemos quase tudo do que somos espiritualmente e mesmo do que possuímos materialmente a êste Prêto Velho e a outros Prêtos Velhos de Aruanda, como Pai Antônio, Pai João e outros. Não nos cabe cuspir na mão de quem nos amparou nas horas em que a única solução para nosso destino difícil se nos afigurava o suicídio físico, porque vítima do assassínio moral já o éramos.

Não cogitamos com a nossa Codificação uma perfeição tão grande como seja a de obrigar aos Prêtos e Caboclos que dêem manifestações **educadas** capazes de serem apreciadas por gente culta sem ferir preconceitos. Há entidades que educamos, como educamos nossos alunos na escola, mas não nos cabe o direito de educarmos os pais de tais alunos e nem a nossos próprios pais ou mestres. Os velhos irão cedendo lugar aos novos e tudo irá evoluindo gradativamente.

É o quanto cumpríamos dizer em resposta a algumas cartas que recebemos de velhos filósofos com meio século de prática espiritualista.

Não nos magoamos, nem pretendemos desmerecer-lhes o brilho de uma cultura vastíssima. Apenas cabia-nos o dever de uma satisfação plena ao nosso silêncio. Nós tombamos como Estêvão aos golpes das pedradas, pois que discípulos de nossos discípulos já nos têm dito que não toleram a nossa Umbanda, como se fôra nossa uma coisa que ao Todo pertence e que só ao Todo cabe imprimir um movimento mais ou menos acelerado.

Evitem-se interpretações falsas a nosso respeito, pois ao empreendermos esta obra nossos fins são:

1.°) esclarecer ao leigo que Umbanda é religião e ciência;

2.°) promover a confraternização entre os umbandistas sem cercear-lhes o direito de livre ritual, conforme receberam de seus guias;

3.°) mostrar ao mundo religioso super-civilizado de hoje que o negro e o ameríndio possuíam uma cultura teogônica também vasta e digna de estudo;

4.°) propagar a **Lei de Umbanda** que nos foi ensinada em longos anos de aulas pelo Prêto Velho de Aruanda, como norma de vida religiosa e conduta moral que se enquadra perfeitamente ao estado civilizacional do Brasil hodierno;

5.°) escrever **sem ditar ou criar leis novas**, apenas transmitindo os conhecimentos recebidos de espíritos de Aruanda, cujos ensinamentos e normas de vida condizem com a hora presente;

6.°) promover um melhor entendimento entre todos os intelectuais que se têm dedicado a semelhante cogitação, a fim de que não se transformem em fôrças dispersivas de confusão e intolerância;

7.º) fundar centros de estudo ou de trabalhos práticos, de combate à chamada quimbanda, pondo à testa dos mesmos, elementos de reconhecido valor cultural, moral e social mesmo. A nenhuma entidade ou organização desejamos dirigir, pois reconhecemos em nós graves defeitos que já não encontramos naqueles que escolhemos com auxiliares.

Não ambicionamos a cadeira de São Pedro, nem um papado romano. Preferimos antes as peregrinações de Paulo, as suas prisões, os seus naufrágios... ou o recolhimento e o esquecimento final de São Jerônimo, aos quais temos por padrinhos na Umbanda.

Esta foi a orientação que recebemos de Pai Joaquim de Aruanda e dela não nos afastaremos até...

Pai Joaquim que vem de Aruanda,
Vem descendo,
Noite escura,
No meio da tempestade,
P'ra sarvá fiio de Umbanda,
P'ra sarvá fiio de Umbanda,
P'ra sarvá fiio de fé...
Ê!... ê!...

Êste foi o primeiro ponto cantado de Umbanda que ouvimos, e havemos de cantá-lo até que nossos lábios emudeçam neste planêta.

PONTO DE PAI JOÃO

Um dos maiores luminares da Umbando no Brasil

Pai João, Pai João,
Prêto velho da Bahia!...

Pai João, Pai João,
Prêto velho da Bahia!...
Caminhou para os pés de Oxalá
Tôda a noite e todo o dia.
Caminhou para os pés de Oxalá
Tôda a noite e todo o dia.
Mas como êle caminhou,
Meu Deus,
P'ra saravá os filhos seus!...
Mas como êle caminhou.
Meu Deus,
P'ra saravá os filhos seus!...

O Grande Pai João de Sá Oxalá da Bahia, baixa para falar com seus filhos de fé por intermédio do "cavalo" Sra. Marieta Cardoso de Moura Dias, residente no Rio de Janeiro.

A seguir, apresentamos alguns conselhos, embora numa linguagem velada, tal como ouvimos de Pai João.

CONSELHOS DO PAI JOÃO

Filho, quando a pedra fôr pequena, arreda-a de teu caminho; mas, quando fôr muito grande, passa por cima.

A vida não é aqui.

Não se brinca enquanto se dança, na Umbanda.

Nunca houve fanatismo.

O caráter festivo da Umbanda significa confraternização. Nela não há classes nem castas.

Eu sou pequenino.

Os tempos são chegados... de haver compreensão.

O filho que se julga sábio pensa que tudo pode fazer... Mas o que pode o filho fazer se não tiver a FÉ e a compreensão da Vida do Pai Maior?

De que vale o DINHEIRO para o homem ter o pão se êle não tem a FÉ que é o pão do espírito?

O próprio burro ensina ao homem que tudo tem limite, pois o burro arreia a carga quando esta é demais. Assim o sábio arreia a sua sabedoria diante da fé.

O próprio passarinho é plantador. Planta meu filho, como o passarinho, sem que te preocupes quem cuidará de tua plantação.

Tôdas as religiões são boas. Os caminhos são diversos. O caminho tem as 7 aberturas. O fim é o Pai.

OS CABOCLOS

Saravá os Caboclos de Arabután!...
Saravá os Caboclos do Ara-Jací!...
Saravá os Caboclos de Al-Çaíra!...
Salve o Povo de Tupã!
Salve o Povo da Lua!
Salve o Povo das Montanhas!
Salve o Caboclo das 7 Encruzilhadas!

Se a África foi o bêrço do Batuque que se transplantou para o Brasil, foi a América o túmulo do escravo, o jardim do cristianismo e, paradoxalmente, uma nova Terra de Promissão!...

A tradição multi milenar do negro lemuriano aqui veio casar-se à mais nova e à mais pura das religiões de amor, o Cristianismo.

A América era virgem para o europeu, mas era já matrona avançada em anos para o próprio ameríndio.

Toltecas, Maias, Aztecas, Incas e outros povos americanos possuíam as suas teogonias, os seus conceitos firmados sôbre a vida e a morte, a imortalidade da alma, etc. Até mesmo uma imensa simbologia foi encontrada aqui no Novo Mundo, inclusive a CRUZ, símbolo universal de orientação mística.

Mas os conquistadores, em sua grande sêde de domínio, ânsia de glórias e conquistas, ávidos de rapinagem e famintos de tesouros, tudo destruíram em sua passagem, tudo derrubaram, tudo espesinharam.

Montezuma foi apedrejado, Guatimozin foi pôsto num braseiro, Ataualpa alimentou uma fogueira com seu corpo e o último Xavante embrenhou-se nas selvas brasileiras. O branco, em nome de Jesus, de um Jesus de amor, assenhoreou-se na terra a ferro e fogo. Não conseguindo, contudo, escravizar o nativo, transplantou da África o braço negro e com êle plantou os canaviais das primeiras capitanias florescentes.

A ambição, a cobiça, a concupiscência, a luxúria, de par com a traição e o crime, atravessaram os mares de Colombo usando e abusando do nome sagrado de Jesus e do símbolo augusto da Cruz.

Se um punhado de apóstolos do bem, tais como Anchieta, Nóbrega e Vieira, aqui vieram espalhar o amor e atenuar a barbárie do pirata civilizado, em compensação vieram aos milhares os mercadores do Diabo, os compradores de vidas, de sêres humanos, os anti-cristãos legítimos, os fariseus da Idade Moderna.

Tupis, Guaranis, Tapuias, Quíchuas, Aimarás, Astecas, Maias, etc... todos, em espírito guardam a gratidão àqueles que, livres das ambições mais baixas, vieram para o novo mundo com sadios desejos de levarem a Jesus as almas dos nativos que ainda não conheciam a palavra do do Evangelho. Um Anchieta não negou Tupã: explicou-o apenas em linguagem amiga e mansa ao selvícola que o aceitou de bom grado para preceptor espiritual. E, o que tem o índio para dar, para agradar, em sua lealdade selvagem, senão a planta ou erva nativa como medicamento, a flecha, o arco e o fogo como defesas?

"E quem poderá saber — diz Florisbela em seu livro **"Umbanda"** — se êstes espíritos, ao deixarem na terra o envoltório material em seu vitorioso regresso aos planos do Além, e recordando ali todo o passado, não preferem continuar na humildade da última encarnação como o meio mais rápido de se lapidarem?"

O caboclo que se manifesta no terreiro de Umbanda pode ter sido mesmo um índio na última encarnação e

pode também ser um espírito de luz que prefira — como sucede ao Prêto Velho — a forma de caboclo em sua manifestação porque, dentro de tal humildade se aconchega mais ao filho de fé, e dêste ouve o mais sincero queixume.

Quantas vêzes um simples soldado trata com um coronel ou um general, que esteja vestido a paisana e que o soldado não tenha conhecido em seu regimento, com a naturalidade de igual para igual, pedindo uma indicação ou um conselho, sem os temores de quem se dirige a um superior hierárquico? Pois, se disséssemos a um espírita humilde e sem vaidades que êle iria em dada sessão palestrar com o próprio Kardec ou com o Padre Anchieta, talvez êle se constrangesse ao manter um diálogo com os mesmos; mas... quem não nos dirá que o próprio Caboclo das 7 Encruzilhadas, pioneiro da Umbanda no Brasil e fundador dos mais antigos terreiros do Rio de Janeiro, não seja o grande espírito do Padre Anchieta que preferiu, por graça divina, apresentar-se ao novi-selvícola da civilização hodierna sob tão humilde e simples aparência?

A Umbanda está cheia de mironga e o muito que podemos dizer, em tantos anos de pesquisas e estudos é que estamos cada vez mais resolvidos a dedicar nosso respeito, nosso carinho, nossa gratidão a tôda manifestação ou comunicação sã, verdadeira, instrutiva, orientadora, medicamentosa e caridosa, sem ligarmos à forma como ela é dada, se na mesa de Kardec, no pegê do Prêto Velho, no terreiro do Caboclo ou pela expressão de um Exu. Para nós valem a intenção e o efeito. Temos a fé do pecador arrependido e estranhamos a vacilação de Pedro quando Jesus mandou-o andar sôbre as águas do lago.

Cada irmão de Umbanda, cada filho de fé que tenha oportunidade de falar com um caboclo amigo, poderá perguntar a êle mesmo, sem constrangimentos o que são os caboclos, o que podem êles fazer por nós e porque trabalham assim.

É verdade que alguns caboclos apresentam-se como **touros chucros** e precisam ser amansados antes de atrelados à carreta da mansidão e da caridade. Contudo, isto é mister que cabe ao Cacique já acostumado ao trato com entidades de tal ordem.

Há, entretanto, uma outra razão imperiosa que determina a aparente brutalidade da manifestação do caboclo. Ei-la: diversas pessoas tentam o desenvolvimento de sua mediunidade pelos caminhos do Kardecismo e nada conseguem. Passam anos e anos debruçados à mesa, sem sentirem sequer o menor fluido. Trazidas para o terreiro onde os fluidos astrais são mais densos e fortes e onde as entidades dispõem de recursos tremendos mesmo para forçar uma incorporação em quem dela duvide, tais pessoas ràpidamente são desenvolvidas.

Outro ponto queremos frisar: a manifestação brutal do caboclo também é grandemente atenuada e modificada quando no trato e no desenvolvimento do **cavalo**, cuida-se que o mesmo cumpra suas obrigações sociais, obrigações para com seu **orixá**, se já sabe qual é, e se mantenha em boa higiene a poder de banhos e amacis adequados.

Há também muita manifestação barulhentá e pomposa que não é de Caboclo e cuja finalidade é o embuste, a mistificação. Em tais casos, cabe também ao Cacique discernir e resolver, doutrinando ou expulsando o embusteiro.

Os casos de animismo também são freqüentes em Umbanda e merecem carinhoso estudo e cuidado por parte do Chefe de terreiro.

Há legiões, falanges e falanges menores de caboclos das chamadas linhas de Ogun, Oxosse, Xangô, Iemanjá, etc., segundo os melhores autores de Umbanda. Neste

sentido, observe-se cuidadosamente o que diz Lourenço Braga, no capítulo III de sua memorável obra "Umbanda e Quimbanda", e compare-se com o que escreve Aluizio Fontenelle às páginas 70-78 de seu trabalho "O Espiritismo no conceito das religiões e a Lei de Umbanda".

Ambos os trabalhos são interessantíssimos e, conquanto o segundo seja mais bem desenvolvido para o fim a que se destina, não podemos desfazer os méritos do primeiro e reconhecemos em Braga um pioneiro.

OS CACIQUES

Generalizou-se no Brasil a denominação "cacique" para aquêles que presidem sessões de Umbanda.

Entenda-se, pois, que cacique quer dizer chefe, guia, diretor, mentor, orientador.

Êste pôsto, na Umbanda, é sempre muito cobiçado.

Muitos são os irmãos que, com apenas alguns meses de conhecimentos sôbre o assunto, tendo estado em sessões como simples assistentes ou médiuns noviços em desenvolvimento, pretendem logo chefiar um terreiro e chegam até ao arrôjo de criá-lo.

Todos os dias nascem novos terreiros de Umbanda que são chefiados por pessoas de parcos conhecimentos espiritualistas. No geral são membros de outros terreiros mais antigos que se rebelam contra os caciques e saem para a aventura do espiritualismo prático, sem armas de defesa, sem uma formação sólida, sem uma longa experiência.

Os erros anteriormente criticados são repetidos, surgem as confusões, as intrigas de bastidores espiritistas e os próprios bons guias do invisível, que porventura se tenham aproximado, acabam encontrando dificuldades à sua obra e, delicadamente, às vêzes, despedem-se.

Cacicar — repetimos — é guiar, chefiar, dirigir, aconselhar...

Mas como poderá guiar ou conduzir alguém aquêle que para si mesmo não tem conduta?

Como chefiará aquêle que não soube e não quis obedecer, que só teve para com o seu chefe palavras de crítica?

Como há de ser a direção de um barco quando o seu comandante ou pilôto não conhece os mares tenebrosos pelos quais se aventura?

Como aconselhará aquêle que não quis ouvir conselhos e que renegou quaisquer mentores, confiando exclusivamente em sua própria razão alucinada?

Estas perguntas nós as dirigimos a **todos que nos lêem** e que são caciques de Umbanda.

Cada homem tem uma consciência e o ato mais sublime da ciência ativa do pensador, será talvez colocar-se ante a própria consciência como à frente de um espelho, examinando profundamente a fisionomia de sua alma.

Reflita-se mais sôbre as seguintes perguntas:

Seria a Igreja Católica Apostólica Romana, forte e milenar se a cada fiel fôsse facultado fundar capelas, organizar paróquias e arvorar-se em padre logo às primeiras letras do catecismo, sem um estudo sério nos seminários, sem as ordenações, os votos, os juramentos, as disciplinas, a hierarquia?

Reinaria ordem num país onde a qualquer cidadão fôsse facultado armar-se e formar seu batalhão independente, negando-se de pertencer ao exército nacional uno organizado com bases na disciplina, na ordem, no conhecimento estudado da técnica militar?

Pode alguém arrogar-se ao exercício das profissões liberais, medicina, advocacia, magistétrio, etc., sem preencher as formalidades de uma disciplina cultural e exigências legais?

Como então fundam-se terreiros e mais terreiros de Umbanda por êste Brasil, sem outras exigências que as da elaboração de um estatuto social quase profano e licença das autoridades para funcionar como funciona qualquer sociedade bailante e recreativa?

O direito à "liberdade de consciência" e de culto é o mais sagrado dos direitos humanos. Aos governos nacionais constituídos e à sociedade cabem zelar para que êste direito universalmente proclamado não seja conspurcado, facultando a todo o homem a possibilidade de expor suas idéias e realizar seu culto.

O govêrno, a sociedade, a polícia, entretanto, não têm olhos para ver em cada culto, cada religião aquilo que é certo ou errado. Estas entidades só poderão podar atos e fatos que sejam atentatórios à ordem pública e aos bons costumes, não sabendo jamais — no caso da Umbanda, por exemplo — se tal ou qual terreiro age umbandìsticamente bem ou mal.

Não cabe ao Presidente da República ou ao Chefe de Polícia o conhecimento integral do Código Canônico da Igreja. Esta mesmo dispõe de meios para castigar, expulsar de seu seio ou excomungar aos filhos faltosos.

O Espiritismo de Kardec, em quase cem anos de vida pública, ainda não é uma religião organizada nem possui fôrça de coesão apesar das federações. Estas entidades apenas agremiam centros, mas não têm fôrça diretiva ou fiscalizadora sôbre os seus federados e muito menos sôbre os milhares de centros que pululam no país e mesmo no mundo.

A Umbanda no Brasil com apenas um quarto de século de vida pública irregular não atingirá jamais à sua finalidade precipua de religião nacional organizada se continuar como uma família desunida, como algo desorganizado.

Não precisamos aqui repetir o que ficou dito às primeiras páginas desta Codificação, sob a denominação de "Diretrizes".

Sabemos que muitos caciques confiam plenamente nas entidades que recebem durante a direção dos trabalhos e que, por isso mesmo, não procuram estudar nem fazer maior experiência como homens conscientes.

Mesmo quando o cacique recebe, durante os trabalhos, um guia de grande elevação espiritual, somos pelo aperfeiçoamento de sua cultura geral e pelo aprimoramento de sua inteligência individual, porque, em razão

do cargo que exerce será sempre consultado por seus irmãos e auxiliares de crença e, sem cultura própria, não poderá orientar seus comandados, a não ser que disponha de uma excepcional intuição espiritual.

Após tais considerações, poderá o leitor exigir de nós uma resposta à seguinte pergunta: — "Como deve ser o cacique de Umbanda?"

Esta pergunta é natural, pois criticar sem indicar o remédio para o mal que se critica, é o mesmo que demolir sem construir. Não é êste o nosso feitio. Sempre que matamos a cobra, mostramos o pau.

Para nós, o cacique de um terreiro de Umbanda deverá ser um filho de Umbanda que preencha os seguintes requesitos indispensáveis:

1.°) ser um filho "cruzado" possuindo os necessários "achés" que lhe capacitem ao cargo de cacique;

2.°) haver completado pelo menos 7 anos de serviços efetivos de umbanda, como irmão assistente, militante, ogan, etc.;

3.°) possuir conhecimentos práticos e teóricos bem definidos quanto à Umbanda e ciências espírito-esotéricas correlatas;

4.°) seja médium ou não, deve estar capacitado de poder dirigir uma sessão, mesmo nas mais difíceis situações, em estado de plena consciência. sabendo manobrar ou socorrer-se de seus guias pelo poder mental;

5.°) sem ser um asceta, ou um celibatário, deve possuir uma conduta moral-sexual bastante elevada, conforme assim deve ser a de quem quer fazer jus ao título de sacerdote de Umbanda;

6.°) manter honestidade em todos os seus negócios na vida profana;

7.°) amar a Verdade, a Justiça e a Caridade.

Quando possuirmos elementos, às dúzias, capazes de preencherem os itens acima, teremos que possuir também uma organização modelar, disciplinada, hierarquizada e amiga da luta pelo bem comum, com elementos detentores de espírito de renúncia, capazes também de julgarem do mérito daqueles que aspiram ao cacicado.

O antigo Batuque, ou religião do negro transplantada para o Brasil, apesar de decadente e ser hoje, quase que no seu todo, um instrumento de quimbanda, apresenta mais organização, mais disciplina e respeito entre seus membros que a chamada Umbanda nacional.

Sem organização, sem respeito mútuo, sem união, sem disciplina, sem hierarquia, sem uma direção temporal bem inspirada, nunca chegaremos a fazer jus ao título de filhos de fé, irmãos de Umbanda.

Apontamos o mal e indicamos o remédio. É quanto podemos fazer. Não temos licença de nossos guias para irmos além do que somos: aprendizes de 1.° grau.

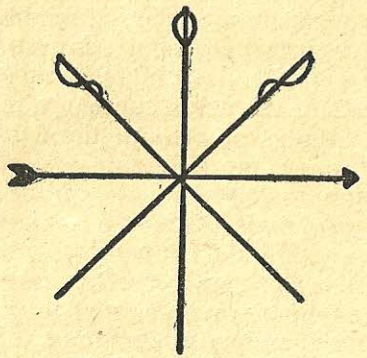
Temos desempanhado as funções de cacique, sòmente em situações de emergência. Examinamos nossa consciência e, justamente porque consideramos imparcialmente os inúmeros erros que temos cometido, é que já podemos predicar a principiantes mais novos.

Com tudo o que sabemos, e que bem transparece do que temos apresentado, ainda não nos sentimos dignos de permanecer à testa de um terreiro e nem nos arrogamos o direito de processar cruzamentos.

Dependemos e ainda dependeremos das instruções de nossos guias-instrutores Pai Joaquim de Aruanda, Pai João da Bahia, Pai Antônio de Aruanda. Quando em prática agimos, nenhum poder é nosso e sim legado como empréstimo do Pai, através daqueles que nos cruzaram, cujos nomes não revelamos aqui.

Se erramos, somos punidos pela Lei e a Lei é inexorável porque é Lei de Umbanda, é Lei Divina.

Saravá Xangô-mi-leu!...



A religião assenta na moral, disse Coelho Neto em seu livro "Alma".

E, realmente, em matéria de religião quando falta moral, os ídolos caem dos pedestais e os templos ruem por terra.

Qualquer que seja a seita, quando os seus sacerdotes e adeptots pecam contra a moralidade, já não mais podem agir em função do bem.

Todo aquêle que se dedica ao serviço do bem, em função religiosa, estará constantemente assediado por tentações de tôda a ordem. Quanto maior fôr a graduação espiritual do adepto, tanto maiores serão as tentações.

Mesmo o Grande Mestre Jesus foi, conforme diz o Evangelho, assediado pelo próprio Satanaz, após os quarenta dias de jejum no deserto.

Como, pois, que o pequenino discípulo poderá estar a coberto daquilo de que se não livrou o próprio Salvador? E discípulo jamais será maior que o mestre.

Os sete vícios capitais assaltam constantemente a alma do homem, e muito mais violentos são êstes ataques quando o homem atingiu certo grau de espiritualidade.

Mas dentre todos os pecados, o mais terrível e o mais rigorosamente punido pela inexorabilidade da Lei é o pecado da carne, o chamado pecado de amor.

Há religiões que exigem de seus sacerdotes o sacrifício total de sua vida sensual, obrigando-os a um ascetismo e uma castidade absolutos.

O padre católico não pode casar e não pode coabitar com mulher alguma.

Não nos cabe o direito de criticar qualquer norma de moral imposta por uma religião ao seu seguidor. Não é da nossa cogitação discutir o celibato do padre da Igreja. Êste cumpre um voto, realiza uma vocação, um sacrifício...

Queremos apenas frisar que, não descrendo jamais da possibilidade da castidade absoluta, sabemos que é excessivamente difícil mantê-la sem quebra do voto.

As tentações da carne assaltam o sacerdote como a qualquer homem e delas não poderão fugir. Podem combatê-las, sucumbir ou vencer.

A mulher, em linhas gerais, é mais dada ao misticismo que o homem; e, isto aproxima-a mais dos templos, das igrejas, dos lugares reservados ao culto e dos homens do culto.

Êstes, assaltados pela serpente do mal, já em função do culto, vêem-se obriagdos a manter relações com as fiéis. O confessionário, a intimidade da casa paroquial produzem aproximações, criam situações propícias ao assalto do Demônio e... muitos periclitaram e caíram em pecado, apesar da mesma fé que possuíam. Não se podem culpar a religião de tais desvios. Também não podemos negá-los, e o próprio dogmatismo católico predica que Deus permite ao Demônio tentar o homem.

Mais avisados são os protestantes e outras seitas cristãs que permitem o casamento de seus sacerdotes e pastôres.

Algumas destas seitas, desejando evitar os males do que acima mencionamos, impõem como condição para a ordenação ou exercício do sacerdórcio, que o sacerdote case antes de desempenhar suas funções no culto divino.

Achamos isto de grande importância e de pleno acôrdo com o cristianismo ensinado por São Paulo. Eis a razão do 5.º item ou condição a ser imposta ao cacique ou sacerdote de Umbanda.

O celibatário pode respeitar a mulher alheia por uma norma teórica de conduta; e, se não a respeitar não tem o que temer como represália. Se roubar a mulher ou a filha do próximo não precisa receiar que alguém lhe roube a sua mulher ou a sua filha (como conseqüência da justiça divina) porque não possui família.

Repetimos: não combatemos o celibatarismo nas outras religiões, mas, na nossa, somos pelo casamento dos caciques e mesmo dos médiuns quando êstes atingem a idade do matrimônio.

Nós, que temos estudado várias religiões e convivido com sacerdotes de diversas seitas, tomando parte ativa no seu culto, afirmamos, a bem da verdade, que a Umbanda é a religião que maiores perigos oferece quanto ao pecado da carne.

Quando não se pratica uma Umbanda apenas de terreiro e sim deseja-se a realização do culto levado ao ponto que deve ser: cultuação dos elementos da Natureza e na Natureza, cruzamentos reais, iniciações no mato, nas praias, nos montes, o que obriga a uma convivência mais ou menos prolongada entre iniciador e iniciando, o perigo de uma aproximação carnal é grande, quando os sexos gritam sob os impulsos das tentações.

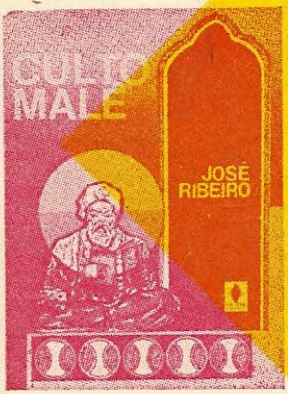
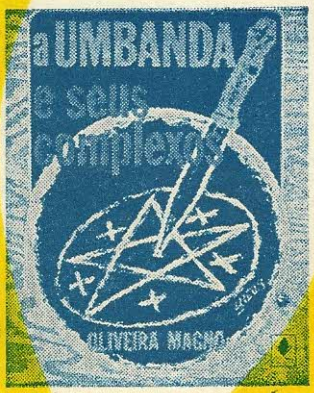
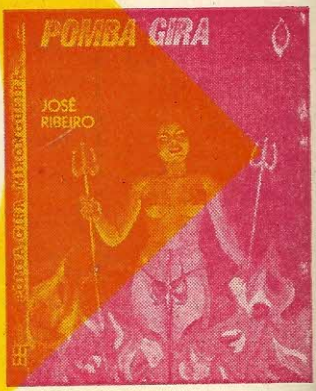
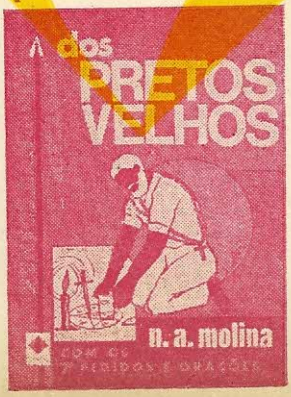
Saiba-se que para cada um espírito de luz que povoa o astral e influi sôbre um dado médium, existem cem espíritos malévolos e de baixos sentimentos, prontos ao assalto constante.

Almas de assassinos, almas de bêbedos, almas de jogadores, almas prostituídas e imbuídas ainda dos hábitos e vícios da matéria pululam constantemente em tôrno de todos os que possuem uma sensibilidade mediúnica mais ou menos desenvolvida, estando sempre prontos a um assalto. **"São os Pisâchas, os íncubos e súcubos dos escritores da idade média, os demônios da embriaguez, da gula, da luxúria e da avareza, poderosamente astuciosos, cruéis e maus, cujas vítimas são incitadas por êles com uma alegria cínica a cometer os piores crimes. São êles que fornecem, com a classe anterior, os tentadores, os diabos dos livros religiosos, mas falham completamente perante um espírito puro e reto, nada podendo contra qualquer indivíduo que não tenha já acalentado em si tendências criminosas semelhantes".** (1)

A maioria das entidades que se manifestam nos terreiros de Umbanda tentando disfarçarem-se em "exus" são sêres dessa natureza, e apegam-se tanto aos seus "cavalos" que, sòmente uma séria preparação e uma sábia conduta especial por parte do médium, poderá afastar dêste uma tão nefasta influência.

O verdadeiro "exu" será estudado noutro ponto, cabendo-nos no momento afirmar que "exu" é elemental, é orixá e também pode ser chefe de falange para o bem ou para o mal.

Colegio Pena Branca
Alexandre Cumino

(1) "O Plano Astral" — C. W. Leadbeater, 2.ª edição — 1925, página 77.

OBRAS CUJA LEITURA RECOMENDAMOS